

O que queremos para o mundo? apresenta

# REVISTA AMIGA DAS TELAS



Edição de Artigos 2021/2022



**Autorias**  
**IGOR AMIN**  
**LÍDIA LINO**  
**LUIZA VIANNA**  
**MAYAN MAHARISHI**

[www.oquequeremosparaomundo.com.br](http://www.oquequeremosparaomundo.com.br)



## **SOBRE AS AUTORAS E O AUTOR**

**Igor Amin** é educador audiovisual, diretor e empreendedor criativo. Mestre interdisciplinar em Ciências Humanas na linha de Educação, Cultura e Sociedade pela UFVJM – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (2020) e especialista em Biopsicologia pelo Instituto Visão Futuro (2010). Escreveu o livro “Como educar as crianças no mundo das telas?”, pela Aletria Editora. É idealizador da comunidade de educadores e educadoras audiovisuais “O que queremos para o mundo?”

**Acesse em: [www.oquequeremosparaomundo.com.br](http://www.oquequeremosparaomundo.com.br)**

**Lídia Lino** é jornalista, mãe, especialista em Comunicação Não-Violenta e educadora parental em Disciplina Positiva. Atualmente desenvolve pesquisas e projetos de comunicação digital para negócios e iniciativas ligadas ao universo da maternidade, feminismo e parentalidade consciente.

**Luiza Vianna** é mãe, educadora e empreendedora criativa. Mora com sua família no interior de Minas, onde desenvolve projetos de artes visuais, música, educação, yoga e terapias integrativas. Graduada em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia e Artes Visuais e especializada em Gestão de Projetos Culturais e Empreendimentos Criativos. Gestora da REFAZENDA – Turismo e Cultura.

**Mayan Maharishi** é comunicóloga, educadora do campo e terapeuta, dedica-se a atividades focadas em sustentabilidade, o que tem sido um caminho de vida simples e prosperidade. O envolvimento constante em atividades de educação, terapias e permacultura fez com que buscasse mais oportunidades na Educação do Campo UFVJM e tornou-se mestra em Estudos Rurais pela mesma instituição. É pós-graduada em Artes Visuais pela UFMG. Atua como gestora e educadora popular no Sítio Céu e Terra, integra o Coletivo Mangara e a equipe de educadoras da comunidade de educação audiovisual “O que queremos para o mundo?”. Atua em projetos com comunidades e povos tradicionais, saúde, educação, segurança alimentar, cosméticos naturais e agroecologia. É consultora em projetos ligados a comunidades tradicionais.

# PREFÁCIO

## O QUE QUEREMOS PARA O MUNDO?

Igor Amin

*O que queremos para o mundo?* é uma comunidade de educação audiovisual que desde 2006 está intencionada a ensinar e aprender com as crianças de forma engajada, para que juntos possamos transformar as telas em um ambiente amigável para todas e todos. Trabalhamos para que as telas sejam um lugar de escuta, imaginação e bem-estar, por meio de ações criativas que gerem impacto positivo no mundo.

Promovemos a educação audiovisual por meio de recursos audiovisuais disponibilizados em formações para educadores, produção de filmes educativos e realização de exposições presenciais e on-line com invenções criadas a partir de desafios lançados para as crianças. Buscamos retratar as infâncias que protagonizam mudanças positivas em suas escolas e comunidades, isso tudo amparado por um fundo para que as ações e os profissionais dessa iniciativa possam atuar por meio das tecnologias, das emoções e da natureza.

Nossas perguntas são: como educar as crianças no mundo das telas? O que as crianças querem para o mundo? Como as novas tecnologias podem se tornar instrumentos éticos e funcionais para as primeiras gerações? A falta do contato com a natureza e com o desenvolvimento que ela oferece pode estar enfraquecendo as suas relações intra e interpessoais?

Nosso propósito maior é o de construir um mundo das telas amigáveis para todas as crianças. Com o objetivo de estimular a sensibilidade infantojuvenil e em busca de inspirações para um mundo melhor, acreditamos na capacidade de o audiovisual e a educação promoverem experiências das mais diversas naturezas, promovendo a criatividade e o protagonismo dos que acabam de chegar a este mundo com toda sua complexidade, desafios e descobertas. Propomos o uso de tecnologias e espaços de escuta lúdica para manifestação dos mais variados modos de ser e estar no mundo.

Uma pedagogia da sensibilização do olhar para seis mundos propostos, que

contemplam desde o mundo das formas tridimensionais, palpável, até os mundos mais subjetivos, o de dentro de nós, onde ocorrem as ideias, os sentimentos e as mais diversas inspirações. Esses olhares são capazes de criar um mundo atento às subjetividades e objetividades infantis, destacando a linguagem poética da infância e sua relação com a construção de novos mundos. Uma conexão profunda com a imaginação e seu potencial de invenção de paisagens próprias e compartilhadas.

Para alcançar essa universalidade, nossa iniciativa possui símbolos que criam tonalidades para comunicarmos nossos valores. São eles o Coração, a Flor, o Beija-flor e o Sol, tão singelos e fortes na realidade e na linguagem do imaginário das crianças. O Coração representa o interior de todos os seres e a comunhão por meio do afeto. A Flor é a relação e o cuidado com a natureza e a sensibilidade. O Beija-flor representa a liberdade de expressão, sua graça e autenticidade. O Sol, por sua vez, é a primeira energia, a expansão da consciência, a curiosidade sempre em busca do novo.

Conheça nossa comunidade em [www.oquequeremosparaomundo.com.br](http://www.oquequeremosparaomundo.com.br).



# Sumário

---

## 1 - INTRODUÇÃO

**Vivendo em uma cultura das telas amigáveis. . . . . 10**

Igor Amin

---

## 2 - DIMENSÃO SOCIOTÉCNICA

**Roteiro, câmeras e truques de edição e até que ponto isso importa . . . . . 18**

Luiza Vianna e Igor Amin

**Construindo projetos audiovisuais criativos e inspiradores . . . . . 21**

Luiza Vianna

---

## 3 - DIMENSÃO SOCIOCULTURAL

**Equidade racial e o reflexo das infâncias nas telas . . . . . 26**

Mayan Maharishi

**A Educação Audiovisual como ferramenta para transver o mundo . . . . . 30**

Lídia Lino

**Filmando meu território . . . . . 35**

Mayan Maharishi

**Aulas e telas – uma conversa sobre novas mentalidades possíveis . . . . . 40**

Lídia Lino

**A cultura do brincar audiovisual . . . . . 47**

Luiza Vianna

**Transcendendo os limites da educação. . . . . 51**

Mayan Maharishi

---

**4 - DIMENSÃO SOCIOEMOCIONAL**

**Por que educar as emoções das crianças no mundo das telas? . . . . . 55**

Lídia Lino

**Segurança na rede, aplicativos para as infâncias e o (des)controle parental . . . . . 59**

Lídia Lino

**Infâncias e bem-estar nas telas . . . . . 66**

Luiza Vianna

**Chegou a hora dos  
descansos de tela . . . . . 69**

Luiza Vianna

---

**5 - DIMENSÃO SOCIOAMBIENTAL**

**Do planeta Tela ao planeta Terra: uma jornada  
necessária. . . . . 73**

Lídia Lino

**Planeta Terra chamando. . . . . 78**

Lídia Lino

**Agroecologia: da tela para a terra, da terra  
para as telas. . . . . 81**

Mayan Maharishi

**Permacultura na Educação Audiovisual . . 85**

Mayan Maharishi

# INTRODUÇÃO



## Vivendo em uma cultura das telas amigáveis

Igor Amin

Todo dia, ou melhor, praticamente todo dia, eu acordo, abro os olhos, respiro levemente, tomo banho e busco cumprir minha intenção de meditar, fazer alongamentos e tomar o café da manhã, começando por três frutas. Busco fazer algum exercício físico e logo... respiro fundo... para daí entrar no mundo das telas. Sou um Educador Audiovisual e as telas fazem parte da minha vida quase que 24 horas por dia, por isso preciso saber conviver bem com elas.

É comum que, ao navegar nas telas, um oceano de infinitas possibilidades boas ou ruins, algumas perguntas internas brotem em mim. Algumas delas são: as telas poderiam ser amigáveis para os adultos e as crianças? Quais nossos hábitos culturais e

tendências comportamentais que criam uma cultura em que as telas são vilãs nas vidas de mães, pais, professoras e professores? Quais habilidades podemos desenvolver para ensinar e aprender com o mundo das telas? Como podemos integrar outras visões de mundo diante do mundo das telas?

Quando eu era criança, tinha o momento específico do dia em que eu podia me conectar com as telas. Tinha a hora do desenho animado, o momento em que era possível entrar na internet discada sem pagar o minuto que ficávamos nela, de meia noite a 5 horas da manhã. De uns tempos para cá, o mundo das telas não tem hora para entrar, ele existe a todo momento dentro do meu bolso, com meu celular, na minha mesa de trabalho, com

o computador, e também em um cineminha que eu improviso com uma tela e um projetor na sala da minha casa, o Estúdio Mundos.

Para não ficar isolado ou grudado nas telas, busco me conectar com a natureza, observar os pássaros com meu monóculo em vez da câmera, organizar o terreiro e também busco me relacionar com pessoas inspiradoras sempre que possível. Eu até me mudei da cidade grande para viver em uma ecovila e assim poder estar em contato com uma vida mais serena, aqui no alto da montanha do Vale do Jequitinhonha em Minas Gerais, e então conseguir em um mundo tão tecnológico, com um tanto de informações que reverberam até mesmo nos sonhos quando nossa mente está sobrecarregada de informação.

Uma coisa que acontece comigo se eu levar a tela do celular ou do computador para a cama antes do sono é mesmo sonhar com tudo aquilo que eu estava lendo, ouvindo ou assistindo. Sai cada sonho maluco que vocês não fazem ideia. A última postagem do dia nas redes sociais tem a capacidade de entrar na história do seu sonho e então experimentamos altas aventuras durante a noite. Devido a esse fato, tenho colocado meu celular em modo avião algumas horas antes de dormir e, quando dá, deixo ele até em outro cômodo da casa. São pequenas práticas que investigo para me educar audiovisualmente. O que você faz para a tela não te sugar feito aspirador de pó durante o dia? Adoro perguntar isso para as pessoas.

Há alguns anos, tenho o hábito de convidar vários amigos e amigas, profissionais das mais diversas áreas do conhecimento, como música, arquitetura, artes visuais, teatro, programação, desenvolvimento de tecnologias, design, psicologia e outras, para fazermos parte de uma comunidade de educadoras e educadores audiovisuais, chamada “O que queremos para o mundo?”. É nessa iniciativa que busco construir, em boa companhia, um trabalho diário por um mundo das telas amigáveis.

Nós do *O que queremos para o mundo?* estamos desde 2006 intencionados a ensinar e aprender com as crianças de forma engajada, para que juntos possamos transformar as telas em um ambiente amigável para todas e todos. Trabalhamos para que as telas sejam um lugar de escuta, imaginação e bem-estar, por meio de ações criativas que gerem impacto positivo no mundo. Promovemos a educação audiovisual por meio de recursos disponibilizados em formações para educadores, na produção e exibição de filmes educativos e na realização de exposições presenciais e on-line com invenções criadas a partir de desafios lançados para as crianças. Buscamos retratar as infâncias que protagonizam mudanças positivas em suas escolas e comunidades, isso tudo amparado por um fundo para que as ações e os profissionais dessa iniciativa possam atuar por meio das tecnologias, das emoções e da natureza.

Nessa comunidade sempre nos perguntamos: como educar as crianças no mundo das telas? O que as crianças querem para o mundo? Como as novas tecnologias podem se tornar instrumentos éticos e funcionais para as primeiras gerações? A falta do contato com a natureza e com o desenvolvimento que ela oferece pode estar enfraquecendo as suas relações intra e interpessoais?

Nosso propósito maior é o de construir um mundo das telas amigáveis para todas as crianças com o objetivo de estimular a sensibilidade infantojuvenil e na busca de inspirações para um mundo melhor. Acreditamos na capacidade de o audiovisual e a educação promoverem experiências das mais diversas naturezas, trazendo a criatividade e o protagonismo dos que acabam de chegar a este mundo por meio de desafios e descobertas. Propomos o uso de tecnologias e espaços de escuta lúdica para manifestação dos mais variados modos de ser e estar no mundo.

Uma pedagogia da sensibilização do olhar para seis mundos propostos, que contemplam desde o mundo das formas tridimensionais, palpável, até os mundos mais subjetivos, os de dentro de nós, onde ocorrem as

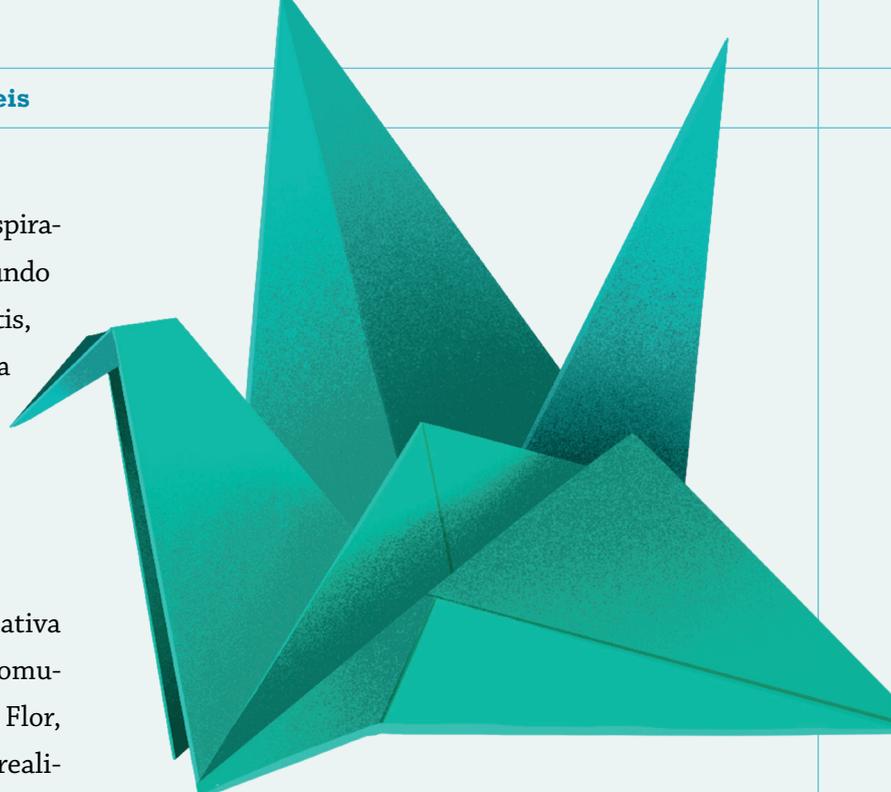
ideias, os sentimentos e as mais diversas inspirações. Esses olhares são capazes de criar um mundo atento às subjetividades e objetividades infantis, destacando a linguagem poética da infância e sua relação com a construção de novos mundos. Uma conexão profunda com a imaginação e seu potencial de invenção de paisagens próprias e compartilhadas.

Para alcançar essa universalidade, nossa iniciativa possui símbolos que criam tonalidades para comunicarmos nossos valores. São eles o Coração, a Flor, o Beija-flor e o Sol, tão singelos e fortes na realidade e na linguagem do imaginário das crianças. O Coração representa o interior de todos os seres e a comunhão por meio do afeto. A Flor é a relação e o cuidado com a natureza e a sensibilidade. O Beija-flor representa a liberdade de expressão, sua graça e autenticidade. O Sol, por sua vez, é a primeira energia, a expansão da consciência, a curiosidade sempre em busca do novo.

Este texto é uma narrativa confessional, que busca contar quem eu sou e como eu penso, quero e faço para construir este mundo das telas em que acredito. Sabia que eu até escrevi um livro chamado “Como educar as crianças no mundo das telas?”, que conta minha história? Ele está servindo de inspiração para eu escrever este texto.

De volta a minha pessoa: nasci na geração Y, das crianças millennials ou tecnológicas. Sou um pré-nativo digital e meu brinquedo favorito, claro, era um radinho vermelho de fita cassete a pilha. Ele tinha um microfone que me permitia gravar a voz e então ouvir o que eu falava. Eu não conversava muito, então era legal poder ficar sozinho, gravar umas coisas no radinho e ficar ouvindo depois. Quando uma criança pode ser ouvida e tem oportunidade de expressar o que sente, com respeito ao seu lugar de fala, é algo libertador para ela.

Por isso acredito que precisamos deixar de lado



essa cultura hegemônica que normatiza o adultocentrismo como uma espécie de fábrica que cria estereótipos sobre as infâncias.

Impressionante como podemos crescer e esquecer como foi ser criança, e não perceber que as infâncias são plurais. Elas têm sua própria cultura e esse sistema socioeconômico em que vivemos não dá conta de valorizar de forma empática a diversidade das crianças que vivem espalhadas pelos quatro cantos do mundo. Uma das coisas muito ruins que um adulto pode fazer para uma criança é querer controlar a forma como ela constrói suas próprias narrativas.

Não é fácil curar uma ferida quando somos crianças. Temos poucos recursos para lidar com este mundo em que vivemos e imagino que é por isso que as crianças contam com a ajuda dos adultos. Eu adoro criar metáforas e olha esta que criei:

Crianças amam construir castelos de areia. Nós adultos não precisamos construir um castelo para elas brincarem, mas sim podemos estar disponíveis para acompanhar o processo delas, dando algumas dicas, fazendo o nosso próprio castelo e estando disponíveis para acompanhar como serão as etapas de concepção, construção, brincadeira e entrega para que a própria natureza cuide daquele novo lugar.

Percebo o quanto é importante que as crianças tenham um lugar para imaginarem quem são no mundo. Pode ser por meio da brincadeira ou até mesmo das telas hoje em dia. Nós educadores somos aqueles que criamos também o acesso para que elas encontrem onde existe areia em abundância para brincarem por meio da imaginação nesses lugares. Podemos pensar que nessa brincadeira nós somos a areia e as crianças são as construtoras dos castelos, assim como as narradoras da história que se passa por lá. Elas não só têm a capacidade de criar sozinhas os pilares do castelo, como também podem entrar dentro dele com sua imaginação e inventarem um reino onde todos os seres podem viver sonhando aquilo que querem para o mundo.

Construir narrativas com as crianças a partir de suas ideias de quem são e do que podem fazer pelo mundo é fundamental nas telas. E como eu penso o papel dos educadores e educadoras audiovisuais nessa brincadeira?

A stylized illustration of a wooden camera mounted on a tripod. The camera has a large lens, a viewfinder, and a clapperboard-like element on top. The tripod has three legs with brown, textured feet. The entire illustration is set against a light brown background.

Quem educa audiovisualmente pode ir além de somente exibir filmes, filmar ou entregar a câmera para as crianças. Podemos ser uma espécie de painel fotovoltaico do castelo delas, ativando nossa escuta e trazendo a luz do sol para gerar uma energia renovável nos aposentos. Um lugar para construção de identidades plurais dessas crianças de forma amigável no mundo das telas, onde elas possam usufruir de tecnologias criativas e acessíveis, aprender diversas habilidades emocionais, ter a oportunidade de

valorizar sua própria cultura e também preservar nossa mãe natureza.

Durante o meu mestrado interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, pude conhecer várias ideias, como as da educadora negra bell hooks, uma norte-americana engajada que foi aluna de Paulo Freire. Nas palavras da autora, em seu livro *Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade* (2013):

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, confessar... Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva. (HOOKS, 2013, p. 35)

Lembra que os professores com quem a gente teve maior intimidade eram aqueles que podíamos conhecer quem eram e o que queriam para o mundo? Por isso que este artigo é uma narrativa confessional dos meus desafios em busca de um mundo das telas amigáveis. Sou branco, de classe média, pude estudar em boas escolas e universidades, me alimentar e estar em companhia de uma família comprometida em garantir uma vida digna para mim. São tantas crianças que ainda não têm essa oportunidade que eu tive, não é?

Como Educador Audiovisual, pude ampliar minha visão de mundo e foram as crianças que me ajudaram a sair de uma zona de conforto e a perceber a complexidade de suas vidas, principalmente as que vivem inseridas em um contexto de subalternidade. Eu pude conhecer diversas realidades dessa cultura pulsante que é a cultura das infâncias no Brasil e no mundo desde quando fundei em 2006 nossa comunidade de educação audiovisual. Meu primeiro longa-metragem educativo teve a sorte de ganhar o mundo. Não fizemos só filmes, mas também exposições transmídia, publicações, brincadeiras audiovisuais, aplicativos de celular, programas de TV e centenas de oficinas por todos os cantos.

Quando a gente fala a palavra infâncias, no plural, é porque eu nunca vi uma só criança que fosse igual a outra nas lentes da minha câmera. E olha que eu viajei por diversas culturas, continentes e países. Uma pena que muitas destas oportunidades de incentivo público para levar nossos trabalhos artísticos educativos pelo mundo já não existem mais aqui no Brasil.

Voltando ao raciocínio, toda criança tem sua singularidade, um universo infinito dentro de si, e acredito que é a partir de uma consciência crítica sobre si mesmo e sobre o mundo que podemos nos aproximar daquilo que queremos e faremos por este. Como diz Rudolf Steiner, fundador da Pedagogia Waldorf, uma abordagem que custei entender o porquê do uso dosado das tecnologias no processo educativo, diz assim: “Ser livre não significa poder querer o que queremos, mas sim poder fazer o que queremos”. Para mim, esse processo de fazermos o que queremos começa na escuta das crianças sobre o que elas querem para o mundo.

Quando eu falo “mundo das telas”, penso a tela em toda sua diversidade de formatos, que vão de cinema, TV e computador a celular, tablet, óculos

de realidade virtual e outros dispositivos que já existem ou irão existir.

Falamos de um mundo de telas que também vai além da sua forma ou condição tecnológica. Um lugar de encontro de nós mesmos com o mundo por meio das imagens em movimento. A tela, que nasceu em um contexto de socialização desde as primeiras exibições na sala de cinema ou desde quando os televisores chegaram nas salas de casa, agora passam a ser um lugar de individualização, já que a tendência é que muitas pessoas tenham sua própria tela no bolso para navegar, mesmo que essa realidade ainda esteja distante para muitos.

O lado ruim: as telas deixaram de ser um espaço onde muitas pessoas podiam estar juntas, sem abrir mão de sua própria percepção subjetiva das histórias que eram contadas. Por outro lado, deixou de ser um espaço ocupado somente pelos conteúdos disponibilizados a partir dos interesses dos meios de comunicação convencionais, que traziam o pensamento hegemônico como única possibilidade para as telas. O pai, homem da família, muitas vezes era quem decidia a qual canal assistir na TV. A exibidora de filme no cinema era quem estreava na tela uma produção que reproduzia apenas um modo de vida ou cultura como postura correta na sociedade.

Agora podemos desbravar o mundo das telas com maior autonomia, caso tenhamos acesso, consciência e liberdade para fazer isso. O que busco com a Educação Audiovisual é desenvolver recursos para tornar mais amigáveis as possibilidades de aprendizagem com as crianças e os adolescentes. Além disso, busco disponibilizar o que pesquisamos e desenvolvemos ao maior número de educadores que queiram construir um mundo das telas além da técnica, que integre no social os aspectos culturais, emocionais e ambientais.

Por isso, no Mundo das Telas Amigáveis, esta que é nossa abordagem de Educação Audiovisual, gostamos de criar nossas propostas baseadas em

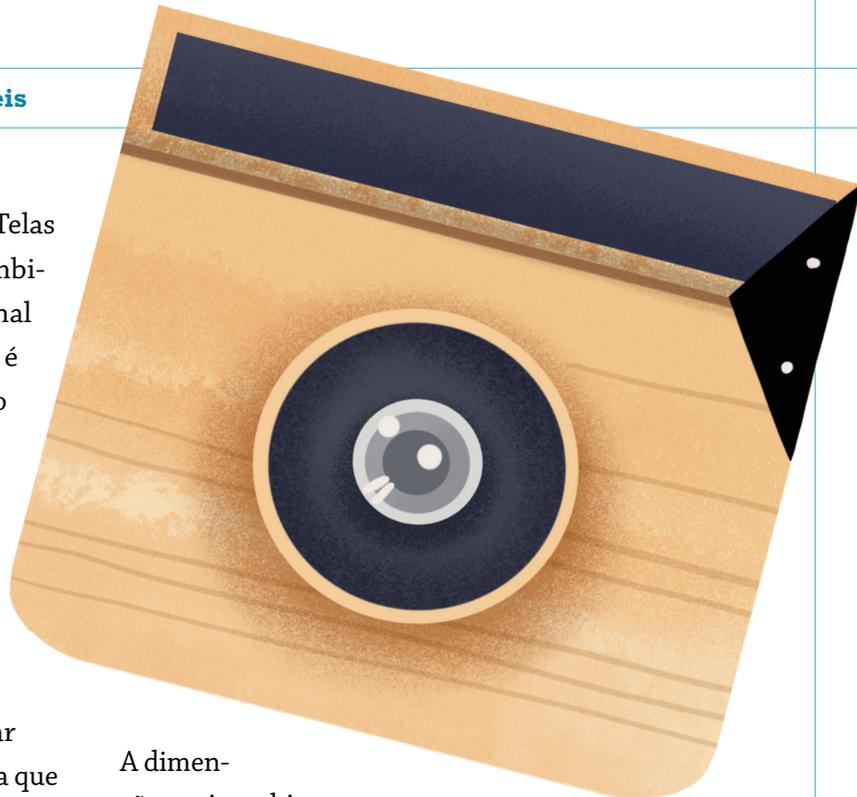


quatro dimensões. As quatro dimensões das Telas Amigáveis buscam enxergar as telas nos âmbitos sociotécnico, sociocultural, socioemocional e socioambiental. Acreditamos que assim é possível buscar o mundo das telas que não se limite ao ensino das ferramentas tecnológicas, ampliando nosso olhar para outras dimensões que são pouco trabalhadas neste mundo.

A dimensão sociotécnica das Telas Amigáveis nos atenta para a função da tecnologia, que está em busca de solucionar nossos problemas quando precisamos de ajuda que vai além das nossas condições básicas do corpo. Quando inventamos uma tecnologia integrada à arte, como o caso do cinema e todas suas possibilidades, podemos nos aproximar da realidade por meio do domínio de ferramentas como a câmera, as ilhas de edição, luzes e ainda desenvolver uma intimidade com a linguagem audiovisual para criação de narrativas.

A dimensão sociocultural das Telas Amigáveis busca trazer uma aproximação de territórios, culturas e identidades que permeiam aquilo que se torna os temas dos filmes. Uma ideia sempre nasce de uma relação que temos com o lugar onde vivemos, as características daquilo que nos chama a atenção de forma encantadora e crítica sobre o mundo. Assistir a ou produzir filmes tem a ver com entrar em contato com diversas culturas e assim compreendermos qual cultura fazemos parte, quais são suas riquezas, desafios e necessidades de mudanças.

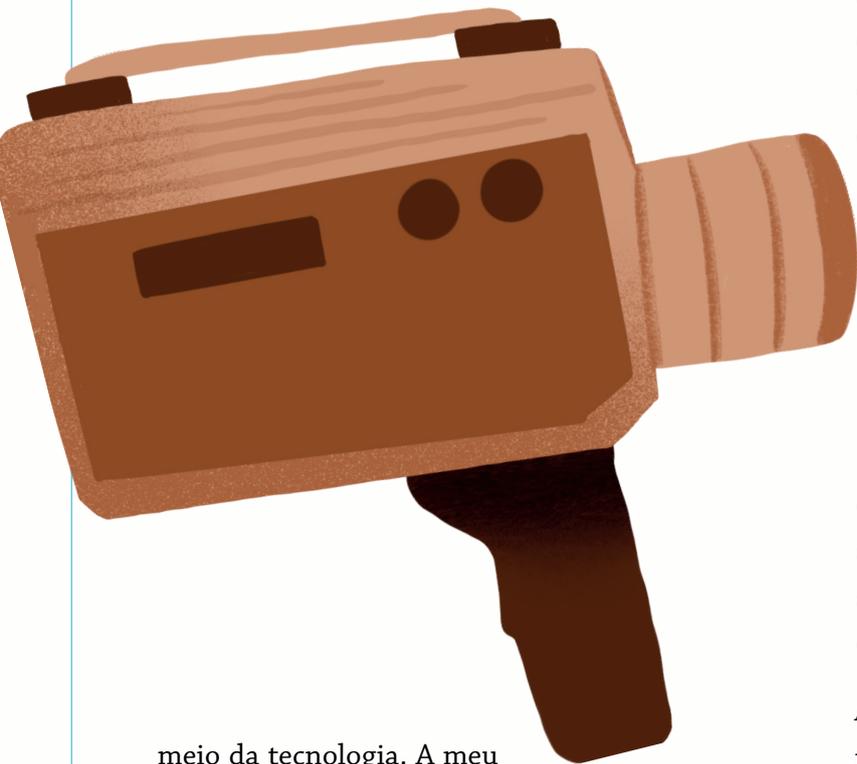
A dimensão socioemocional das Telas Amigáveis tem enfoque nos impactos positivos e negativos das telas em nossas emoções e em como isso desencadeia sentimentos a partir de nossa experiência por meio do tempo e do ritmo em que estamos promovendo relações com o mundo mediado pela tecnologia. Questões que vão do impacto em nosso cérebro às competências envolvidas nesta relação entre o social e o emocional.



A dimensão socioambiental das Telas Amigáveis é que aquela que valoriza a preservação da natureza e o desenvolvimento de uma consciência expandida sobre a relação que nós seres humanos estamos deixando de valorizar: somos parte integrada com a natureza e, para que haja uma relação de unidade com o mundo, precisamos levar para as telas essa compreensão de amor por todos os seres da Terra.

Quantas mães, pais, professoras e professores se perguntam hoje “Por que as crianças gostam tanto de ficar neste outro lugar que são telas?”. Ainda mais depois da pandemia que se iniciou em 2020, uma situação complexa que revirou o planeta Terra de cabeça para baixo. Qualquer pessoa pode se tornar uma educadora ou educador audiovisual a meu ver. Basta criarmos uma intenção pedagógica com as telas antes de agirmos para com elas. É como se, antes de cantarmos “Luz, Câmera, AÇÃO”, a gente trouxesse a intenção de tudo aquilo, ou pelo menos uma das coisas que gostaríamos de ensinar e aprender com as crianças. Ou seja, por trás de toda ação com as telas, existe uma intenção quando estamos falando da Educação Audiovisual.

O desenvolvimento da intencionalidade focada na aprendizagem com as telas para e com as crianças é algo muito valioso, pois ajuda a levar a elas a consciência de que é importante saberem da possibilidade de aprenderem e ensinarem no momento em que estamos em contato com o mundo por



meio da tecnologia. A meu ver, deve-se considerar que a educação audiovisual das crianças é uma responsabilidade compartilhada entre família, escola e Estado, assim como responsabilidade social de empresas, principalmente as de telecomunicação. A criança também deve ter direito à desconexão e por isso é importante sabermos como compensar o tempo de tela por meio de outros tipos de atividade.

Criar intenções pedagógicas, ou seja, que buscam ensinar e aprender com as crianças, é chave para viver em um mundo das telas amigáveis. Qual é o conjunto de motivações e finalidades que nos leva a realizar determinado ato de determinada maneira com as telas?

Uma questão importante é que o mundo em que eu vivo é bem diferente do mundo em que você, leitor ou leitora, vive. Ambos também vivemos diferentes nos mundos em que as crianças habitam nas telas. Eu me alimento disso nas telas, faço aquilo por lá, você faz assado e se conecta com outros tipos de recursos, e daí começa nossa jornada diante da diversidade de quem somos e como vivemos

e dedicamos nosso tempo de vida nas telas. Quando temos uma intenção clara com o foco de educarmos audiovisualmente nós mesmos e o outro, precisamos então construir a partir dessa intenção o mundo em que queremos viver. Esse seria então um mundo amigável não só a partir do ponto de vista do educador audiovisual Igor Amin, que escreve este texto, mas um lugar cheio de pontos de vistas, diversificados e baseados em um senso comum que inclua princípios éticos, de respeito às diferenças, com valores humanos que façam sentido para cada um que o habita, sem limitar as possibilidades de sermos quem somos e construirmos o mundo das telas em que queremos viver.

Agora que introduzi como é minha vida no mundo das telas, gostaria muito de te convidar para aprofundar na percepção de como é viver no seu mundo (das telas), sem esquecer que em sua vida também há diversos outros mundos que fazem parte do seu cotidiano, da hora que acorda à hora que está dormindo, assim como também faz parte da sua história, desde quando nasceu até a idade que está aqui e agora. Se cada um de nós habitamos um mundo das telas diferentes, podemos nele viver de várias formas e participarmos juntos de uma tomada de consciência sobre quais são esses mundos e assim ver, fazer, pensar e sentir os filmes. Por isso, eu gostaria muito de conhecer como você vive no seu mundo das telas. Você sabe como chegar até mim por meio das telas? Procure a gente para trocar essa prosa boa. É este o meu convite para vocês, leitores e leitoras: buscaremos juntos uma forma amigável de relação com o mundo das telas, ensinando e aprendendo com as crianças a como viver nesse mundo. Não tem um jeito só de viver nele.

Acredito que chegou a hora de começarmos uma jornada em busca de uma cultura das telas amigáveis. Amigáveis? Tipo fácil de mexer, para que

qualquer criança consiga acessar, que dê para seu avô e avó navegarem? Bom, quando falo amigável, estou falando de amizade mesmo gente, de uma

tela que nos faz companhia, nos ajuda a encontrarmos com amorosidade quem somos e o que queremos para o mundo.

### Referências

ATAÍDES, Igor Amin. **Como educar as crianças no mundo das telas?** Belo Horizonte: Aletria, 2021.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

STEINER, Rudolf. **A Filosofia da Liberdade:** fundamentos para uma filosofia moderna. Tradução de Marcelo da Veiga. São Paulo: Antroposófica, 2000.

# DIMENSÃO SOCIOTÉCNICA



## Roteiro, câmeras e truques de edição e até que ponto isso importa

Luiza Vianna e Igor Amin

Iremos ver algumas possibilidades expressivas e recursos como sugestões para o começo de uma jornada de produção audiovisual com fins educativos. Aprender técnicas, treinar a reflexão sobre o fazer imagético, para depois criar com liberdade, improvisar, inovar, e também descolonizar nossos olhares sobre as infâncias por meio da linguagem audiovisual. Como assim descolonizar o olhar? Em termos gerais, permitir durante o processo de mediação técnico do audiovisual que a criança tenha consciência de como pode criar, por meio de uma câmera, sua própria visão de mundo, sem

uma intervenção brusca dos adultos. É com o apoio de educadores, da família ou de pessoas que buscam educar as crianças no mundo das telas que iremos ensinar as crianças a verem o mundo com liberdade por meio dos dispositivos de produção de imagem em movimento.

Segundo a perspectiva da Educação Audiovisual no livro *Como educar as crianças no mundo das telas?*:

[...] para educar o outro, precisamos primeiro passar por um processo de autoeducação. Cabe a nós educarmos audiovisualmente as crianças,

assim como a nós mesmos, para que possamos ouvi-las atentamente junto aos recursos tecnológicos audiovisuais a que temos acesso, contribuindo assim para que suas vozes se tornem mais amplas. (ATAÍDES, 2021, p. 42)

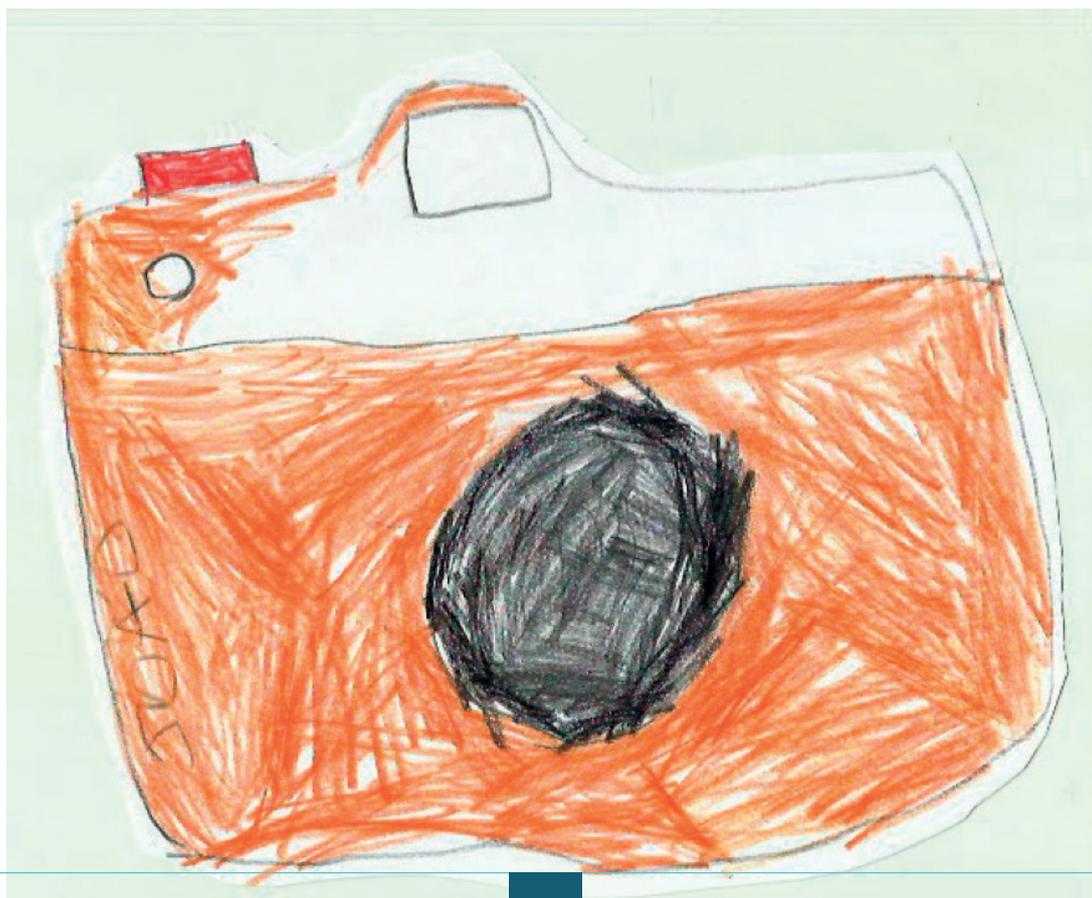
Para abordarmos o assunto, podemos comparar o processo de realização de um filme ao processo de preparação de uma boa comida. Você define o que quer cozinhar (seu tema), pesquisa e escreve a sua receita, incluindo todos os ingredientes e o modo de fazer (roteiro), organiza as panelas, colheres, facas e outros utensílios (câmeras e equipamentos), colhe alguns alimentos no quintal, reúne outros da despensa (gravação). Já no fogão (ilha de edição), vamos cozinhando (editando), equilibrando o fogo (tempo do conteúdo) com os alimentos prestes a se transformarem no prato (filme) ao colocar os temperos finais (efeitos, trilha sonora, transições, títulos).

Qual o seu tema e o seu lugar de fala? Sobre qual assunto será tratado o seu filme? Qual história quer contar e como contar? Para quem irá servir esse prato? As pessoas têm bom paladar para esse prato, quer dizer, esse filme que acabou de preparar? Qual

a intenção pedagógica por trás do conteúdo, ainda que metafórico, e o que quer causar em termos de experiência para aquela pessoa (lembrar dos temperos da casa da sua avó, conhecer pratos de diferentes culturas, comer uma comida leve ou fortificante?). A educação audiovisual possibilita a construção de identidades, ideias, conceitos e transformações sempre atreladas a uma intenção pedagógica por trás dos conteúdos.

O **roteiro** irá apresentar a receita do seu filme e servir como um guia para orientar o trabalho da equipe. Existem diferentes tipos de roteiros para diferentes linguagens audiovisuais (cinema, documentário, vídeo experimental, vídeo-aula etc.). Como um bom guia, quanto mais detalhado for o roteiro, melhor irá orientar a equipe de filmagem.

Um filme é dividido em cenas e sequências. O roteiro normalmente contém o número e a descrição da cena; ações e falas dos personagens; indicações de cenário, trilhas ou efeitos sonoros. Pode incluir também sugestões de enquadramento, movimento de câmera, equipamentos a serem usados, indicações de cortes, transições e edição.



Definida a receita, quais equipamentos usar? Quanto mais opções a **câmera** permitir (como ajustes manuais e lentes intercambiáveis), mais possibilidades criativas estarão à sua disposição. À medida que for se aprofundando na linguagem das imagens, saberá escolher os equipamentos que melhor se adaptarão a cada projeto: câmeras, lentes (ou objetivas), cartões de memória, baterias, estabilizadores, tripés, microfones... Com a câmera na mão (ou no tripé), passamos a nos concentrar na composição da cena, no enquadramento, no foco, na iluminação e no controle de exposição (relação ISO/velocidade/abertura). Hoje podemos usar os recursos audiovisuais de forma pedagógica, ou “brincar de fazer filmes”, com apenas um celular. As câmeras estão cada vez mais ao nosso alcance, apesar da desigualdade social e tecnológica. Nesse sentido, a educação audiovisual nas escolas oferece uma ferramenta de exploração do mundo essencial para as crianças, possibilitando um lugar de fala, expressão e acessibilidade. Para o público infantil, quanto mais simples o equipamento, mais podemos nos concentrar no fazer criativo.

Com a receita, panelas e alimentos, vamos cozinhar e misturar os temperos. A **edição** é a parte fundamental, que irá colocar os ingredientes em ordem e estabelecer o ritmo do filme. Começamos assistindo a todo o material filmado, organizando e selecionando as imagens. Com o roteiro e o material filmado na cabeça, vamos editar imagem e som. A edição de imagens envolve cortes, transições, efeitos, texturas, ajustes de cor e contraste, além da aplicação de títulos. O áudio, tão importante quanto o vídeo, inclui a trilha sonora, diálogos, sons, efeitos, volume e equalização.

A educação audiovisual possibilita o desenvolvimento de novas competências, técnicas e

habilidades, trazendo uma contribuição fundamental para os processos de ensino e aprendizagem, na sala de aula e na vida.

A arte torna-se essencial como estratégia para reinvenção das práticas pedagógicas da escola, ao trazer em sua essência a possibilidade de cultivarmos a expressão artística como meio para nos relacionarmos com o mundo. [...] Além de não ser fácil, do ponto de vista pedagógico, inserir novos processos criativos como a arte, existe um risco de a prática de fazer filmes na escola se tornar uma modalidade específica de ensino, com fórmulas, dispositivos rígidos ou intelectualizados, cabível de desenvolver nesse campo uma cultura da reprodução, e não reinvenção, do que é experienciado em outros lugares. (ATAÍDES, 2021, p. 54-55)

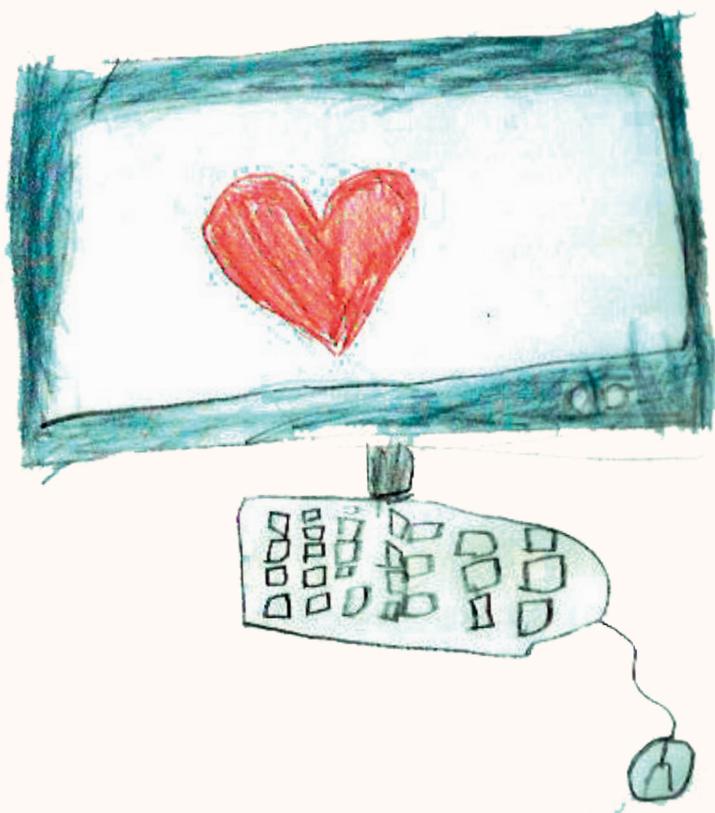
O vídeo é um potente caminho para a expressão e o protagonismo de jovens e crianças. A partir de um pequeno impulso técnico e ao trazer familiaridade com as câmeras e recursos, temos em mãos uma ferramenta de transformação e construção de identidades. Nesse sentido, é importante tomarmos conhecimento das possibilidades disponíveis e ficarmos atentos ao fato de que existem centenas de tutorias disponíveis em sites como o YouTube, que permitem aprender com outros tipos de pessoas que querem ajudar a outras neste caminho sociotécnico do mundo das telas. Mas isso não significa que precisamos ficar engessados nos padrões que vemos e aprendemos. Podemos usar as receitas para aprender, repetir, improvisar e ir além. Como fez o poeta Manoel de Barros em seu *O livro das ignorâncias* (BARROS, 2004, p. 11): “Repetir repetir – até ficar diferente. Repetir é um dom do estilo.”

### Referências

- ATAÍDES, Igor Amin. **Como educar as crianças no mundo das telas?** Belo Horizonte: Aletria, 2021.
- BARROS, Manoel de. **O livro das ignorâncias**. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

## Construindo projetos audiovisuais criativos e inspiradores

Luiza Vianna



Como começar? Sugestões para elaborar projetos de educação audiovisual com propósito, engajamento e criatividade. Professores: quais são as “vocações” e os “desafios” dos seus alunos no mundo das telas? Como inspirar as crianças a construir projetos que gerem impactos positivos em suas escolas e comunidades?

Um projeto criativo começa com uma ideia, um sonho, uma intuição. O que queremos projetar para o mundo? Quais as nossas habilidades e motivações? São perguntas que ajudam a brotar de dentro inspirações e projetos com propósito, visando ao bem comum e à construção coletiva. Vamos abordar aqui projetos criativos, no campo da Educação Audiovisual, norteados pela Economia Criativa. O que vem a ser essa economia?

A economia criativa é [...] a economia do intangível, do simbólico. Ela se alimenta dos

talentos criativos, que se organizam individual ou coletivamente para produzir bens e serviços criativos. Por se caracterizar pela abundância e não pela escassez, a [...] economia [criativa] possui dinâmica própria [diferente dos modelos econômicos tradicionais]. (BRASIL, 2011, p. 24)

Os princípios que a norteiam envolvem: diversidade cultural, inovação, sustentabilidade e inclusão social. Existem algumas ferramentas que podem

ajudar na elaboração de projetos e organização de ideias. Apresento aqui algumas sugestões, que podem ser usadas tanto na Educação Audiovisual quanto em outros projetos criativos na escola ou comunidade.

Uma ferramenta vinda do campo da administração, da gestão de negócios, simples e fácil de usar, é a matriz **5W3H**, já ouviu falar? A sigla em inglês corresponde a oito perguntas básicas que podemos fazer quando estamos elaborando nossas ideias:

W – What? – O que será feito? (descrição do projeto)

W – Why? – Por que será feito? (justificativa)

W – Where? – Onde será feito? (local)

W – When? – Quando será feito? (tempo)

W – Who? – Por quem será feito? (responsabilidade)

H – How? – Como será feito? (cronograma/método)

H – How much? – Quanto vai custar? (orçamento)

H – How measure? – Como medir? (avaliação)

As questões ajudam a clarear os caminhos e planos de ação do seu projeto, facilitando o gerenciamento e o entendimento coletivo do mesmo.

Outra metodologia para desenhar e realizar projetos criativos é o **Dragon Dreaming**. O processo envolve quatro fases: sonho – planejamento – realização – celebração – e fundamenta-se em três princípios éticos: crescimento pessoal, construção de comunidade e serviço à Terra. É uma tecnologia de design de projetos, visando a processos colaborativos. Por meio da “escuta profunda”, da conexão com a terra e do processo meditativo/introspectivo, podemos acessar nossos sonhos, necessidades e aspirações (tanto individuais quanto coletivas). Ao nos envolvermos em projetos de valor, aumentamos nossos conhecimentos e habilidades, propiciando um crescimento pessoal; e o sonho, que começou com uma pessoa, passa a ser o sonho de todos (construção de comunidade). De acordo com essa perspectiva, os projetos devem ser sustentáveis e oferecer um serviço à Terra, na percepção

de que somos *Um* com o nosso ambiente.

De acordo com o Dragon Dreaming, método criado pelo australiano John Croft, o projeto começa com o sonho e a intenção. A seguir vem o planejamento, com um exame detalhado das possibilidades, dos recursos e dos contextos e a realização, mantendo o comprometimento e o foco no trabalho. Ao final, temos uma etapa importante (e por vezes menosprezada nos projetos): a celebração, e o reconhecimento das vitórias, desafios a melhorar e dos resultados alcançados. Como professores, sabemos que um aprendizado bem-sucedido envolve o reconhecimento do bom trabalho e a celebração das conquistas. Esse é um ponto crucial para manter a motivação do grupo para a realização de novos projetos colaborativos.

Mais uma ferramenta muito legal para criação de projetos, desenvolvida pela Cocriativa, é a **Cotools**. Um aplicativo para ajudar a transformar ideias em projetos criativos e negócios bem-sucedidos. O

percurso envolve: Conceber – Começar – Conectar – Confiar – Colaborar – Cooperar – Colapsar – Colher – Compartilhar – Comemorar. O processo é simples: você responde a questionários, seguindo as instruções de cada fase, e ao final recebe uma compilação dos resultados em um projeto [1]. Uma das primeiras etapas da *Cotools* é a de identificar a motivação das pessoas que utilizam a ferramenta. Para isso, a etapa Conceber tem a ver com realizar uma radiografia da ideia. Conceber não se resume a ter uma ideia. Trata-se de buscar conexão com seu propósito e suas motivações mais profundas. Algumas perguntas podem te ajudar a identificar qual sua motivação para iniciar um projeto de Educação Audiovisual em sua escola ou comunidade. São elas: por que se sente motivado a exercitar sua criatividade? Como você se descreveria? Peça para alguns amigos te descreverem em três palavras e escreva o resultado. Não esqueça de pedir para eles dizerem as primeiras coisas que vierem à cabeça, hein?! O que mais te irrita hoje? O que você mais ama hoje? Que item ou pessoa você levaria para uma viagem pelo mundo durante um ano? O que sente falta de ter feito no passado? Por quê? Você considera sua ideia criativa? Por quê? Qual a sua maior insegurança para o futuro do mundo das telas? Pense nos pontos anteriores e escreva 15 *tags* (palavras-chave) que resumem bem sua ideia. Lembrem, essas palavras se transformaram em suas palavras de poder, te auxiliando sempre que precisar de força criativa. Quando sentir que seu projeto está indo por um caminho diferente do que sonhou, busque nessas 15 palavras uma reconexão com seu propósito.

Podemos usar as tecnologias digitais para auxiliar na criação e gestão dos nossos projetos. Assim como a *Cotools*, existem outros softwares e plataformas para auxiliar na caminhada. Pesquise, experimente, use os recursos disponíveis para criar, dar vida e compartilhar seus projetos [2].

A BNCC (Base Nacional Comum Curricular) aponta

uma competência específica de Linguagem para o ensino fundamental:

Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos. (BRASIL, 2018, p. 65)

O uso das tecnologias digitais, assim como o engajamento em projetos coletivos, aumenta muito a motivação da turma para a aquisição de novas habilidades e competências. Que tal avaliar a vocação e o interesse dos seus alunos e alunas para, a partir de um projeto, desenvolver novos conhecimentos? Para começar, podemos fazer um “brainstorming” (tempestade de ideias), mapear interesses, sonhos e ideias do grupo. Algumas escolas trabalham a partir da perspectiva de projetos de pesquisa como instrumentos de aprendizagem e transmissão de conhecimento. Por exemplo, um professor mapeou que sua turma tem um sonho comum de criar um canal de YouTube a partir de um cenário em uma casa na árvore para ensinar sobre as plantas, os animais e outros assuntos ligados à natureza. Usando essa motivação, aplicou novos conhecimentos de matemática (para medir o tamanho da casa que será o cenário), de português (para escrever detalhes do projeto), de ciências (avaliando os materiais a serem usados e a inserção no meio), além de conteúdos de arte, geometria e empreendedorismo. Fizeram uma excursão para a casa da árvore para conhecerem o estúdio de gravação. Pesquisaram sobre qual é a árvore da escola escolhida para construir a casinha, quais são suas características locais ao longo das quatro estações do ano e se ela realmente sustenta uma estrutura como a proposta. A professora, que estava se tornando uma Educadora Audiovisual, produziu um vídeo “making of” com sua turma,

[1] Você pode entrar gratuitamente no site [cotools.cc](http://cotools.cc) e experimentar essa ferramenta.

[2] Dicas de softwares e apps para gestão e apresentação de projetos: [trello.com](http://trello.com); [asana.com](http://asana.com); [prezi.com](http://prezi.com); [projectlibre.com](http://projectlibre.com); [monday.com](http://monday.com); [classroom](http://classroom).

onde aplicaram juntos os novos conhecimentos e registraram toda a experiência de aprendizagem para compartilhar com outras escolas. Todas e todos estudantes apresentaram o material para comerciantes locais e conseguiram verba para a construção da casa da árvore na escola. Com um projeto em comum, a turma se manteve engajada no processo e na aquisição de novas habilidades. Gostaram desse exemplo? Usemos a criatividade, as possibilidades são infinitas.

Ao executarmos um trabalho colaborativo, estamos continuamente treinando habilidades de escuta e comunicação, empatia, tolerância, confiança e

criatividade. O audiovisual tem essa potência de realização coletiva, possibilitando o crescimento individual e a liberdade criativa. A partir de sonhos e interesses em comum, com um planejamento participativo, foco, flexibilidade, afeto e efetividade, podemos cocriar os projetos que queremos para o mundo.

Por fim, para ajudar no planejamento e na execução, temos as *checklists*, que podem ser criadas de acordo com seu propósito e inspiração. Exemplo de *checklist* para desenvolver um projeto de Educação Audiovisual, baseado no Caderno do Multiplicador da iniciativa “O que queremos para o mundo?”:

- ( ) Desenvolvimento | Foi identificada a motivação (sonho) do grupo?
- ( ) Desenvolvimento | O roteiro já está pronto?
- ( ) Pré-produção | Como será organizada a equipe de filmagem?
- ( ) Pré-produção | Qual o local ou cenário? A equipe de arte organizou objetos, figurinos e outros detalhes?
- ( ) Pré-produção | Já foram providenciadas as devidas autorizações de filmagem?
- ( ) Produção | Preparou o kit de filmagem (câmera, cartões de memória, carregadores, pen drive, tripé)? Checou a iluminação no local?
- ( ) Produção | Os arquivos filmados estão sendo descarregados em *backup* em um computador e HD externo (ou pen drive)?
- ( ) Pós-produção | Fez o mapeamento das melhores imagens?
- ( ) Pós-produção | Definiu como será o som do filme, trilha sonora ou música autoral, tratamento de imagens e efeitos?
- ( ) Difusão | Onde será a exibição dos vídeos produzidos? Serão publicados on-line?
- ( ) Celebração | Como compartilhar as experiências e celebrar a conclusão do projeto?

Exemplo de tópicos intuitivos para criação de projetos, inspirado nas reflexões deste artigo:

- 1 – Fazer as ideias brotarem a partir do campo dos sonhos, do coração. Para isso, conecte-se consigo mesmo em um ambiente bem tranquilo, em um momento que esteja se sentindo em paz consigo.
- 2 – Semear os projetos e manifestá-los na terra fértil da imaginação. Que tal anotar todas as suas ideias em uma chuva de palavras de poder, identificando

aqueilo que conecta com seu propósito de vida, tudo que faz sentido em sua prática como educadora ou educador de crianças, sendo familiares ou professores delas?

- 3 – Montar uma boa equipe. Identificar propósitos e motivação. Sabemos que juntos somos mais fortes e por isso podemos contar com a ajuda de pessoas que possuem outros tipos de habilidades ou que estão entusiasmadas em contribuir com um sonho que tem um propósito maior.

- 4 – Planejamento. Elaboração. Movimento. Crie uma estratégia criativa para organizar suas ideias e prepará-las para a prática. Traga movimento para cada ideia e não tenha medo de errar.
- 5 – Conhecer, comunicar, conectar, compartilhar. Nosso cérebro, assim como nossas emoções, precisa estar fresquinho, cheio de novas possibilidades de expandirmos aquilo que nasceu de um sonho. Por isso, busque sempre tudo aquilo que pode somar com seu projeto.
- 6 – Cuidar de cada etapa: elaboração, pré-produção, execução, pós-produção. Dê um passo de cada vez e tome cuidado para não começar uma etapa sem terminar a outra. A ansiedade em realizar logo o projeto pode te desviar daquilo que tem uma história a ser construída. Respire e vá em frente.
- 7 – Fazer um portfólio do projeto: construção, avaliação, processo e difusão. Use a criatividade e a boa comunicação visual para apresentar cada etapa do projeto e mostrar para outras pessoas como foi sua jornada de realização de cada etapa. Aproveite para registrar por meio da linguagem audiovisual, em uma espécie de documentário, tudo aquilo que construiu junto com seus colaboradores.
- 8 – Colaborar. Circular. Celebrar. Acreditamos que um projeto de Educação Audiovisual bem-sucedido é aquele que colaborou de forma amigável com outras pessoas, circulou com suas intenções pedagógicas de forma objetiva com seus alunos e alunas e, por fim, celebrou da forma mais alegre e divertida, sem largar mão de um olhar crítico sobre o processo, o fim daquele sonho que se tornou realidade.



### Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, Ministério da Educação. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 30 mar. 2022.

BRASIL. Ministério da Cultura. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014. Brasília, Ministério da Cultura, 2011. Disponível em:

<https://garimposolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Plano-da-Secretaria-da-Economia-Criativa.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

# DIMENSÃO SOCIOCULTURAL



## Equidade racial e o reflexo das infâncias nas telas

Mayan Maharishi

Por integrar o projeto “O que queremos para o mundo?”, fui convidada a dividir com vocês reflexões sobre equidade racial nas telas e a inclusão social das crianças nos filmes. Coloco-me então nesse difícil exercício do recorte reflexivo que me cabe nesse contexto, além da tentativa de partilhar com vocês de maneira didática.

Vamos começar contextualizando a necessidade dessa reflexão no âmbito das infâncias e de nosso histórico de nação. Por acreditarmos que as infâncias devem ser igualitárias, justas e permitir um ambiente saudável para todas as crianças,

marcamos a necessidade de construirmos um mundo para a vida, que ofereça as mesmas oportunidades e, sobretudo, que não crie ambiente desequilibrado, opressor e ou de adoecimento.

Como temos na raiz do nosso país duras marcas de violências e desrespeito, é preciso não só falar disso, como combater essa estrutura, dando espaço para outras, que sejam reparadoras, respeitadas, harmônicas e capazes de reconhecer e inspirar diferentes formas de ser e se viver. Questões profundas precisam ser diariamente pensadas: representatividade, liberdade, epistemologias, reparação,

equidade. No Brasil, nossa problemática é densa e estrutural. [1]

Aonde queremos chegar com isso? Não está tudo bem, não está mesmo. Nós vivemos desigualdades constantemente, expressamos a necessidade da equidade racial com urgência, na esperança de chegarmos ao reconhecimento e à reparação. Equidade é vital para a saúde social, ou seja, passar por não violentar, reparar, combater, transformar a realidade, mudar estruturas, pois, somente com muitas estratégias articuladas e mudanças profundas, igualdade será possível.

No Brasil, somos nós, negras e negros e indígenas, a população que foi escravizada fisicamente, emocionalmente e intelectualmente. Muitas apropriações foram vivenciadas. Lamentavelmente, os reflexos disso, sofremos de forma muito constante ainda nos dias de hoje. Nossas infâncias foram marcadas por inúmeros episódios infelizes no que diz respeito aos contextos sociais, e no que nos tange aqui, durante nossa educação infantil e em representações vividas de maneiras negativas e não vividas de outras tantas maneiras possíveis.

Mas o que seria isso? Significa que não tivemos as mesmas oportunidades nas nossas infâncias, que não tivemos nossas culturas valorizadas de forma equilibrada e até mesmo que nos foi impedido ter acesso a nossa real história de nação, e em expressar nossas identidades, que são múltiplas. Vivemos infâncias sob paradigmas de uma identidade e histórias forjadas socialmente nos ambientes educacionais, por exemplo. Ou mesmo os próprios ambientes educacionais forjados como passíveis de único saber, o que sabemos não ser verdade.

É um assunto delicado e complexo, a ser debatido e engajado por todos e todas nós. Crianças partilhando seu viver, seu pensar, o seu ser. Imaginem quanta potência. E se elas criarem suas redes de intercâmbio, trocaram invenções, desafios que vivem, e levarem sua imaginação para todo canto?! As crianças nos ensinam sobre o mundo. Já

pensaram nisso? Pois é! É isso que as telas amigáveis podem fazer. É por isso que convidamos vocês, educadores, mães e pais, a entender nosso papel de mediadores e pensarmos sobre nosso adultocentrismo, nossas limitações, nossos preconceitos, para partirmos para a transformação dessas questões em direção a uma mediação equilibrada e respeitosa com nossas crianças, bem como com nosso presente, passado e futuro.

Quando falamos de Equidade Racial nas telas e a Inclusão Social das crianças nos Filmes, estamos falando de todo um processo de transformação necessário, que passa pelas infâncias, por espaços sociais, epistemologias, cultura, educação etc. Faz parte não somente como uma necessidade de ações afirmativas, como também para a formação humanizada de todos e todas nós, baseada na ética e na justiça social. Falamos aqui de uma reflexão vital, são vidas e mais vidas nossas, que passam cotidianamente por, na concretude, toda essa trama de preconceitos, violências e injustiças. Mas somos nós também que sorrimos, vivemos vidas maravilhosas, temos culturas incríveis, conhecimentos extraordinários, que muitas vezes são desconhecidos e ou menosprezados socialmente, também em espaços formais/institucionais, não por acaso, é óbvio, como parte de todo esse emaranhado estrutural que precisa ser repensado e desfeito.

Quantas de nós tivemos representatividade nas telas? Nós vimos nossa identidade representada nas telas? Falamos aqui de todas as telas. Quanto sofremos com apagamento, desconhecimento, ironias oficializadas? E as telas reproduzindo a violência? Como estamos ou estivemos nas telas?

Felizmente temos uma gama de produções organizadas, dirigidas, interpretadas por indígenas, negros e negras. No entanto, onde estão? Ocupam os mesmos espaços de outras produções? E aqui não estamos falando de um indivíduo apenas, representando uma “minoría” estigmatizada. Estamos falando de ver a nossa sociedade representada

[1] [O QUE É RACISMO ESTRUTURAL?](#) | [Silvio Almeida - YouTube](#) 2. Canal do Professor Silvio de Almeida: [Silvio Almeida - YouTube](#). Indicamos também leituras de suas obras.

em sua inteireza e peso. É raríssimo notarmos no cinema, na TV aberta, ou mesmo em livros e revistas, uma maioria indígena ou uma maioria negra, ou ter essas culturas/histórias refletidas no nosso dia a dia de maneira positiva, valorizada, que não seja pela tragédia e dor, geradas por essa mesma estrutura cruel já citada anteriormente. Mas respiro profundamente, aliviada, as coisas mudam, elas estão mudando, elas vão mudar.

E vejamos, mas quem é essa estrutura? Pois é notório que ela não é separada de nós, sociedade brasileira. Gente, gente... Como é um emaranhado de questões, fica fácil se afastar, achando que é do outro o problema que é seu. Mas conto para vocês, somos nós, eu, você e os demais leitores, que podemos fazer esse barulho transformador, ensurdecedor, e olhar para nós, investigarmos nossas limitações e promover o novo. Promover o reconhecimento da vida, do amor, da justiça, tão sonhada. É possível tornarmos realidade o bem maior. É possível nos desculparmos profundamente pelo que vivenciamos e reproduzimos. É possível parar. Parar de escravizar as atitudes, os pensamentos, as escolhas, as histórias, as pessoas. Se será difícil desconstruir isso em ti, imagina como foi e é pra nós viver sobre essa perspectiva por séculos. [2] É doloroso mesmo, para todos e todas nós, então é preciso reconhecer o preconceito, as diversas violências e agir. Dar passos novos ao futuro, para que essa dor se dissolva e não siga se repetindo. Para isso, precisamos ser vistos como o que somos e não como foi inventado.

Em minha infância, tive pouca ou quase nula representatividade de minha identidade, no que diz respeito a filmes, livros e brinquedos. Minha cultura identitária, minha cultura negra, esteve ausente nesses universos. Em ocasiões pontuais foram vividas e pouco marcantes, pois não havia lugares de protagonismo sendo cotidianamente apresentados nesses meios. Sou mulher, negra, jovem e de vida simples. A primeira vez que vi uma boneca negra sendo comercializada na rua faz pouco mais de três anos, vivi nesse dia um momento de catarse, dificilmente essa reação tenha



[2] Grada Kilomba – Memórias de uma plantação: Livro “Memórias da plantação”, Grada Kilomba (taglivros.com).

sido vivida por pessoas brancas, que sempre se viram representadas por aí. Isso é um exemplo, pois existem outras situações de apagamento não só para nós negras, que se repetiram ao longo de nossas vidas. Assim, quando percebemos justiça na representatividade, é realmente algo forte e catártico, são pequenos acontecimentos que revelam grandes abismos. Porém, tive uma família materna que me permitiu ser eu, com toda a grandeza que isso envolve, apesar de também vivenciar contradições que fazem parte do reflexo de toda essa estrutura racista. Foram capazes de desde bem pequenina valorizarem cada aspecto do meu Eu. Valorizaram nossa cultura, nossa beleza, nossas origens e, sobretudo, valorizaram a ética humana de ser e se viver. Fui então – apesar de socialmente ter vivido inúmeros obstáculos estruturais – fortalecida pelos meus iguais. Não posso deixar de dizer aqui o quanto políticas públicas em últimos governos mais progressistas também impactaram o meu ser, que hoje pode estar aqui, pensando sobre tudo isso. Porém, essa realidade não é uma constante quando percebemos que aquele problema chamado racismo estrutural tira de muitos de nós a família enquanto norte, pois fomos revirados do avesso há 500 anos e até hoje seguimos socialmente carregando essa estrutura arrasadora que estigmatiza nossa base, nossa raiz.

Pobres, pretas e pretos, indígenas, perseguidos em todo Brasil. Realidade essa que grita, urge por mudança. E, se depender de nós, muda hoje, mas depende de todos nós, então depende de cada um e cada uma se rever e promover uma cultura de paz e reparação. É preciso que cultivemos uma cultura antirracista.

Que infâncias queremos? Quais impactos positivos nossas ações podem ter nas infâncias? O que eu estou cativando com isso e como minhas

gerações podem responder ao que escolho hoje? Essas são perguntas que pais, mães, educadoras precisam fazer. Bem como pensar o que queremos e quais ações podemos ter em relação às infâncias, e também o que escolhemos hoje para impactar positivamente o audiovisual e nossos espaços de atuação.

O espaço educativo audiovisual permite que uma cultura antirracista ressoe e ecoe. Precisamos acessar o que tem sido produzido, precisamos protagonizar diferentes espaços enquanto pessoas pretas, pretos, indígenas, enquanto multiplicidades. E as telas é um deles. Além do que é um espaço de grande alcance. É pelas telas que chego até vocês, olha que oportunidade! O que nós queremos para o mundo é equidade, respeito e amor por tudo e por todos e todas. Queremos para o mundo os protagonismos indígenas, os protagonismos negros e os protagonismos múltiplos, sem exclusão. Não me venham com ideias de que então outros vão ficar sem espaço, pois estamos falando de 500 anos de história apagada no nosso território. E quando falamos de reparação é lembrando da necessidade de muitos recuarem e deixarem mesmo de estar sempre à frente, sempre no palco, sempre nas telas, é hora de reconhecer que isso é inclusive uma única ação entre tantas possíveis e urgentes. É com empatia que chegamos ao final desse diálogo, pois sei que pensaram junto de mim e que não irão sair daqui da mesma forma. Mergulho em leituras e conhecimentos que me fazem mover e agir. Sobretudo, vivencio historicamente as mazelas do preconceito, estou aqui exercitando o pensamento, espero ter aguçado o interesse de vocês e inspirado as suas jornadas de consciência engajada. Ocupem as telas a favor das revoluções necessárias.

## A Educação Audiovisual como ferramenta para transver o mundo

Lídia Lino

É preciso *transver o mundo*, já dizia o poeta Manoel de Barros. Em um momento conturbado e fundamental da nossa História, em que a necessidade de transformar a realidade está cada vez mais evidente, lançar mão das tecnologias digitais, aliadas ao desenvolvimento da inteligência emocional para trazer à luz o olhar e a expressão singular das crianças por meio de conteúdos audiovisuais produzidos com elas, pode ser um dos melhores caminhos para provocar mudanças sociais importantes e educar crianças felizes, conscientes e atuantes em nossas comunidades. Quando me tornei mãe e educadora, cinco anos atrás, achava que a maternidade e a educação contemporâneas seriam muito mais fáceis que na época da minha mãe. Eu pensava: “A ciência avançou muito, existem novos recursos e tecnologia, e pesquisas científicas já comprovaram dados sobre saúde, comportamento e educação de crianças que eram impossíveis de se saber há alguns anos. E

temos a Internet. Toda a informação necessária está disponível on-line, vinte e quatro horas por dia. Além disso, agora estamos em rede. WhatsApp, Facebook, Instagram são ferramentas para que eu me conecte com famílias e profissionais que podem me ajudar nesse caminho.”

Hoje, não me atrevo a dizer que eu estava totalmente errada, mas posso afirmar que minha visão sobre parentalidade e educação atuais era um tanto quanto ingênua e incompleta. É verdade que a evolução nos campos da tecnologia e da ciência facilita muita coisa, mas é um erro pensar que isso, por si só, garante uma educação mais segura e feliz para as crianças, e mais tranquila para os adultos. É que o mundo também se transformou desde a última geração de pais e mães. Os desafios de agora são completamente novos e, infelizmente, acredito que nossos próprios pais, mães, avós e educadores só podem nos socorrer até certo ponto.

As transformações tecnológicas e a onipresença das telas viraram o planeta de cabeça para baixo. Depois, veio a pandemia e revirou tudo do avesso. Diariamente, enfrentamos conflitos coletivos e crises existenciais sem precedentes, e somos forçados a ter de lidar com essas questões como se fôssemos – e ainda somos – peças de uma engrenagem que alimenta um sistema produtivista cujo grande interesse é fazer com que as máquinas continuem passando por cima de tudo o que há, em nome do lucro. Não é à toa que muitas pessoas estão frustradas, confusas, exaustas. E as crianças que usam muito as telas parecem também estar. Anda cada vez mais difícil enxergar a saída e, mesmo se houvesse uma, é pouco provável que as coisas voltassem ao que eram antes. Nessas horas, quando o peso e o desespero da realidade caem sobre a minha cabeça feito bigorna de desenho animado, eu sinto vontade de gritar. Mas apenas sussurro, quase que para dentro de mim mesma: “Ainda bem.”

E digo outra vez: ainda bem que não temos saída. Porque isso significa que vamos ter que inventar uma, criar algo novo. Essa possibilidade pode, sim, ser animadora porque nada do que já foi testado até agora parece funcionar nesse momento em que, em meio a tanto *GPS*, não conseguimos nos encontrar e, muito menos, conduzir as crianças para algum lugar seguro. E você pode argumentar: “Mas estamos cansados demais, desesperançados demais para tentar qualquer coisa. Principalmente se a resposta não estiver no Google.”

Olhar no Google pode não ser a resposta que buscamos, mas olhar para além do Google pode nos trazer as perguntas que precisamos fazer se quisermos calibrar nossas bússolas internas. Estamos percebendo que as telas são parte do problema e parte da solução para os dilemas da atualidade. Ao mesmo tempo em que nos proporcionam acesso a uma variedade de informações, imagens, contatos e oportunidades que jamais conseguiríamos obter de outra forma, sabemos que o uso de dispositivos eletrônicos está intimamente relacionado ao aumento de casos de doenças mentais e físicas e também ao distanciamento e à desconexão entre pais e mães e seus filhos, e educadores e seus alunos. Há um

ditado que diz que “a diferença entre o remédio e o veneno é a dose”. No caso dos eletrônicos, eu acrescentaria que, além de saber qual a dose correta, é preciso saber como usá-los.

É irônico pensar que o mundo virtual é hoje uma realidade concreta. Tão concreta que, por vezes, somos engolidos por ela. Passamos horas trabalhando, estudando, criando, nos relacionando, nos entretendo e nos emocionando diante das telas, e também é esse o caminho pelo qual as crianças estão indo. As atividades do dia a dia estão se tornando cada vez mais abstratas, e tudo pode ser resolvido com dois cliques, sem que precisemos sequer levantarmo-nos. As facilidades do universo on-line são tão sedutoras que a tendência geral é consumir sem questionar todo conteúdo que é produzido ali, e postarmos o máximo que pudermos porque existir digitalmente se tornou uma obrigação e, afinal, a nossa persona virtual precisa ser mais bonita, mais inteligente, mais bem-humorada e bem-sucedida e mais tudo o que é impossível ser o tempo todo na vida real. E, ainda por cima, nos ambientes digitais, aquilo que vemos e não gostamos pode sumir como num passe de mágica: é só cancelar e excluir. Repito, também é esse o caminho pelo qual as crianças estão indo.

Durante a pandemia, todos os aspectos positivos e negativos do mundo das telas parecem ter sido elevados à máxima potência – ao mesmo tempo em que a internet se tornou a solução para questões profissionais e pessoais trazidas pelo isolamento, o uso contínuo dos eletrônicos também tem sido apontado como uma das principais causas do aumento de patologias como depressão, ansiedade e síndromes diversas em adultos e crianças. Em razão desse contexto, podemos dizer que estamos diante do melhor momento para avaliarmos nossa relação com o universo digital e, a partir daí, repensarmos nossas estratégias e orientá-las para a busca de uma maneira mais saudável, equilibrada e produtiva de usar os dispositivos digitais e de ensinar isso para as crianças.

Chega de nos deixarmos anestesiarmos, por horas a fio, todos os dias, diante das telas, e chega de

anestesiarmos a infância com as telas. Do mesmo modo, chega de proibirmos completamente as crianças de usarem os eletrônicos, e chega de fugirmos deles, essa não é uma questão que se resolve na base do oito ou oitenta. A era digital está só começando, e negar a importância desse universo significa negar a realidade, o presente e o futuro. Já ficou evidente que adultos e crianças precisam encontrar equilíbrio entre os mundos do aqui e agora e da tecnologia, mas a pergunta é: como? Como educar as crianças no mundo das telas? Como nos autoeducarmos no mundo das telas? E é bem aqui que entra a *Educação Audiovisual*.

À primeira vista, esse pode parecer mais um termo da moda ou mais uma obrigação chata da qual devemos dar conta se quisermos sobreviver na era digital. Eu direi apenas que esse é um assunto sobre o qual precisamos conversar, se estivermos interessados em ser felizes e educar crianças felizes.

Saber quem somos no mundo das telas é tão importante quanto saber quem somos na vida off-line. Conhecer nossos padrões e gatilhos emocionais no ambiente digital, entender nossas expectativas, hábitos de consumo on-line, uso dos dispositivos eletrônicos e avaliar como andam nossas relações pessoais e profissionais no universo virtual são os primeiros passos para construir uma dinâmica mais saudável e equilibrada com as telas [1]. À medida que desenvolvemos o autoconhecimento da nossa persona digital, nos tornamos menos suscetíveis às distrações, ilusões e promessas comuns ao ambiente virtual. Esse processo de conscientização nos lembra que somos mais que nossos avatares, e é, portanto, fundamental para aumentarmos nossa qualidade de vida e mantermos nossa saúde mental em dia.

Nossas habilidades para o autoconhecimento no ambiente virtual podem ser denominadas como inteligência emocional digital, e chamamos de educação emocional digital as práticas que permitem o desenvolvimento dessas habilidades que todos já possuímos, em maior ou menor grau. Oferecer

educação emocional digital para as crianças de hoje em dia, os chamados nativos digitais, é uma premissa básica para estes tempos, mas para que possamos fazer isso de forma adequada é preciso que os adultos também estejam dispostos a educar suas próprias emoções nas telas.

Quando o tema é crianças e eletrônicos, ficamos inseguros e confusos, curiosos e apreensivos. A tecnologia invadiu nossas vidas de maneira tão avassaladora que não tivemos tempo ou conhecimento suficientes para avaliar qual seria a melhor forma de lidar com as infâncias na era digital. A ideia mais comum no imaginário adulto atual é a de que precisamos proteger as crianças da tecnologia, e isso tem nos trazido alguns problemas porque, como notamos, é impossível protegê-las de algo que é um recurso, uma ferramenta presente no dia a dia e, então, o que tem acontecido é que, diante dessa lacuna, as crianças estão entrando cada vez mais cedo e mais despreparadas no mundo das telas.

É necessário quebrar esse paradigma e mudar a cultura de ‘proteger as crianças’ para uma cultura de introduzir as crianças às novas tecnologias de maneira consciente e gradativa. Deixar uma criança navegar pelas telas, por exemplo, não significa deixá-la à deriva. Um mito que precisa ser quebrado é o de que as crianças de hoje já “nascem sabendo” como lidar com os dispositivos eletrônicos. Embora elas tenham mais facilidade para manejar novas tecnologias, isso não significa que elas entendam a complexidade do universo on-line. Ao contrário, elas ainda não têm repertório cognitivo e maturidade emocional suficientes para isso.

Outro fator importante é analisar a ‘dieta audiovisual’ de nossas famílias. Da mesma maneira que, como pais e educadores, nos preocupamos com a alimentação das crianças, cuidando para que tenham acesso a alimentos nutritivos, balanceados e saudáveis, também precisamos observar quais os tipos e a qualidade dos conteúdos digitais que estamos consumindo. E é aqui que apresentamos outro aspecto muito especial da educação

[1] [Território do Brincar](#); 2. [Disque Quilombola](#)

audiovisual.

Promover a nossa própria educação emocional digital e a das crianças é uma peça-chave da educação audiovisual e o ponto de partida para podermos nos aprofundar nessa temática. A partir do autoconhecimento e do empoderamento digital de crianças e adultos, podemos, por meio da educação audiovisual, produzir conteúdos com dispositivos eletrônicos para o ambiente virtual que tenham qualidade e propósito, e que sejam instrumentos para o ensino-aprendizagem dentro e fora das escolas. Nesse quesito, a analogia da dieta audiovisual também funciona: da mesma maneira que cultivar, preparar e consumir nossa própria comida é o melhor que podemos fazer pela nossa alimentação e pelo planeta, criar, produzir e consumir nosso próprio conteúdo digital também é a melhor forma de nos nutrirmos no ambiente tecnológico.

Em um mundo em que as telas são o centro das atenções, produzir conteúdos audiovisuais com as crianças pode ganhar um caráter revolucionário, capaz de expandir consciências, criar iniciativas transformadoras e manifestar mudanças profundas no sistema. Mas isso só é possível se estivermos dispostos a utilizar as facilidades e as ferramentas digitais para promover uma educação autêntica e libertadora tanto para adultos quanto para crianças. A proposta, aqui, é que sejamos sujeitos do conteúdo produzido, e não objetos dele.

De acordo com o pesquisador Igor Amin, idealizador da comunidade de Educadores e Educadoras Audiovisuais “O que queremos para o mundo?”, na qual faço parte desde 2020, para educar o outro, precisamos primeiro passar por um processo de autoeducação.

Cabe a nós educarmos audiovisualmente as crianças, assim como a nós mesmos, para que possamos ouvi-las atentamente junto aos recursos tecnológicos e audiovisuais a que temos acesso, contribuindo assim para que suas vozes se tornem mais amplas. Mesmo em silêncio, as crianças poderão subjetivar sua[s] experiência[s] pelo fato de poderem ter uma consciência de que suas

falas reverberam no mundo das telas. Esta é uma abordagem importante e necessária, para que os Educadores e as Educadoras Audiovisuais mediem processos com uma atenção plena às necessidades das crianças, convidando-as a participarem da invenção de narrativas próprias. (ATAÍDES, 2021, p. 42)

Segundo o autor, é importante

nos prepararmos para lidar com o mundo das telas sem torná-lo um dispositivo colonizador dos olhares sobre as infâncias. Este é um mundo no qual as estruturas normativas, como a mídia convencional e o sistema financeiro, produzem os dispositivos tecnológicos para ver e fazer filme, assim como estão aptos a operar para que a criança consuma informações de acordo com seus interesses normativos, fortalecendo problemas estruturais [...] (ATAÍDES, 2021, p. 42)

Nesse sentido, e levando em conta o nível de desigualdade social que temos em países como o Brasil, é necessário destacar que um dos principais papéis da educação audiovisual deve ser o de diminuir essas distâncias, e não o de aumentá-las. Sabemos que, enquanto algumas famílias lidam com os problemas decorrentes do excesso de telas, outras famílias brasileiras sequer possuem acesso a elas. Segundo Igor Amin, na sociedade da informação, há pessoas invisibilizadas devido à falta de acesso ao mundo das telas, chamados analfabetos digitais. Grupos esquecidos tanto na sociedade quanto no mundo virtual. A sociedade em rede é um local que reúne todas as possibilidades e, ao mesmo tempo, um novo espaço de exclusão. É o uso que fazemos das telas que podem torná-las emancipadoras ou opressoras (AMIN, 2021, p. 52).

Portanto, retornando ao início deste artigo, volto a dizer que a visão que eu tinha sobre parentalidade e educação há alguns anos era, de fato, ingênua e incompleta. Hoje percebo que temos, literalmente na palma de nossas mãos, a oportunidade e o poder para dar corpo a um movimento que, por meio da

educação audiovisual e a partir das tecnologias disponíveis, reúne potencial para proporcionar lugar de fala autêntico às crianças de realidades diversas, o que, por si só, já é um feito inédito em nossa sociedade *adultocêntrica*, e contribui ativamente para a formação de cidadãos conscientes, respeitosos, felizes e atuantes em suas comunidades.

Também é verdade que grandes poderes trazem responsabilidades igualmente grandes, e é nossa responsabilidade, como pais, mães, cuidadores e educadores, que todos nos tornemos Educadores Audiovisuais de adultos e crianças, dentro e fora de casa e das escolas. Cabe à nossa geração, a última que viveu uma infância off-line, dar as mãos à primeira geração de nativos digitais e guiá-los pelos caminhos tortuosos e encantadores do mundo das telas. Faz parte de nossa missão transformar com eles a nossa realidade concreta a partir dos dispositivos digitais. Apesar dos tantos avanços e solavancos, é sempre bom lembrar que o olhar das crianças continua sendo a melhor tecnologia para “transver o mundo”.



### Referências

ATAÍDES, Igor Amin. **Como educar as crianças no mundo das telas?** Belo Horizonte: Aletria, 2021.

## Filmando meu território

Mayan Maharishi

É preciso colocar a ‘luz, câmera e ação’ sobre a imensa resistência que constituímos enquanto povo, afinal quanta beleza criamos em nossas comunidades, guetos, famílias etc. Sentimos que é importante partilhar os diferentes conhecimentos, que são profundos e sistematizados.

Existem Brasil afora muitos territórios que contam histórias, culturas, desafios, diversidade de saberes e fazeres. Mostrar para todo o mundo histórias de vida, experiências, curiosidades e o baú

de imaginação que vive em cada criança é uma oportunidade e uma necessidade de contar nossas memórias, realidades e ancestralidades! Para isso, vamos conversar sobre esses assuntos e incentivar que crianças filmem seus territórios, além de contarmos experiências que já foram vivenciadas, para que possam conhecer. Já estamos animados para conhecer esses pequenos, grandes contadores de estórias, cineastas!

### Partilhar os diferentes conhecimentos

Já manifestamos em outros diálogos do “O que queremos para o mundo?” quão importante é conhecer/difundir ou vivenciar diferentes epistemologias, ou seja, distintos modos de se pensar, viver, fazer história, produzir conhecimento, outras

formas de aprender e ensinar, diferentes formas de ser no mundo.

Por meio dessas partilhas, é possível ouvir uma história, aprender a fazer algo novo, conhecer

culturas, conhecer infâncias, crenças etc. Já pensou como se faz uma farinha de mandioca desde a escolha da muda que se planta, até a colheita, seu beneficiamento e o preparo do alimento? E as brincadeiras, quais serão as brincadeiras presentes no Alto Vale Jequitinhonha, no médio e no baixo

### Territórios que contam histórias

Territórios contam histórias. Cada lugar produz um saber, um conhecimento único, uma interação própria, suas linguagens, suas formas de trocas e aprendizagens. Tudo isso é próprio de cada lugar, que constitui identidades e territórios. Qual sua origem? O que conta a história do seu lugar?

Os lugares contam histórias. Cada território tem seu diferente bioma, por exemplo, uma árvore específica do cerrado lhe conta uma história e uma da mata atlântica conta outra. Os formatos são diferentes, as cores outras, os frutos podem ter usos distintos e as propriedades medicinais podem ser semelhantes, com plantas de diferentes territórios. Cada rio carrega seu canto e seu encanto. Cada pássaro dispersa no ar um jeito seu de avuá!

### Recursos tecnológicos, aproveitando seu acesso para uma atuação engajada

Em novembro de 2019, no III Fórum “O que queremos para o mundo?”, com o tema *Pedagogias do Futuro e Educação Tecnológica*, Marcus Bussey, em São Gonçalo do Rio das Pedras, distrito do Serro, Minas Gerais, promoveu uma reflexão muito interessante em sua aula, *Hackeando as Pedagogias do Futuro*, sobre a infância e as inúmeras possibilidades que uma nova educação audiovisual pode despertar em nós e no outro, a partir de uma reprogramação dos padrões e das imagens que temos, do que aprendemos e de como podemos aprender e ensinar.

Bussey defende a ideia de que somos capazes de uma atuação engajada, que utiliza a tecnologia

Jequitinhonha, Minas Gerais? E lá em Balbina, no Amazonas, quais são as brincadeiras? Como é o aprendizado das crianças nas diferentes comunidades rurais, nos bairros urbanos, nas vilas? E como é o conhecimento precioso dos pescadores ribeirinhos? E os saberes das aldeias? [1]

As coisas contêm história também, um objeto pode carregar memória, sentido, afeto. Um cheiro pode despertar muita informação, nossas percepções sensoriais podem despertar lugares fantásticos visíveis e invisíveis. E, a partir de um objeto, lugar, território e não lugares, podemos engajar histórias que nos ajudam a melhorar nossos dias em direção ao bem viver. A imaginação também é território, território fértil para transcender limites. Há mundos imagéticos inventados e há mundos mágicos habitados pelos encantados, que nada têm de inventados, são culturas ancestrais que carregam grandes verdades sobre nosso viver sob a terra, sendo terra, transcendendo limites, limites, esses sim, forjados.

a nosso favor, nossa tecnologia enquanto seres humanos e as tecnologias ferramentarias que temos. A grande sacada de Bussey é difundir que podemos *hackear* as formas de ensino-aprendizagem, nos baseando em valores neo-humanistas, aqueles que expandem sua visão de mundo para um aspecto integrado entre humanos e todos os seres vivos, entendendo-se como parte ativa e interligada. *Hackear* as estruturas baseadas nesses valores é feito com o objetivo de que nos levem a um amor pleno pelo mundo e que este esteja presente em todas as nossas ações.

Aonde queremos chegar com essa reflexão? Quando falamos de registrar, a partir do filmar

[1] Território do Brincar - YouTube 2. Waapa | VIDEOCAMP 3. Disque Quilombola | VIDEOCAMP 4. Terreiros do Brincar | VIDEOCAMP.

de seu território, estamos falando também de recursos tecnológicos. É preciso certos recursos para que seja possível uma filmagem. O que devemos compreender é que o acesso a esses recursos, sobretudo no Brasil, enfrenta muitas limitações. Sofremos com falta de acesso e recursos tecnológicos caros, se comparados com a renda média de nossa população.

Enfim, há inúmeros desafios e falta de incentivo em tecnologia em espaços públicos ou na massificação desse acesso. É claro que com acesso também há outros desafios, mais relacionados com a forma de uso, pois os ambientes digitais e midiáticos habitam o universo das tecnologias de maneira perversa. É preciso compreender esses desafios e também entender que o acesso à tecnologia não é ainda para todos e todas, isso torna nosso compromisso ainda maior no que diz respeito ao uso, como disse anteriormente. Podemos assim usá-lo, já que temos acesso, de maneira engajada, caminhando rumo a um uso de impacto positivo.

Temos urgências diante das realidades que vivenciamos, “O que queremos para o mundo?” age e difunde práticas para uma educação significativa e respeitosa, que possibilita que narrativas, no plural, sejam parte do nosso dia a dia e que juntos possamos caminhar para uma prática que não seja da separação e sim de uma união pela paz e pelo amor realmente engajados nas entranhas de ações no mundo.

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2007), há um pensamento abissal separatista, que enalteceu visões de mundo ocidentais, eurocêntricas, que criaram abismos em relação a culturas existentes. É nesse sentido que ele propõe a valorização de uma Ecologia de saberes, não monopolizadora e sim que enfatize as pluralidades.

### Experiências significativas e narrativas emergentes

Algumas experiências já compartilhamos com vocês em outros textos desta publicação, em que trouxemos diversas ações realizadas no “O

Esses saberes plurais sempre foram existentes, porém submersos pelas desigualdades e desequilíbrios gerados pelo colonialismo e pelo capitalismo. É preciso superar uma divisão histórica e estrutural arquitetada para aprisionar. Boaventura vai nos alertar sobre a divisão sul e norte global, mas ambos sempre existiram, sempre coexistiram, o que emerge atualmente é a capacidade em massa de percebermos que o “sul global” subestimado não tem a força de um leão, mas sim de uma alcateia inteira, uma capacidade imensurável e culturas surpreendentes que foram minadas por séculos.

“O pensamento pós-abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. [Ele] Confronta a monocultura da ciência moderna com uma *ecologia de saberes*, [...] porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento.” (BOAVENTURA, 2007, p. 22-23)

Por isso, nos importamos em estimular as narrativas emergentes e expandir as tantas vozes existentes. Queremos fortalecer o direito à vida em sua total manifestação, usando nossos acessos e capacidades para a liberdade, mesmo que esta seja uma construção lenta e que pareça distante. Segundo Boaventura (2007, p. 25), a utopia do interconhecimento consiste em aprender outros conhecimentos sem esquecer os próprios, é esse nosso engajamento no “O que queremos para o mundo?”, o que queremos fortalecer são as narrativas plurais, em que as pessoas dividam suas vivências, conhecimentos e histórias.

que queremos para o mundo?”, elas resultaram em vídeos engajados, educativos e registros de infâncias pelo mundo. Então aqui vamos trazer

um novo exemplo vivenciado por mim e um grupo de educadores no contexto de um projeto chamado “Vídeo-Cartas entre estudantes da Licenciatura em Educação do Campo” [2].

Algumas narrativas emergentes surgiram nesse projeto que realizamos em programa de extensão da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), na Licenciatura em Educação do Campo – LEC. Coordenado pela professora Ofélia Ortega, o projeto “Vídeo-Cartas entre estudantes da Licenciatura em Educação do Campo” tornou-se um projeto de grande importância na nossa comunidade educativa e nas comunidades dos estudantes de toda a licenciatura.

O “Vídeo-Cartas” é um projeto em diálogo direto com o audiovisual e a liberdade narrativa dos estudantes, baseado em suas experiências significativas. O projeto Vídeo-Cartas apresenta aos estudantes uma desmistificação do uso de recursos tecnológicos, como celulares e aplicativos, na produção audiovisual, incentivando o uso de recursos simples e promovendo ações de ensino-aprendizagem e capacitações em relação à criação audiovisual.

Possibilita a apropriação de tecnologia e a aquisição de competências artísticas para a produção audiovisual, com diferentes utilizações, uma delas o uso como materiais didáticos contextualizados no campo, que no contexto atual tornaram-se fundamentais na formação de professores. Incentiva o registro dos territórios dos estudantes e de seus interlocutores, comunidades tradicionais e quilombolas, e das práticas culturais comunitárias de licenciandos em Educação do Campo na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), em Minas Gerais.

As vídeo-cartas são filmes de curta-metragem com duração de 5 a 10 minutos, com conteúdo selecionado e elaborado pelos estudantes com o intuito

de mostrar a realidade local das comunidades. As vídeo-cartas são entendidas como um produto audiovisual que socializa as visões de mundo entre os estudantes e suas comunidades, num processo dialógico que pretende mostrar tanto as problematizações da realidade quanto as marcas culturais que constituem a identidade dos povos do campo.

Os vídeos trazem uma rica diversidade de olhares e narrativas por meio de registros do patrimônio cultural imaterial, conhecimentos populares, questões socioambientais, da vida cotidiana no campo e da vida acadêmica dos estudantes. Os envolvidos articulam linguagem, cultura e audiovisual. Há um canal no Youtube, “Vídeo-Cartas Projeto”, vale muito a pena visitar, vocês vão conferir a diversidade de narrativas e registros que foram elaborados pelas envolvidas no projeto.

O “Vídeo-cartas” tem sido uma importante ferramenta de comunicação comunitária e de narrativas audiovisuais camponesas. Para dar um gostinho de quero mais e aguçar a curiosidade, vou contar o que tem por lá: tem as crianças no desfile da escola, tem processo de fabricação de doce, tem benzedeira, tem vídeo sobre agricultura familiar, sobre cultivo de pimenta, tem educação do campo em cena, tem feitura de quitandas e muito mais. Passem lá e se inspirem nesse intercâmbio de saberes.

Hora de pegar a tecnologia e incentivar a criança a filmar seus diferentes territórios do brincar, da imaginação, do viver, do conhecer! Filmar meu território é partilhar diferentes conhecimentos, pois territórios contam histórias. Com o uso de recursos tecnológicos, aproveitamos o acesso para uma atuação engajada, partilhamos experiências significativas e narrativas emergentes. Valorizar uma ecologia de saberes, diminuir distâncias, valorizar as infâncias e expandir as vozes existentes é o que podemos mediar e incentivar por meio do “O que queremos para o mundo?”.

[2] Canal “Vídeo-Cartas Projeto”: <https://www.youtube.com/c/VideoCartasProjetoUFVJM/featured.2>. Plataforma “Sementeia”: <http://sementeia.org>.

## Referências

BUSSEY, Marcus. Hackeando as Pedagogias do Futuro. *In: III Fórum "O que queremos para o mundo?" – Pedagogias do Futuro e Educação Tecnológica*. São Gonçalo do Rio das Pedras, Serro, Minas Gerais, [20--].

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [On-line], 78, 2007, p. 3-46. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/753>. Acesso em: 30 mar. 2022.

## Aulas e telas – uma conversa sobre novas mentalidades possíveis

Lídia Lino

“Não adianta usar telas nas aulas, se as escolas não mudarem a mentalidade.” Este artigo será uma conversa sobre os desafios e as oportunidades trazidas pelas novas tecnologias para o processo de ensino-aprendizagem. O uso das novas tecnologias nas escolas brasileiras ainda é um grande tabu. Enquanto algumas linhas pedagógicas defendem que as telas não devem fazer parte da educação nas instituições de ensino, outras investem muito dinheiro e adaptam sua metodologia para implementar os dispositivos digitais na maioria das atividades dos alunos. Entre essas polaridades estão as escolas públicas, cuja realidade ainda é de escassez de recursos financeiros e estrutura para oferecer aos estudantes uma educação de qualidade tanto no modelo digital quanto no presencial. Crianças hiperestimuladas pelas telas, crianças que nunca tiveram a oportunidade de utilizá-las, pais, mães, cuidadores e educadores confusos, exaustos e despreparados quando o assunto é o uso das telas: a escola é o ponto de encontro de todos esses aspectos que compõem a intrincada realidade do país.

O isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19 escancarou as deficiências já existentes e trouxe ainda mais desafios para as instituições de ensino e comunidades de aprendizagem. Para as especialistas Mana Boschi e Nina Magalhães, as mudanças na educação impostas pelo período de quarentena oferecem uma oportunidade única para que vários paradigmas sejam revistos e transformados. No entanto, elas avaliam que a maneira

com que a maioria das escolas está lidando com as dificuldades do processo de ensino-aprendizagem nas telas não tem se mostrado eficiente e, ao contrário, está deixando ainda mais lacunas na educação e desestimulando alunos de todas as idades.

Mana Boschi é mãe, pedagoga, pós-graduada em Neurociências do Comportamento, educadora parental, fundadora da Associação Brasileira de

Disciplina Positiva e dona da Escola da Serra de Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais. Nina Magalhães é mãe, terapeuta ocupacional, Educadora Parental em Disciplina Positiva e também é

colaboradora da Escola da Serra de Pouso Alegre. Confira abaixo alguns trechos da entrevista com essas especialistas.

### Como vocês veem a relação das escolas com

#### as telas?

**Mana Boschi:** Este é um assunto que precisa ser mais debatido, especialmente em relação à educação infantil. Ao meu ver, se tentarmos transferir o modelo de sala de aula para a tela, estamos fadados ao insucesso. Não dá para reproduzir o formato da sala de aula, onde um fala e o outro é passivo, nas telas. Ficar sentado diante dos dispositivos eletrônicos já é algo muito passivo, então é fácil para o aluno, por exemplo, desativar seu microfone e sua câmera. E aí o professor perde o contato visual e não tem como saber se as pessoas estão prestando atenção no que ele está falando, se elas estão absorvendo e interagindo ou não com o conteúdo. Quantos de nós já não fizemos isso em reuniões on-line, quando desligamos a câmera para fazermos outras coisas enquanto participamos de videoconferências? Com crianças e adolescentes é a mesma coisa. Se eles já estão desmotivados, se o tema não é interessante e eles têm como fugir da aula sem serem vistos ou punidos, por que eles não fariam isso? Eles podem até estar dormindo do outro lado.

#### O que você acha que poderia ajudar a minimizar esse problema?

**Mana Boschi:** Na minha avaliação, os professores deveriam usar menos tempo de tela. O modelo da sala de aula invertida é um bom exemplo. Para as crianças maiores, o educador poderia dizer: “Amanhã vamos estudar a Primeira Guerra Mundial. Temos este site, este texto, este podcast, este vídeo.” E, então, ele pode pedir para que os próprios alunos pesquisem e, no dia seguinte, durante o encontro on-line – que eu nem chamo de aula –, eles fariam juntos um painel reunindo todas as informações que os estudantes levantaram, a partir da mídia que cada um considera mais adequada para si. Um vai trazer um vídeo, o outro um texto, e assim por diante. Depois, eles tiram dúvidas,

observando os pontos que não ficaram claros. O mesmo pode ser feito com as outras disciplinas, como ciências, matemática.

Nesse sentido, a intersecção com a filosofia e as atividades do projeto “O Que Queremos Para o Mundo?” é fundamental. Essa cocriação de conteúdos audiovisuais com os alunos é uma excelente maneira de trabalhar o processo de ensino-aprendizagem e de avaliar o aprendizado dos alunos. Em vez de fazer um texto, ou uma prova, os estudantes podem, por exemplo, fazer um podcast sobre a Primeira Guerra Mundial, entrevistando uma pessoa idosa, um historiador... são várias possibilidades.

Já para os pequenos, o tempo da aula on-line tem que ser de conexão, de brincadeira, de manutenção do vínculo. No período em que nossa escola ficou fechada, fizemos encontros de meia hora com as crianças, com momentos em dupla, trio e individuais. Houve apenas uma reunião com a sala inteira, para que o vínculo com a turma não se perdesse. O sentido é brincar com eles. Brincamos juntos de forca, conversamos sobre os livros que eles haviam levado para casa. É um momento de troca. Percebemos que usar as telas rapidamente, em encontros de dez minutos, como instrumento de conexão entre os alunos, os professores e a comunidade escolar, trouxe resultados incríveis. Até os pequenos, os alunos de 3 anos, queriam participar, falar com a professora. E o retorno que tivemos dos pais foi bastante positivo. Optamos também por enviar atividades concretas para que as crianças fizessem em casa, como plantar sementes. E aí deixamos o tempo de tela para fazer oficinas de culinária, de música, e até mesmo de capoeira, e para ter esse momento de contato e conexão.

**Nina, como mãe de uma criança que já está no ensino fundamental, como você vê a experiência da aula on-line em uma escola particular, com uma abordagem**

### tradicional de ensino?

**Nina Magalhães:** Minha filha mais velha está no modelo tradicional de ensino, e o que eu vejo é esta tentativa de trazer o ensino presencial para o modo on-line, sem muitas mudanças. E precisamos lembrar que o ensino presencial, desde antes da pandemia, já estava ultrapassado, já não atendia às necessidades educacionais destes alunos da nova geração. É um método muito pautado na transmissão de conteúdo, na educação bancária. De repente veio a pandemia, pensamos que poderia ser uma grande oportunidade para as escolas inovarem e apostarem de uma vez por todas em uma nova forma de educar. Mas, infelizmente, o que tem acontecido é a replicação do modelo tradicional no ambiente on-line. Hoje, um ano depois, percebendo os impactos que isso trouxe para a relação da minha filha com a escola e o aprendizado, eu digo que o que estava ruim no começo, ficou pior agora.

### Então você considera que as novas tecnologias pioraram a qualidade do ensino? Ou que as aulas só podem ser bem dadas presencialmente?

**Nina Magalhães:** O que eu quero dizer é que o ambiente virtual pede uma mudança de mentalidade, uma abordagem mais inovadora. É completamente possível que crianças de qualquer faixa etária tenham aulas maravilhosas com dispositivos digitais, mas, antes, precisamos mudar a mentalidade. Enquanto continuarmos pensando que se trata apenas de transmitir conteúdo e cumprir carga horária, em um sistema em que os alunos ouvem passivamente o professor, tudo vai ser ainda mais desafiador. No ambiente on-line, é mais difícil para os alunos manterem a atenção e cumprirem a mesma carga horária extensa. Eu vejo minha filha sofrer por conta disso, reclamando do cansaço das vistas e da mente, dizendo que não consegue ser ouvida durante a aula. Temos a sensação de que eles não são vistos, muitas vezes. Para os professores também tem sido muito complicado, porque sustentar essa proposta pedagógica tradicional no ambiente on-line não é fácil, é exaustivo. Eu acredito na capacidade das telas de promover senso

de pertencimento aos alunos. Esse é um dos pilares da Disciplina Positiva, que é uma abordagem de educação que privilegia o desenvolvimento das habilidades emocionais e sociais das crianças, e que pode ser praticada tanto em casa quanto na escola. Os alunos precisam deste senso de pertencimento, precisam se sentir parte desta comunidade escolar, e isso é possível em um ambiente on-line mais democrático e participativo.

### Como vocês veem o professor nas aulas on-line?

**Mana Boschi:** Temos que ser muito empáticos com os professores. Eles estão trabalhando no modelo on-line mais do que trabalhavam no modo presencial e, mesmo sem recursos, sem repertório e sem receber de seus gestores as orientações necessárias, eles estão tentando se reinventar. Entendo os professores, eu vejo os desafios. Oferecendo treinamentos on-line para professores, fiquei surpresa em ver que muitos não estavam familiarizados com as ferramentas on-line. Tivemos que lhes ensinar como usar aplicativos e sites de videoconferência, o que é algo bastante básico. Muitas vezes, ferramentas simples podem solucionar os problemas. Por exemplo: para evitar interrupções durante a aula enquanto uma pessoa estiver falando, ou para avisar que outras pessoas querem falar, fizemos um combinado de colocar, no chat da videoconferência, um emoji de coraçãozinho. Decidimos também combinar sinais não verbais para outras situações. São pequenas coisas que podem ser feitas, mas ainda falta prática e mudança de mentalidade.

**Nina Magalhães:** Eu penso que é possível aplicar o princípio da Disciplina Positiva da firmeza com gentileza também no ambiente virtual, assim como a conexão com os alunos. Uma prática de acolhimento antes de a aula on-line começar pode ajudar no engajamento da turma. Percebo que, às vezes, o professor, quando tem um sistema apostilado, fica muito preocupado porque tem metas a cumprir, e o foco está todo nisso. Mas se o professor não se conectar com os alunos, vai ser muito mais difícil que ele seja ouvido e entendido na aula, porque a criança ouve quando se sente ouvida. Se estamos modelando uma boa escuta, que seja no ambiente

virtual ou não, eles vão estar muito mais aptos para nos ouvir também.

Precisamos mudar não somente o meio, mas também a mentalidade e a abordagem, e vejo que falta esse suporte para os professores. Costumamos criticar esse modelo, mas essa não é uma questão que depende apenas do professor. Sabemos que falta investimento e formação para a categoria. Muitos deles não foram educados de forma inovadora, ou só viram esses temas na teoria e não de forma prática, então não têm referências sobre como fazer diferente. Precisamos oferecer aos professores oficinas práticas, de vivências, para que realmente possamos utilizar o ambiente virtual com todo seu potencial.

### Vocês acham que existe resistência por parte dos professores em utilizar as ferramentas digitais nas aulas?

**Mana Boschi:** Sim. É uma resistência muito forte, que vem acompanhada de uma ideia falaciosa de que aula on-line não funciona. Não é que a aula on-line não funcione, é que não estão pensando de uma forma diferente, e ficam apenas reproduzindo, no ambiente digital, algo que sequer funciona em aulas presenciais, que é este modelo pasteurizado, que chamamos de “aula tamanho único”.

### O que vocês acham que as escolas podem fazer para lidar com os desafios que o ambiente on-line está trazendo para o processo de ensino-aprendizagem?

**Mana Boschi:** As escolas precisam se posicionar de uma maneira mais firme. Quando os pais cobrarem por mais aulas, a escola tem que poder ter a liberdade de dizer: “Não, tem que ter menos aula.” E oferecer apoio para os pais também. As famílias precisam entender que colocar a criança na frente do computador durante quatro horas seguidas não vai garantir aprendizagem. Vamos ter alunos passivos, emburrados, traumatizados. Depois da aula on-line, o pai ou a mãe ainda diz para a criança desligar a tela porque já ficou muito tempo nesse mundo digital, mas essa sequer foi uma opção para a criança.

Então, nesse caso, acho que menos é mais. Tempos de aulas curtos, com grupos pequenos para que as crianças possam ouvir. Na Escola da Serra, por exemplo, fazemos questão de montar grupos de, no máximo, três alunos e a professora, porque se a criança está em um tablet ou celular, ela consegue enxergar todos de uma vez. Assim, nenhuma aula fica igual a outra, e isso é muito legal, porque, mesmo que eles estejam na mesma turma, como são grupos tão pequenos, todas as aulas saem diferentes. E as crianças sentem que estão sendo ouvidas. E o que elas fazem quando não estão no celular? Elas podem fazer uma das atividades que a escola enviou para casa. Aqui, costumamos mandar um kit com ideias, sugestões.

Ou os alunos podem, simplesmente, descansar. Qual é o problema? Fazer uma atividade física, brincar com seus próprios brinquedos, que muitas vezes a criança sequer tem tempo de brincar. Ela não tem que ficar ocupada. Precisamos acabar com essa mentalidade de que “temos que manter as crianças ocupadas”, porque isso não é aprendizagem. Alunos precisam estar saudáveis, bem, felizes, ativos e com vontade. Se a criança está dizendo que não quer participar da aula on-line, é porque ela não está feliz, e ela precisa ser ouvida. A principal falha das escolas, dos professores e dos pais tem sido a de não ouvir a parte mais importante, que são os alunos. “Qual aula funcionou bem?”, “Por quê?”, “Do que você gostou?”. Essas são perguntas necessárias.

No modo presencial, as aulas que os alunos mais gostam, geralmente, são as Educação Física e Artes, porque são aulas em que as crianças se mexem, ou fazem alguma coisa. Por que a aula de matemática não pode ser assim? Por que não dá para aprender matemática pulando amarelinha, se movimentando? Com as telas, eles também precisam fazer alguma coisa e não ficarem somente passivos. Tem gente fazendo muita coisa boa, e já dá para aprender com experiências que deram certo. Mesmo reconhecendo todo trabalho dos professores, famílias e escolas, existe um comodismo por parte das famílias e das escolas.

**Nina Magalhães:** Nas reuniões de pais e mães que tivemos com a escola, é perceptível que os pais

exigem que as escolas passem muito conteúdo. Existe uma crença de que “meu filho não pode ficar atrasado”, “meu filho vai perder o ano”. Eles querem que os filhos aprendam aquele conteúdo e a escola não está se posicionando enquanto especialista. A Disciplina Positiva me ensinou a olhar o aprendizado da criança a longo prazo. E quando focamos apenas no conteúdo, vemos só o curto prazo. A pergunta tem de ser: o que eu preciso desenvolver neste aluno? E a resposta é protagonismo, autonomia. Se ele tiver isso, ele corre atrás de qualquer conteúdo. O conteúdo ensinado da forma tradicional, o aluno esquece na semana seguinte. Mas se desenvolvermos nele a habilidade de buscar o conhecimento, de se sentir capaz, ele pode aprender por si mesmo e perceber que o que ele pensa é válido e que ele pode contribuir. Isso é um aprendizado para a vida, e vai ajudá-lo a passar em provas de marcar “X”, porque ele vai se sentir capaz, vai ter autonomia e protagonismo.

**Mana Boschi:** A curiosidade do aluno também é importante. Temos o hábito de matar a curiosidade da criança. Quando o aluno pergunta, o adulto responde: “Não é a hora”, “Não é agora”, “Não é disso que a gente está falando”. Ou, se a criança traz algo de casa para mostrar para a turma, surgem comentários também nessa linha: “Ah, mas então entrega pro professor tal, na hora tal.” E aí a curiosidade vai se tornando uma coisa ruim.

**Vocês acham que esta crise da educação tradicional nas telas pode ser uma oportunidade para que possamos olhar mais profundamente para os desafios da educação como um todo no Brasil, e transformar a educação tradicional de maneira geral, para além das limitações trazidas pela pandemia?**

**Nina Magalhães:** Estamos diante de uma grande oportunidade, e cabe a nós, enquanto escola, família e comunidade escolar, fazer isso acontecer. Precisamos decidir mergulhar ou não em um novo caminho, ou morrer tentando, porque insistir nas velhas práticas e desejar um resultado diferente não tem funcionado.

**Mana Boschi:** No começo da pandemia, eu tinha muita esperança de enxergar isso como uma oportunidade. Um ano se passou e eu confesso que me decepcionei com a forma como as coisas se encaminharam, porque parece que piorou ainda mais. Precisávamos ter olhado a situação nova que se apresentou e decidido fazer diferente, mas o que aconteceu foi que continuamos fazendo igual, cometendo os mesmos erros, agora em uma mídia digital.

**O que vocês acham de algumas soluções apresentadas pelas escolas de hoje, como o sistema híbrido de ensino, em que parte da turma assiste aulas presencialmente e outra parte acompanha em casa, pelas telas?**

**Mana Boschi:** Isso não é ensino híbrido, é uma péssima forma de manter o formato, porque fica ruim para todos: para o professor, que tem que dar aula olhando para os alunos na sala e para uma câmera, e então ele não consegue conduzir nem quem está no sistema presencial, nem quem está em casa. Para os alunos na sala de aula é difícil, porque tudo fica ainda mais passivo do que antes, já que até o fato de o aluno pedir para ir ao banheiro é um problema, porque atrapalha o áudio de quem está em casa.

**Nina Magalhães:** Na escola da minha filha, eu notei que neste ano houve uma piora em relação ao ano anterior, por conta desse sistema híbrido. As crianças sequer haviam conseguido se adaptar totalmente às aulas on-line, e quando as aulas presenciais voltaram, elas eram totalmente diferentes. Os alunos em sala não podiam falar, não podiam se mexer, não tinha recreio, não tinha brincadeiras, a professora não conseguia conversar. Na nossa família, tomamos a decisão de tirá-la da escola, apesar de ver o esforço da comunidade escolar, porque entendemos que a mentalidade do colégio não vai mudar tão rapidamente quanto precisamos, e a saúde emocional da minha filha já estava ficando comprometida. Ela saía chorando e chegava chorando das aulas. Acredito que, como famílias, precisamos também nos posicionar e olhar para os nossos filhos que estão sofrendo enquanto nós dizemos “tem que fazer a aula on-line”. Vamos ol-

har para as crianças, porque elas são os termômetros que vão dizer se o sistema está funcionando ou não. E, a partir disso, vamos pensar estratégias diferentes. Estamos deixando passar a oportunidade de fazer algo diferente e usar a tecnologia a nosso favor.

**Uma das criadoras da Disciplina Positiva, Dra. Jane Nelsen, costuma dizer que, de todas as ferramentas trazidas pela abordagem, a mais importante é o “Foco em Soluções”. Como podemos olhar para essas questões problemáticas em relação ao ensino nas telas com foco na solução?**

**Mana Boschi:** Acho que, no ambiente familiar, uma boa dica seria estabelecer rotinas claras para adultos e crianças, e envolver os filhos nesse processo. Por exemplo, combinar quando e como será o café da manhã, o tempo de ficar juntos, de brincar, de fazer uma atividade física, de usar as telas. Estabelecer a rotina e tentar segui-la, claro, com alguma flexibilidade, é o ideal. Nesse contexto, dá pra combinar com a criança qual o horário em que ela quer fazer o dever de casa, assistir a um vídeo assíncrono das aulas on-line. Para algumas crianças pode ser melhor fazer uma parte de manhã e outra à tarde, e tudo isso pode ser negociado. Envolver a criança no processo é fundamental. Depois que a rotina estiver pronta, a família pode fazer um teste por uma semana e avaliar e fazer alterações. Isso é mais eficaz do que ficar impondo à criança a responsabilidade de tentar resolver todas as questões sozinha.

**Nina Magalhães:** Eu diria que é essencial que os adultos da família exercitem suas habilidades de escuta ativa. Entender o que acontece, por exemplo, quando o filho sai chorando de uma aula, ou não quer terminá-la. Em vez de já partir para a bronca, para o sermão, procurar saber o que está acontecendo, o que está tornando aquela situação tão desafiadora. E, a partir daí, pensar em um caminho juntamente com a criança. Às vezes, a solução está em colocar a criança para conversar com a escola. A criança precisa ocupar este lugar

de protagonismo na escola, de dar sugestões.

Muitas escolas não têm essa cultura de chamar a criança e ouvi-la nas reuniões e decisões. Mas pais e mães podem estimular esse movimento, empoderando seus filhos e pedindo essa postura por parte da comunidade escolar.

**Mana Boschi:** A escuta ativa na escola também é importante. É preciso ter um relacionamento muito estreito de confiança entre a família e a escola. A escola precisa, sim, ouvir pais e alunos, e também precisa poder se colocar como especialista e isso, muitas vezes, significa dizer para os pais: “Sinto muito, mas colocar a criança na frente do computador durante quatro horas não é algo que fazemos aqui.” A escola pode também trazer para os pais e mães conteúdos que os ajudem a se atualizar e encarar os desafios do nosso tempo, promovendo encontros, palestras e outras iniciativas. Ouvir as crianças vai sempre ser fundamental para ter novas ideias para problemas que, às vezes, já estão presentes há muito tempo. Elas têm contribuições excelentes. Não acredito que as crianças de hoje não queiram aprender, estudar ou fazer alguma coisa, não se trata disso. É que os alunos não se sentem ouvidos, não se sentem úteis, importantes ou pertencentes. Mais do que aprender a lidar com a tecnologia, as escolas precisam aprender a lidar com os alunos, ver o que funciona ou não com seus próprios estudantes.

Na nossa escola, passamos pela seguinte situação: durante uma aula on-line, uma das crianças não conseguia baixar o aplicativo de videoconferência no celular do pai. A solução que encontramos foi a de fazer o encontro via videochamada do WhatsApp, já que todos tinham esse *app* instalado. Isso não alterou a qualidade da aula, mas fez uma enorme diferença para que aquela criança se sentisse pertencente, incluída. Precisamos pensar em alternativas inclusivas e menos engessadas. Precisamos customizar as soluções, ser flexíveis, ouvir as crianças, os adolescentes, as famílias. As escolas devem estabelecer com clareza os limites do que acreditam que funciona e estão dispostas a fazer.

### Alguma dica específica para os professores?

**Nina Magalhães:** Para os professores, eu diria que uma boa opção seria, no momento do planejamento da aula, pensar para além do conteúdo a ser ensinado, e levar três fatores em consideração: desenvolver o senso nas crianças de que elas são capazes, de que elas podem contribuir de maneira significativa e de que elas são genuinamente necessárias

ali naquele ambiente, naquele contexto e naquela comunidade. Essas são algumas das principais habilidades de vida que a Disciplina Positiva busca trabalhar na educação das crianças. Se o professor planeja a aula pensando nesses fatores, com certeza a aula vai gerar engajamento, vai ser interativa e vai ter a criança como protagonista, mostrando para ela que ela pode influenciar as coisas que acontecem à sua volta.

### Referências:

ESCOLA DA SERRA. Pouso Alegre. Página inicial. Disponível em: [escoladaserrapousoalegre.com.br](http://escoladaserrapousoalegre.com.br). Acesso em: 30 mar. 2022.

PODCASTIGO. Podcastigo: dicas práticas para lidar com mau comportamento sem perder a linha. Página inicial. Disponível em: [podcastigo.com.br](http://podcastigo.com.br). Acesso em: 30 mar. 2022.

BOSCHI, Mana & MAGALHÃES, Nina. Instagram. **@ninaemana**. Disponível em: <https://www.instagram.com/ninaemana/>. Acesso em: 30 mar. 2022.

BOSCHI, Mana & MAGALHÃES, Nina. Spotify. **PodCast-igo?** Disponível em: <https://open.spotify.com/show/4XwpwrCavaqPO87VI55v7X?si=176bd18cd5704d31>. Acesso em: 30 mar. 2022.

# A cultura do brincar audiovisual

Luiza Vianna

Há muitas pessoas de visão perfeita que nada vêem. [...] O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido. [...] Quando os olhos estão na 'caixa de brinquedos', eles se transformam em órgãos do prazer: brincam com o que vêem, olham pelo prazer de olhar, querem fazer amor com o mundo. (ALVES, 2005, p. 14)

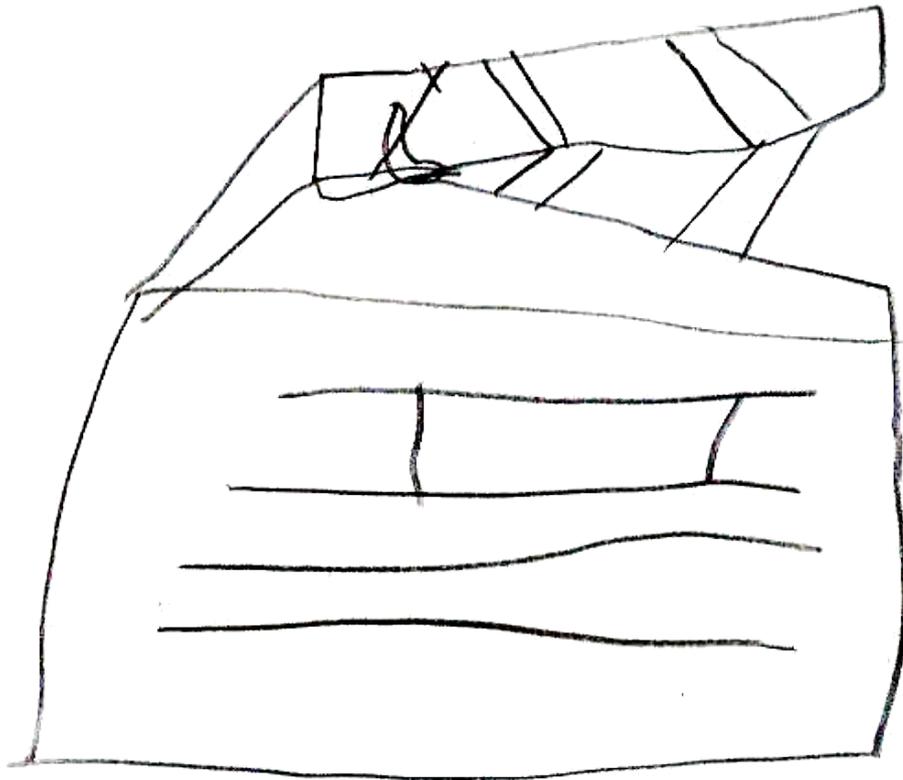
Brincar com o audiovisual, sensibilizar o olhar e promover a escuta e a reflexão são práticas para a nossa caixa de ferramentas. A nossa comunicação está cada vez mais visual e, assim como aprendemos na escrita que  $B + A = BA$ , também podemos alfabetizar as nossas crianças com o pensamento audiovisual, um despertar do olhar, reflexivo, divertido, criativo. Podemos levar as câmeras e dispositivos para a 'caixa de brinquedos' e, por meio do brincar, aprender a ver.

Imagine crianças brincando de fazer filmes, contando histórias e usando os recursos tecnológicos para gerar mudanças positivas no mundo. As TDIC's – Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação – têm sido incorporadas às práticas

pedagógicas, oportunizando a inclusão digital e despertando maior interesse e engajamento dos alunos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê o uso da tecnologia em sala de aula como uma das competências básicas da educação:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9)



A cultura do brincar audiovisual traz a tecnologia para o campo da imaginação, da criatividade, da liberdade e da diversão. As possibilidades são infinitas e permitem novos caminhos de linguagem e protagonismo das crianças. Como cultivar a cultura desse brincar? Em um mundo que dialoga cada vez mais por meio do audiovisual, familiarizar as crianças com essa forma de comunicar é fundamental para instrumentalizá-las nesse caminho de expressão.

Quando as crianças brincam, de forma espontânea, trazem suas percepções e visões de mundo. Enquanto educadores, podemos oferecer a ‘caixa de brinquedos’ audiovisuais, permitindo a ampliação das vozes infantis. Durante a pandemia, desde 2020 no Brasil, pais, filhos e educadores tiveram que reinventar formas de aprender, educar e brincar. Manter a motivação das crianças tem sido um desafio para todos nós. Aqui em casa, meus filhos de 7 e 6 anos começaram a despertar o interesse de criar filmes com suas aventuras de quintal. Um dia começaram a bolar roteiros, ideias e toda

uma temporada da série “As aventuras de João e Miguel”. É curioso como eles já estão acostumados com termos como: série, temporada, filme, roteiro, edição, além dos tradicionais termos cinematográficos: “Luz, câmera, ação” ou “Corta!”. Eu e meu marido tivemos que nos revezar para filmar as aventuras. Eles criavam todas as ideias e a gente só seguia com a câmera na mão. Meu filho mais velho dirigia toda a cena, inclusive a posição que eu, enquanto câmera, deveria estar. Por alguns momentos quis sugerir outras propostas estéticas, baseadas na minha experiência com fotografia e vídeo, mas percebi que a câmera gravando era só um instrumento para a brincadeira deles e que o filme em si não tinha tanta importância. Eles estavam ali mostrando suas preferências e percepções, usando o audiovisual como ferramenta de expressão e liberdade criativa.

... as crianças não fazem um filme por vaidade, competição ou por necessidade, mas porque brincam de fazer um filme. Nesse processo, interagem entre elas, interagem com as coisas ao redor, com as belezas do mundo e seus

possíveis problemas, imaginam, criam novas possibilidades. (ATAÍDES, 2021, p. 29)

Um outro exemplo muito interessante é o curta-metragem realizado pelo educador audiovisual Igor Amin junto às crianças Luna e Maia e o adolescente Yuri, chamado de “A Menina Robô” [1]. No curta, as crianças brincam de fazer um filme sobre uma menina, ao invés de menino, robô, que, ao invés de automatizar as relações com o mundo, passa a humanizá-lo, ajudar o rio das pedras, pertencente ao território onde vivem tais crianças, a ser um rio mais limpo, preservado pelas próprias crianças.

Por isso, a iniciativa “O que queremos para o mundo?” traz uma série de brincadeiras, desafios e sugestões para ensinar e aprender com as crianças por meio do audiovisual. Não precisamos filmar ou fazer filmes para brincar com o tema. Podemos brincar de fazer câmeras imaginárias de argila ou de massinha, e a partir delas criar filmes em nossa imaginação. Podemos trazer os temas audiovisuais para desenvolver outras habilidades, como concentração, consciência corporal e socioemocional.

Segue uma sugestão de vivência para fazer em grupo, do nosso Inventário de Brincadeiras Audiovisuais:

### CORPO-MENTE-CÂMERA

**Descrição:** Imagina se nosso corpo e mente fossem representados por uma câmera. Qual parte você seria? Lente, Zoom, Flash, Foco, Estabilizador, Microfone, Bateria, Visor, Disparador, Cartão de Memória, Botão Liga/Desliga, Diafragma, Sensor? Escolha uma parte da câmera que represente você e [se] junte com outras pessoas para montar uma escultura humana selecionando uma paisagem para tirarem uma foto. Não [se] esqueça de todos sorrirem e cantarem juntos “Click”.

**Habilidades trabalhadas:** Consciência corporal; Conhecimento tecnológico.

**Recursos necessários:** Use o corpo e a imaginação. O brincante pode mostrar uma câmera para facilitar a visualização, explicando de forma mais abrangente para o que serve cada parte da câmera.

(COCRIATIVA, [20--], p. 24)



A cultura do brincar associada à apropriação das tecnologias e recursos audiovisuais oferece às crianças um espaço de escuta, liberdade criativa, e compreensão de si e do mundo.

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as

[1] Assista ao curta-metragem “A Menina Robô” em: <https://vimeo.com/380027243>.

peças como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. (MORIN, 2007, p. 93)

As telas podem ser potentes janelas de expressão e protagonismo. Ao instrumentalizar as crianças ao uso do vídeo como ferramenta de expressão, abrimos caminho para que elas se tornem sujeitos ativos e criativos perante as telas. Por meio da linguagem audiovisual, as crianças podem

compartilhar suas visões de mundo, de pertencimento e reconhecimento dos contextos em que vivem. A escola também pode ser um ambiente de fomento dos processos criativos, ensinando a compreensão mútua, e estimulando as crianças a se expressarem, como autoras de suas próprias narrativas audiovisuais.

### Referências

ALVES, Rubem. **Educação dos sentidos e mais....** Campinas: Verus, 2005.

ATAÍDES, Igor Amin. **Como educar as crianças no mundo das telas?** Belo Horizonte: Aletria, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, Ministério da Educação. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 30 mar. 2022.

COCRIATIVA. **Caderno do multiplicador II**. O que queremos para o mundo? Educação & Audiovisual. Belo Horizonte: Cocriativa, [20--].

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/EdgarMorin.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

## Transcendendo os limites da educação

Mayan Maharishi

A educação é ponto de partida para o “O que queremos para o mundo?”. Sabe aquele anseio por caminharmos em direção à felicidade e essa felicidade envolve todas as pessoas? Sabe quando queremos o melhor para nós e esse melhor é também o melhor para as outras, respeitando cada um e uma? Já sentiram a necessidade de agir no mundo para que todos e todas sejam e recebam o melhor? As crianças sempre falam disso! Elas são sábias, percebem a unidade. Falam em alto e bom tom que precisamos cuidar umas das outras e de tudo que nos rodeia. As crianças sabem a importância de uma educação significativa, que faz mover.

Vamos refletir sobre a educação que atende a necessidade social, cultural e ambiental. Vamos

refletir sobre a educação que nos separou, ao invés de unir. Vamos refletir sobre ambientes que não sejam opressores e que abracem o que realmente importa, a vida. Educadoras e educadores, mães e pais, familiares, crianças, todas nós precisamos pensar sobre que tipo de educação temos e/ou tivemos acesso. Podemos pensar quando ela criou marcas dolorosas, e quando foi inspiradora.

Cotidianamente, a qual educação estamos expostos? O tempo inteiro estamos diante de processos educativos. Temos os ambientes oficializados como “educacionais”, embora essa seja uma relação que extrapola instituições e oficializações. Em um breve resumo histórico, isso aconteceu desde que perdemos certa autonomia enquanto aprendizes

e educadores de nossa própria aldeia, tribo, povo, nação. Digo “certa autonomia”, porque, como falei, esses processos extrapolam um dado local ou modelo.

No Brasil, os processos educacionais sempre aconteceram entre as pessoas, já fomos milhões de etnias indígenas, com diferentes culturas, inúmeros processos educacionais, diversas línguas e saberes excepcionais. A educação foi por muito tempo negligenciada, primeiro desrespeitando os povos originários. Com a colonização, um processo abrupto de catequização violenta disfarçado de educação criou um abismo nos nossos conhecimentos ancestrais. Com resistência e resiliência, parte desses processos permaneceram, mas, diante de muitas violências vivenciadas, muito se perdeu. Por meio de outras violências, como a escravização, houve a chegada de um novo povo, vindo de diferentes lugares da África, com outra cultura e processos educativos internos, que também sofreu com violências e descaracterizações abruptas, mas, como os indígenas, resistiram e criaram sua resiliência histórica. Porém, muitas culturas foram afetadas e houve uma erosão cultural e identitária muito forte.

Por séculos, vivemos sobre violências diversas e uma anulação completa pela atenção ao povo do Brasil. Processos “educativos oficializados” eram para poucos, bem poucos. Quando houve algum movimento nesse sentido, foi ainda para pouca gente e para atender demandas de outros poucos em relação à formação de mão de obra. A educação é ainda uma conquista muito recente enquanto política pública, se pensarmos em todo o curso da história. É por isso um campo de grande disputa e conflitos. A deseducação funcionou muito bem para oligarquias-impérios-colonizadores e, posteriormente, uma dada elite brasileira praticarem suas violências sobre os “outros”, que na verdade não são apenas outros, mas sim a grande população brasileira.

Nossa história vive ainda sobre a grande sombra da colonização e suas marcas violentas foram deixadas enquanto memória em nossa nação. Estamos ainda

buscando nossa verdadeira história. Revendo as bases educacionais e o que realmente nos importa e liberta. Precisamos transcender os limites da educação. Liberdade é um conceito-chave na nossa reflexão. Para isso, é necessário entender que apenas na década de 1960 houve diretrizes e bases para a educação, mas logo sofreram intervenções com a ditadura. Depois da Constituição de 1988 e após ocorrer em 1990 a Conferência Mundial de Educação, em que alguns direitos básicos foram alinhados, iniciou-se um processo por uma educação mais pluralizada e o caminho de uma democracia nacional. Entre a década de 1980 e 1990, acontecem expressivas mudanças na educação, das quais pensadores como Paulo Freire e políticas públicas fazem parte e abrem um novo horizonte educacional no Brasil.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) é renovada, depois atualizada em 2008, e gera também significativa mudança nos parâmetros educacionais do país e o reconhecimento de nossas culturas plurais. Podemos ver como foi tardio e caminhamos devagar. A diversidade étnica deve ser respeitada, valorizada, representada e perpetuada para que todos tenham seu direito de ser no mundo e o direito à sua manifestação pessoal e cultural. As políticas públicas auxiliaram numa jornada pela democracia e pela garantia de investimentos na educação.

Apesar de todas essas movimentações entre 1980 e 1990, muitas questões foram e ainda são conflituosas e emblemáticas quando falamos de educação no Brasil. Porém, essas conquistas devem ser valorizadas e compreendidas enquanto passos importantes para uma educação de qualidade e pública no Brasil. Se muitas garantias pelos direitos, bem pensadas, documentadas e que são hoje diretrizes e parâmetros, forem colocadas em prática, estaremos muito bem. O grande gargalo é que há um abismo entre as leis e as práticas. Outro fator é o acesso real à educação.

Alguns pensadores e pensadoras das mais importantes, como bell hooks, Paulo Freire, alertam sobre nossa necessidade e capacidade de transgredir:

transgredir os muros, os limites, as falhas, as opressões. Nosso propósito enquanto projeto se alinha com essa visão e busca o que chamamos de transcender limitações a partir de uma atuação engajada e comprometida, como alerta gentilmente bell hooks.

Tudo que foi conquistado refletiu-se de forma mais direta nos centros urbanos, e aqueles mais marginalizados no campo brasileiro sentiram a necessidade de continuarem lutando por uma educação de qualidade e por seu acesso. Pouco representados nos materiais didáticos, com acesso limitado a escolas por questões de distâncias e falta de estrutura, foi preciso uma articulação para que os processos se mostrassem diferentes e inclusivos. O movimento pela Educação do Campo nasceu dessa necessidade de transgredir, transcender e fazer valer os direitos.

O desafio e a necessidade da Educação do Campo têm como raiz histórica a política capitalista de homogeneização. Essa homogeneização surgiu para manter padrões sociais de interesse, que apagaram especificidades e diferenças para se estabelecer como modo de vida e prevalecer sobre outras maneiras de vida e visões de mundo, em favor dessa dominação. Tal prática capitalista fragilizou o campo no que diz respeito ao acesso e direito a educação, saúde, mobilidade, desenvolvimento cultural, econômico etc. E quem é que habita o campo? Basta pensarmos no curso da história e em nossas mazelas históricas para perceber que não é por acaso que o campo ficou por muito tempo aquém das políticas educacionais e de outras mais em diferentes instâncias.

Diante desses desafios, emergem lutas sociais que visam a mudanças e transformações que façam a diferença na vida dos camponeses. Uma série de organizações sociais percebe a grande necessidade e importância em se pensar e realizar uma educação que não seja somente para o campo, mas sim do campo, para o campo e no campo, e se une em busca dessa efetivação. Uma educação diferenciada para o campo que considera a realidade vivenciada e busca por seus direitos como

sujeitos do campo e do mundo. Até então relegada a segundo plano em relação à educação nas cidades urbanas.

Sob essa ótica, cabe à Educação do Campo e aos educadores compreender a instância em que se propõe atuar e ampliar o olhar para essas questões educacionais, sociais e culturais, a fim de não tornar as práticas educativas desintegradoras de saberes, mas sim uma prática dialógica, reflexiva e de experimentações. Nossas práticas de educadores audiovisuais, e eu também, enquanto educadora do campo, alinhamo-nos com esta forma e filosofia de atuação, pautada no respeito e na dignidade humana.

Na Educação do Campo, o papel de educador não depende de um único espaço, ele pode ocorrer na escola, em uma associação local, em relações sociais etc. O educador no contexto do campo é aquele que, ao se deparar com os anseios alheios, oferece a oportunidade para o outro rever a sua condição no mundo e de ele mesmo rever a sua própria condição. Oferece oportunidade de trocar, de dialogar, de aprendizado mútuo, mas que está em consonância com a vivência que lhe é apresentada.

Nesse sentido, as propostas educativas libertadoras têm o papel de auxiliar no processo de libertação de uma dada realidade, que pode ser modificada pelos sujeitos envolvidos em circunstâncias, situações e opressões. Para



tanto, esse não é um processo que acontece uma única vez e pronto, a libertação se dá em momentos, ações e experiências. A Libertação, por sua vez, compreende a complexidade das relações sociais e problemáticas vivenciadas pelas comunidades em alguns momentos.

Se pensarmos que o sujeito que tem autonomia alimentar ou que cria formas participativas de trabalho em grupos de produção local que se agrupa para resolver questões da comunidade, ele está se libertando de algumas amarras do sistema capitalista e foge da lógica comum quando oportuniza a ação pensada. Porém, isso não acontece sempre e nem com todos os sujeitos, então não há plenitude, mas há um caminho, o passo de um pode modificar o passo do outro. Ocorre momentaneamente, mas altera os cenários e modifica os desafios. Ou seja, a libertação está presente na complexidade, porque os problemas muitas vezes se dão pela falta de ser liberto, de ter livre escolha. É tendo escolha que o processo educacional ocorre e é transcendente a qualquer metodologia pronta, por mais que tenha sido inspirada por alguma, pois é na escolha de uma comunidade, grupo ou educando que surgem os processos autônomos, únicos, orgânicos e sistematizados. Angela Davis dá título em um de seus livros, que nos traz uma grande questão: “A liberdade é uma luta constante.”

Exemplificamos tomando como partida a Educação do Campo por eu ter uma vivência intrínseca com essa modalidade, mas, a partir desses princípios comuns à Educação do Campo, podemos pensar que diferentes formas já foram preconizadas e que perpassam a autonomia, a liberdade e o bem viver, poderíamos chamar de pedagogia da terra, pedagogia da liberdade, educação das aldeias, educação transformadora, educação para transgredir, educação contextualizada etc.

Certamente no que vocês vivenciaram durante a jornada educativa de vocês, seja com família, comunidade, escola ou outro círculo social, tiveram marcas positivas e marcas negativas. Tirem um momento para reflexão sobre quais foram e como foram. Pense sobre as políticas públicas que impactaram seu desenvolvimento e acessos. Tente pensar sobre o que seria possível fazer para permitirmos e vivenciarmos uma educação para o bem viver.

O que é necessário mudarmos com urgência e o que precisamos reparar com a igual urgência? Qual a essência dos processos educativos que nos marcam positivamente? Vamos pensar juntas sobre isso! Sermos engajadas é a parte importante desse processo que nos permite mudança e ação significativa no mundo em que somos ativas.

O professor facilitador de aprendizagens não é mais o dominador, como disse Paulo Freire, em relação à educação bancária, mas sim aquele que auxiliará adaptando recursos e iniciando reflexões. A pretensão é que o educador compreenda questões sociais e educacionais como um elo. Mas para que tudo isso aconteça é preciso também contínuas mudanças nos sistemas de formação que garantam essa capacidade aos educadores. Nesse sentido, “O que queremos para o mundo?” pretende ser esta Comunidade de aprendizagem mútua atenta às necessidades e à felicidade da nossa nação. As crianças são a chave desse movimento transformador, entendemos que são grandes educadoras e que na nossa grande aldeia elas têm papel fundamental e ativo. É por isso que são a centralidade de nossa revolução nas telas e na vida cotidiana. Somente com a participação ativa das crianças, em união com diferentes gerações, será possível transcender os limites da educação.

# DIMENSÃO SOCIOEMOCIONAL



## Por que educar as emoções das crianças no mundo das telas?

Lídia Lino

Educar crianças para que elas sejam conscientes, felizes e responsáveis é um desafio relativamente novo para a sociedade contemporânea, embora esse seja o desejo mais antigo e profundo de pais, mães e educadores das gerações recentes. Neste artigo, vamos entender por que reconhecer o papel das crianças como agentes de mudança social e promover o desenvolvimento da inteligência emocional são as chaves para sairmos de uma das grandes crises de valores e identidade da História.

É estranho pensar que a infância nem sempre existiu, e que tudo o que conhecemos e adotamos na educação das crianças até hoje ainda é

muito novo. Mas, para se ter uma ideia, na Idade Média, por exemplo, as crianças eram consideradas meros seres biológicos, sem estatuto social ou autonomia (ARIËS, 1981 *apud* BRASIL ESCOLA). A noção contemporânea de infância como categoria surgiu apenas nos séculos XVII e XVIII, na Modernidade. Em seguida, durante a Revolução Industrial, o crescente interesse pela infância tinha caráter apenas econômico: era necessário treinar as crianças para que se transformassem em mão-de-obra operária barata.

De lá para cá, surgiram muitos estudos e teorias sobre infância e educação, especialmente a partir

dos anos 1970, em razão das grandes mudanças no clima intelectual da época. Entretanto, na prática, avançamos pouco até hoje. Conforme o neoliberalismo se aprofunda, nos valemos cada vez mais da pobre herança deixada pela Revolução Industrial: o principal objetivo da sociedade em relação à educação das crianças continua sendo o de transformá-las em cidadãos economicamente produtivos, mesmo que para isso tenhamos de reprimir e manipular os aspectos sociais, emocionais, culturais e até mesmo espirituais que fazem parte da constituição e da essência humana.

Por isso, dá para dizer que é histórica a negligência da sociedade em relação às emoções humanas e à infância, exceto nas ocasiões em que as crianças possam ser manipuladas para se converterem em lucro para o sistema capitalista. Eu, você, todos nós crescemos sendo doutrinados para que nos tornemos consumidores vorazes em vez de cidadãos conscientes, e, como adultos, retroalimentamos essa dinâmica na educação de nossos filhos e alunos. Como resultado deste mecanismo secular de esvaziamento dos aspectos subjetivos do ser humano, como emoções, sentimentos e bem-estar, a sociedade enfrenta atualmente uma grande crise de valores, identidade e saúde física e mental, e as crianças são as maiores prejudicadas. Uma sociedade adoecida é incapaz de oferecer às novas gerações as condições necessárias para seu pleno desenvolvimento durante a infância e, conseqüentemente, não consegue proporcionar subsídios para que as crianças sejam cidadãos atuantes capazes de manifestar seus dons no mundo.

Por isso, olhar para as nossas emoções e aprender como lidar com elas é um dos melhores caminhos para superarmos os desafios destes tempos e um dos grandes legados que podemos deixar para nossas crianças. Sabemos que as telas vieram para ficar, e se conseguirmos fazer um trabalho de autoconhecimento e autorregulação consistente dentro e fora do ambiente digital, os eletrônicos podem ser nossos grandes aliados para a cocriação do mundo que queremos.

Foi somente em 1990 que o conceito de Inteligência Emocional (IE) surgiu, formalizado pelos pesquisadores Peter Salovey (Universidade de Yale) e John Mayer (Universidade de New Hampshire). Inteligência emocional seria a “habilidade para controlar os sentimentos e emoções em si mesmo e nos demais, discriminar entre elas e usar essas informação para guiar as emoções e os pensamentos” (MAYER; DIPAOLLO; SALOVEY, 1990, p. 189 *apud* NETA; GARCÍA; GARGALLO, 2008, p. 12). Em 1995, o psicólogo e redator científico Daniel Goleman, em seu livro best-seller *Inteligência Emocional*, expande o termo, atribuindo a ele habilidades cognitivas e de personalidade. “Para Goleman (1995), a IE inclui características como a capacidade de motivar a si mesmo, de perseverar no empenho apesar das frustrações, de controlar os impulsos, de adiar gratificações, de regular os próprios estados de ânimo, [...] de sentir empatia, de confiar nos demais, etc.” (*apud* NETA; GARCÍA; GARGALLO, 2008, p. 12). Entre 1997 e 2007, o termo foi revisado e passou a ser definido como

[...] a habilidade para perceber e valorar com exatidão a emoção; a habilidade para acessar e ou gerar sentimentos quando esses facilitam o pensamento; a habilidade para compreender a emoção e o conhecimento emocional e a habilidade para regular as emoções que promovem o crescimento emocional e intelectual. (MAYER; SALOVEY, 1997/2007, p. 32 *apud* NETA; GARCÍA; GARGALLO, 2008, p. 12)

Já a educação emocional tem como foco a aprendizagem e o desenvolvimento das competências e habilidades categorizadas pela Inteligência Emocional. Essas habilidades não são um conjunto de informações genéticas estáticas e variáveis em quantidade e qualidade de pessoa para pessoa. Portanto, a educação emocional é sobre desenvolver ao máximo as potencialidades de autoconhecimento, autovalor e autorregulação de cada indivíduo, desde a infância.

Na prática, isso significa proporcionar às crianças as ferramentas necessárias para que elas mesmas sejam capazes de construir e manter

– individualmente e coletivamente – seu equilíbrio psíquico e emocional e, então, despertem em si próprias qualidades como empatia, senso crítico, respeito, cidadania, responsabilidade, paz interior, alegria e resiliência, passando naturalmente a atuar em comunidade a partir da experimentação concreta desses valores nas suas relações e na forma como lidam com os desafios.

Por promover saúde mental e bem-estar, a educação emocional pode ser considerada um dos principais recursos para mitigar as atuais patologias psicológicas e neuronais que assolam a sociedade contemporânea, como depressão e ansiedade. Além disso, a educação emocional traz consigo um imenso potencial revolucionário, uma vez que as noções de autoconhecimento e autovalor proporcionam as bases para que o ser humano tenha clareza sobre seu verdadeiro papel como indivíduo e cidadão, e possa quebrar o paradigma produtivista ainda vigente, que insiste em perceber o homem, a mulher e as crianças não como seres complexos, com necessidades e dons subjetivos e espirituais, mas sim como máquinas programadas apenas para alimentar o sistema capitalista.

Para o professor e filósofo Byung-Chul Han, autor da obra “Sociedade do Cansaço” (2015), estamos em um período de transição da Sociedade Disciplinar de Foucault – em que o indivíduo é punido pelas instituições disciplinares caso não se comporte de acordo com a norma – para a “Sociedade do Desempenho”. Neste novo modelo de sociedade, o indivíduo não é mais punido pelas instituições, e sim por si mesmo. As pessoas são levadas a acreditar que não estão produzindo o suficiente, que não são bem sucedidas o suficiente e que deveriam fazer sempre mais e melhor, desconsiderando os esforços já empreendidos e os danos à sua saúde mental e física, gerando um mecanismo de autopunição que é permanentemente abastecido pelos sentimentos de culpa, fracasso, inadequação e incompetência produzidos pela impossibilidade de corresponder a expectativas irreais impostas pela sociedade e chanceladas pelos próprios sujeitos.

De acordo com Chul Han, esses processos de mudança, que se iniciaram nos anos 1970, são catalisados pelas novas tecnologias digitais, que têm, entre outras características, a capacidade de produzir o efeito distorcivo de “aceleração do tempo”, ou seja, uma sensação perene de que temos pouco tempo e muitas coisas para fazer, o que coloca o indivíduo sob condições de extrema pressão. Além disso, o pesquisador afirma que, diferentemente do que acontecia na Sociedade Moderna, em que a estratégia das disputas entre as diversas narrativas sociais e individuais estava calcada na destruição do outro, a partir de 2001, ano que marca a mudança de século e inaugura a Sociedade do Cansaço, o foco passa a ser a afirmação de si mesmo e o empreendedorismo individual.

As atividades coletivas e as iniciativas em grupos se enfraquecem, e uma cultura ainda mais narcisista e individualizada emerge. Um forte indicador dessa dinâmica é a importância e o impacto das redes sociais na vida das pessoas, no mercado consumidor e na sociopolítica mundial. Para Byung-Chul Han, as doenças neurológicas e psicológicas, como a depressão, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e a Síndrome de Burnout, entre outras, são sintomas da Sociedade do Cansaço.

Diante do contexto exposto por Byung-Chul Han, fica evidente que uma das principais ferramentas para lidar com os desafios da Sociedade do Cansaço é a educação emocional. Mais do que nunca, é necessário que os indivíduos conheçam e desenvolvam, dentro e fora do mundo das telas, habilidades para trabalharem sua autoestima, perceberem e avaliarem suas emoções e limitações e aprenderem a se autorregular de modo a se tornarem menos vulneráveis à manipulação e opressão do sistema social produtivista e individualista, e desfrutar de ambientes internos, profissionais e relacionais mais equilibrados, sustentáveis e condizentes com seus princípios e valores.

Novamente, vale ressaltar que, além de se tratar de um trabalho de prevenção e cura do adoecimento psicológico da sociedade, a educação emocional é

também a chave para um futuro com mais qualidade de vida e justiça social e menos violência e punitivismo. Em se tratando das infâncias, a relevância do tema é ainda maior, uma vez que as crianças são o fruto desse sistema e estarão inseridas nele durante todo o período de suas vidas. Habilidades socioemocionais estão para a psique das crianças como anticorpos estão para o organismo: autoconhecimento, autorregulação, autovalor e competências emocionais bem desenvolvidas são os mecanismos de defesa e imunização mais poderosos da mente e do espírito contra as doenças sociais contemporâneas.

Desenvolver essas habilidades em si mesmo e ajudar as crianças a desenvolvê-las e aplicá-las em casa e na escola é um ótimo ponto de partida para tornarmos as telas um recurso para o aprendizado. As redes sociais e os dispositivos eletrônicos têm

sido vistos como vilões da nossa saúde, e apontados como culpados pelo aumento das mazelas no mundo contemporâneo. Mas, à medida que formos adquirindo e praticando habilidades socioemocionais dentro e fora das telas, as novas tecnologias também serão transformadas e poderão se tornar elos importantes para manifestar as mudanças sociais e comportamentais que tanto desejamos e precisamos. Cada vez mais precisamos nos atentar sobre a relação dos adultos e das crianças com suas emoções no mundo das telas, buscar recursos com profissionais bem intencionados em como usar e conviver com os eletrônicos de maneira mais equilibrada e também nos esforçarmos individualmente na criação de novos caminhos para transformação das novas tecnologias em grandes aliadas para a saúde e a sociedade.

### Referências

A CONSTRUÇÃO histórica do sentimento de infância. **Brasil Escola**. História. Disponível em: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/historia/a-construcao-historica-sentimento-infancia.htm#:~:text=A%20constitui%C3%A7%C3%A3o%20do%20conceito%20inf%C3%A2ncia,incentivos%20poss%C3%ADveis%20por%20sua%20fragilidade>. Acesso em: 30 mar. 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

NETA, Nair Floresta Andrade; GARCÍA, Emiliano García; GARGALLO, Isabel Santos. A inteligência emocional no âmbito acadêmico: uma aproximação teórica e empírica. **Psicol. Argum.**, 26(52), jan./mar. 2008, p. 11-22. Disponível em: <http://www.uesc.br/cursos/graduacao/licenciatura/letras/nair2.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

## Segurança na rede, aplicativos para as infâncias e o (des)controle parental

Lídia Lino

A maior preocupação que alimenta a ideia de que temos que proibir as crianças de acessarem as redes ao invés de introduzi-las no mundo digital é a falta de segurança no ambiente on-line. Pais, mães, cuidadores e educadores têm medo de que as crianças entrem em contato com conteúdos impróprios, como violência e pornografia, e também que exponham suas informações pessoais para desconhecidos.

Essa é uma preocupação válida e necessária. Segundo a pesquisa TIC KIDS ON-LINE, do Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), em 2018, ou seja, ainda antes da pandemia, 86% das crianças entre 9 e 17 anos já

estavam conectadas no Brasil. Isso seria o equivalente a 24,3 milhões de usuários, sendo que:

- 20% acessam conteúdo sensível sobre alimentação e sono;
- 16% acessam conteúdo sobre como machucar a si mesmo;
- 14% acessam conteúdo sobre como cometer suicídio;
- 11% acessam conteúdo sobre drogas;
- 26% acessam conteúdo ofensivo (cyberbullying, discriminação);
- 16% acessam conteúdo sexual;
- 25% admitem não conseguir controlar o tempo que passam conectados, mesmo tentando.



### RECOMENDAÇÕES DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA SOBRE TEMPO DE TELAS POR FAIXA ETÁRIA:

- ➔ **0 a 2 anos:** **NÃO** USAR
- ➔ **2 a 5 anos:** 1h/dia, com supervisão
- ➔ **6 a 10 anos:** 2h/dia, com supervisão
- ➔ **11 a 18 anos:** 3h/dia, com supervisão
- ➔ Nunca usar eletrônicos durante as refeições

Diversos estudos comprovam que a utilização excessiva dos aparelhos eletrônicos pode ocasionar abusos de privacidade, acidentes, distúrbios de aprendizado, baixo desempenho escolar, atrasos no desenvolvimento, sedentarismo, obesidade, anorexia, bulimia, ansiedade, depressão, irritabilidade, Transtorno de Déficit de Atenção, hiperatividade, sexualização precoce, problemas auditivos, visuais e posturais, entre outros. Os impactos do uso exagerado das telas são tão grandes que a dependência digital já é classificada no Brasil como uma doença, sob o código de CID 11.

O que os dados nos mostram é que, ainda que pais, mães, cuidadores e educadores conheçam e se atentem aos riscos que o uso excessivo de telas pode trazer para as crianças, elas estão entrando cada vez mais cedo e mais despreparadas no universo digital, enquanto os adultos não se sentem bem preparados para lidar com os desafios apresentados pelas novas tecnologias.

Aplicativos de controle parental, que permitem que adultos monitorem e regulem o tempo de tela e o conteúdo acessado pelas crianças, parecem não ser o suficiente para garantir que elas tenham experiências completamente seguras com os dispositivos eletrônicos.

Se o que estamos tentando até agora não tem funcionado, o que mais podemos fazer para contribuir para que as experiências das crianças e dos jovens nas telas sejam seguras? Uma das alternativas que tem se mostrado bastante eficiente é conhecer e melhorar nossa “dieta audiovisual”. Precisamos estar atentos ao que consumimos e oferecemos para as crianças no mundo virtual. Tanto a quantidade quanto a qualidade do conteúdo são importantes, e é urgente que comecemos a pensar se o que nos alimenta – adultos e crianças – nas telas é saudável, variado e balanceado ou se são conteúdos ultraprocessados, artificializados, publicizados e que, apesar de bonitos, não são nutritivos.

Nesse sentido, o convite que “O que queremos para o mundo?” faz é o de ampliar a perspectiva e as discussões sobre Educação Audiovisual. Uma das bases é o autoconhecimento da nossa própria identidade digital, ou seja, estar atento ao que nós e as crianças consumimos, divulgamos e produzimos nas telas e aos impactos dessa dinâmica nas nossas vidas e relações. O outro pilar do projeto é a produção de conteúdos audiovisuais com as crianças.

Cocriar materiais audiovisuais em que as crianças participem ativamente de todas as etapas, desde a concepção, passando pela realização e chegando até a exibição desse conteúdo é tão saudável quanto ensinar as crianças a plantarem e consumirem alguns dos alimentos que compõem a sua dieta. Promover um lugar de fala autêntico para as infâncias, ter a oportunidade de ouvir e assistir às crianças, saber o que pensam, e dar também a elas a chance de se ouvirem e se conhecerem pode ser um dos caminhos mais frutíferos para que os nativos digitais desenvolvam uma relação segura, saudável e divertida com as telas.

No livro “A Criança Digital” os autores Gary Chapman e Arlene Pellicane afirmam que “regras a respeito do uso de aparelhos eletrônicos são úteis e necessárias, porém, há algo mais valioso para a segurança de seu filho, que envolve a participação ativa dos pais na educação e no uso desses

aparelhos, bem como o compromisso de moldar o caráter do seu filho” (2020, p. 174).

O ambiente digital promove diversidade e anonimato. Até mesmo redes sociais ou sites voltados para crianças podem conter materiais que não são apropriados para determinadas faixas etárias. É por isso que filtros e aplicativos de controle parental, muitas vezes, não conseguem oferecer a proteção necessária às crianças. A participação de um adulto para avaliar os conteúdos e os hábitos das crianças no mundo das telas é fundamental, já que critérios humanos são mais apurados e personalizados que algoritmos e outros mecanismos de programação a partir dos quais estes recursos tecnológicos de controle parental são criados. Na prática, isso significa dizer, por exemplo, que caso seus filhos ou alunos tenham um perfil em redes sociais como TikTok, o ideal seria que você também tivesse um perfil na mesma rede para que você possa interagir com a criança por meio dessa mídia e, assim, conhecer e participar do mundo digital de seus filhos ou alunos.

Aqui, vale lembrar que a classificação etária de redes sociais como o TikTok é de 12 anos, mas existem recomendações para que o uso seja liberado somente após os 16 anos em função de: conteúdos

impróprios selecionados via algoritmos e alterações em habilidades socioemocionais que podem ocasionar vício em aprovação externa, *cyberbullying*, dependência e recorte distorcido da realidade.

Como pais, somos responsáveis por cuidar da saúde emocional e mental de nossos filhos. Não podemos lavar as mãos e dizer: “Não entendo esta tecnologia moderna”. É o mesmo que permitir que uma criança corra sozinha dentro de um shopping lotado só porque não conseguimos decifrar o mapa das lojas. Precisamos conhecer o mundo digital e nos sentir à vontade nele para orientar nossos filhos quanto à segurança e às devidas informações neste moderno parque de diversões digital. Toda criança precisa desenvolver habilidades de relacionamento, para que trate as pessoas como dignas de respeito e seja capaz de fazer amizades saudáveis e positivas, tanto face a face quanto online. A criança que não possui habilidades relacionais básicas pode tornar-se agressiva, controladora e cruel, sem nenhuma empatia pelos outros. Ou pode tornar-se uma vítima de bullying que não sabe pedir socorro. (CHAPMAN; PELLICANE, 2020, p. 176)

### O silêncio e o perigo do **CYBERBULLYING**

Geralmente quando pensamos em segurança nas redes, não imaginamos que crianças podem ter comportamentos capazes de prejudicar a saúde de outras crianças. Porém, o *cyberbullying* – termo usado para definir o bullying que é praticado nas telas –, é um problema real e uma ameaça perigosa e silenciosa quando pais e educadores não estão

atentos e ativos na vida social digital infantil. Por conta da forte sensação de anonimato e impunidade presente no mundo das telas, atualmente, no Brasil, uma em cada três crianças já é afetada pelo *cyberbullying*. Elencamos abaixo algumas dicas para ajudar adultos a lidarem com o *cyberbullying*:



### COMO IDENTIFICAR SE A CRIANÇA ESTÁ SOFREDO CYBERBULLYING:

- Observe o seu próprio comportamento: que exemplo você dá, especialmente em tempos de polarização e cultura do cancelamento? Você discute agressivamente nas redes sociais e fora delas? Compartilha conteúdos impróprios (nudes, fake news, etc?)
- Acompanhe as atividades digitais das crianças de perto.
- Mantenha contato frequente com professores e grupos de pais e mães.
- Converse sobre valores, empatia.
- Deixe claro que regras de convívio social também valem para o universo online.



### COMO IDENTIFICAR SE A CRIANÇA ESTÁ PRATICANDO CYBERBULLYING:

- Observe o seu próprio comportamento: que exemplo você dá, especialmente em tempos de polarização e cultura do cancelamento? Você discute agressivamente nas redes sociais e fora delas? Compartilha conteúdos impróprios (nudes, fake news, etc?)
- Acompanhe as atividades digitais das crianças de perto.
- Mantenha contato frequente com professores e grupos de pais e mães.
- Converse sobre valores, empatia.
- Deixe claro que regras de convívio social também valem para o universo online.



### CYBERBULLYING. E AGORA, O QUE FAZER?

- Em primeiro lugar, tire prints das conversas, imagens, e de todo o conteúdo ofensivo; grave e salve tudo o que puder.
- A solução ideal deve envolver famílias, escola e sociedade. Caso não haja resolução amigável, o Estado e o sistema judicial competentes devem ser acionados. Em termos jurídicos, ainda não existe crime de bullying ou cyberbullying. Porém, os comportamentos comuns à prática estão previstos em lei e são passíveis de punição a partir dos 12 anos, com medidas socioeducativas.
- Não se culpe.
- Não fique em silêncio.
- Não revide.
- Lembre-se: Você não está sozinho.
- Acompanhe o projeto #édaminhaconta (uma parceria entre a Unicef e a SaferNet)

## Aplicativos infantis são a nova fronteira

À medida que as novas tecnologias avançam, recursos interativos em smartphones, computadores e tablets, com jogos e atividades para crianças, são cada vez mais acessíveis e interessantes. Os aplicativos já estão interferindo diretamente no modo de vida dos nativos digitais.

Especialistas têm apontado para a insuficiência do livro físico como instrumento de leitura e aprendizagem, e o termo que está sendo dado para esse fenômeno é “*novo sensorium*”, exatamente porque os *apps* têm a capacidade de permitir experiências e sensações totalmente novas, que podem otimizar tanto os processos de aprendizagem quanto a criatividade e a diversão. Os aplicativos podem ser recursos muito importantes e eficientes para interagir e ensinar as crianças no mundo das telas, porém, é preciso ter cuidado para não exagerar na dose e contribuir para a hiperatividade e a hiperestimulação dos pequenos.

É necessário que os adultos aprendam a escolher bons aplicativos para compor a dieta audiovisual das crianças. Abaixo (ou no box # tal), listamos dez dicas que podem ajudar a definir quais seriam os *apps* mais apropriados para as infâncias:

1. Cuidado redobrado com aplicativos gratuitos: *apps* para crianças não devem possuir publicidade. Alguns aplicativos gratuitos alegam que são mantidos apenas com publicidade, e até podem estar, inclusive, expondo dados dos usuários. Além disso, a qualidade e o desenvolvimento dos aplicativos gratuitos costuma ser menor.
2. Sempre olhe e respeite a indicação etária dos aplicativos, pois elas passam por um processo criterioso de classificação.
3. Quando estiver acessando a loja on-line por meio de smartphone ou tablet, procure a estante virtual adequada para aplicativos infantis, denominada de “aplicativos para famílias”. Para que um aplicativo esteja nessa estante, ele precisa, obrigatoriamente, estar enquadrado nas regras de certificação e segurança exigidas.
4. Refine sua busca ao máximo para que você encontre aplicativos mais específicos para as demandas de seus filhos ou alunos.
5. Reflita sobre as seguintes questões:
  - O *app* permite que a criança produza ou crie algo que possamos acessar posteriormente?
  - Se sim, existe um sistema de *log in*? O *log in* é confirmado? Quem pode ver?
  - O *app* conta com um canal para denúncias?
  - O aplicativo traz insights para a criança, oferece oportunidades de aprendizado ou tem apenas o objetivo de entreter?
  - O *app* tem ciclos de uso, ou seja, uma pausa para que a criança possa fazer um intervalo, ou para que você possa interagir com ela?
  - Após o fim de um determinado ciclo de uso do aplicativo, a criança consegue mostrar o que criou ou produziu a partir da ferramenta?
  - O *app* tem saída para redes sociais, mensagens, sites, compras? Se sim, as portas de saída do aplicativo são protegidas, ou seja, contam com um sistema tipo CAPTCHA para detecção de robôs? – Isso é importante para evitar a exposição da criança nas redes e compras indesejadas com cartões de crédito em jogos on-line.
6. Seja pró-ativo na escolha do *app*, aja como você agiria se estivesse comprando um brinquedo educativo físico.
7. Teste e avalie o aplicativo:
  - Você gostou?
  - Conseguiu começar e interromper o uso quando queria?
  - O *app* tem qualidade de som, imagem, texto, tradução?
8. Se você gostou e verificou a qualidade do aplicativo, pode valer a pena comprá-lo ou assiná-lo. Geralmente, isso significa que esse produto digital conta com bons desenvolvedores.
9. Sempre avalie o *app* por meio do smartphone ou tablet. Deixe comentários e sugestões sobre

o *app* na loja on-line e observe se as avaliações do aplicativo têm resposta. Isso pode demonstrar que há preocupação e atenção por parte dos desenvolvedores.

10. Visite o site do desenvolvedor, analise as informações, verifique se existem famílias e educadores envolvidos, se o *app* é certificado, se já conquistou prêmios e se há e-mail para contato.

### APLICATIVO DO JOGO DOS MUNDOS

Depois de produzir e realizar filmes, vídeos, exposições e facilitar oficinas e cursos, o projeto “O que queremos para o mundo?” ganhou também um aplicativo. A ideia para a criação do *app* foi a de usar a gamificação, ou seja, a habilidade de transformar conteúdos em jogos, para trazer interdisciplinaridade ao projeto. “Apenas um jogo poderia ajudar a conduzir uma exposição multimídia com visitas diárias de crianças e alimentar de forma lúdica uma experiência em que as possibilidades de um jogo híbrido, tanto on-line quanto off-line, seriam fundamentais.” (ATAÍDES, 2021, p. 110)

O “Jogo dos Mundos” conta com um aplicativo que permite o acesso on-line e um baralho de cartas digital que pode ser utilizado de maneira off-line também pelo smartphone ou tablet. A ideia é que o jogo seja cooperativo,

[...] uma brincadeira audiovisual, na qual os jogadores e as jogadoras são desafiados a agirem em cenários socioambientais e tecnológicos do mundo em que vivemos, e que constituirão suas missões naquela aventura. Essas questões aparecem por meio de seis cartas divididas em seis mundos: 1. *Mundo Dentro de Mim*; 2. *Mundo dos Sonhos*; 3. *Mundo Txai*; 4. *Mundo da Natureza*; 5. *Mundo da Tecnologia*; e 6. *Mundo do Aqui e Agora*, que estimulam a sentir, imaginar, pensar, dialogar e criar. Existem [ainda] as “Cartas-Crie Você Mesmo” ou baralhos em branco para que as próprias crianças possam criar suas cartas, sugerindo novas ideias para os mediadores e mediadoras do jogo, tornando, assim, a linguagem audiovisual uma brincadeira com mais reflexão e diversão. Tudo isso em uma média de vivência que dura de 1 a 3 horas.

Para vencerem o jogo, os participantes são convidados a transformar os desafios em uma “colmeia de cartas” e a apresentar o roteiro de uma história que ligue todas as ideias, ou seja, que façam parte de uma construção coletiva. Na sequência, os jogadores e jogadoras realizam, da forma mais criativa possível, um ensaio para um filme imaginário, chamado “O mundo que queremos”, em que os membros da “equipe de cinema” serão os protagonistas da história. Utilizam-se os equipamentos de filmagem, que podem ser construídos pelos próprios jogadores, como câmeras imaginárias, microfone, cenário, figurino das atrizes e dos atores, entre outros itens. Ao final da experiência, eles compartilham um manifesto ou invenções que representem a “moral da história”, capaz de inspirar uma ação que promova impacto positivo nas escolas ou nas comunidades. O objetivo geral do jogo é tornar o audiovisual um dispositivo para a transformação da realidade dessas crianças, considerando que os problemas que enfrentamos entre nós e a natureza são um estímulo para alcançar a vitória. (ATAÍDES, 2021, p. 150-151)

De acordo com João Pedro Schneider, um dos desenvolvedores do aplicativo do “Jogo dos Mundos”, um dos diferenciais do *app* é que ele foi desenvolvido de maneira colaborativa por uma equipe diversa, constituída por profissionais de diversas áreas e, claro, também por crianças. “Elas foram fundamentais para testar o *app* e dar sugestões. Para a elaboração da primeira versão, durante exposições que fizemos em Cataguases e Belo Horizonte, promovemos rodadas do jogo físico com as crianças e as respostas foram super

legais. Fizemos ainda uma pesquisa extensa sobre jogos e a elaboração das cartas. Este aplicativo não é simplesmente um conteúdo já mastigado e entregue para a criança, ele tem todo um processo de cocriação, que está bem alinhado com o que entendemos ser a educação audiovisual. Além disso, continuamos trabalhando para atualizar o

material, com a plataforma de Ensino a Distância, para trazer o aplicativo de outra forma, com novas cartas, novos baralhos. A ideia é adaptar e evoluir sempre, e de maneira colaborativa”, explica João.

## Referências

- AMIN, Igor. **Como educar as crianças no mundo das telas?** Belo Horizonte: Aletria, 2021.
- CHAPMAN, Gary; PELLICANE, Arlene. **A Criança Digital.** São Paulo: Mundo Cristão, 2020.
- CRESCER uso da internet em atividades multimídia entre crianças e adolescentes. **Cetic.br.** 17 set. 2019. Disponível em: <https://cetic.br/noticia/cresce-uso-da-internet-em-atividades-multimidia-entre-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 29 mar. 2022.
- SAFERNET. Página inicial. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/>. Acesso em: 29 mar. 2022.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA (SBP). c2022. Página inicial. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/>. Acesso em: 29 mar. 2022.

## Infâncias e bem-estar nas telas

Luiza Vianna

Como lidar com as telas de forma saudável e construtiva? As telas, TVs, tablets, videogames, computadores, celulares têm ocupado um espaço crescente nas nossas vidas e no interesse das crianças, gerando uma mudança significativa na forma como percebemos e nos relacionamos com o mundo. Sou mãe e faço parte deste grande coletivo de pais e educadores preocupados com o uso das tecnologias pelas crianças. Sabemos o quanto o mundo das telas fascina os pequenos e acredito que existem caminhos para um uso positivo da tecnologia.

Ao refletir sobre infâncias e telas, precisamos delimitar a faixa etária a qual estamos nos referindo, pois cada idade irá apresentar necessidades e cuidados especiais. Vamos nos restringir aqui a dicas e sugestões para crianças de 6 a 10 anos. A Sociedade Brasileira de Pediatria [1] recomenda o

tempo máximo diário de duas horas de tela para essa faixa etária. Ok! E o que fazer nesse tempo e como trazer positividade e saúde para essa relação? Eis uma questão importante para refletirmos e visualizar caminhos de saúde e bem-estar. Abaixo, alguns caminhos para abrirmos trilhas importantes para essa intenção mencionada acima.

*Pais e educadores como curadores* – Em tempos de pandemia, as crianças estão cada vez mais presentes e dependentes das mídias como veículo de conexão, comunicação, criação e até aprendizado escolar. Como educadores, temos a responsabilidade de mediar os conteúdos e os usos das telas: ensinar a criar, refletir, fazer pesquisa, escolher o que ver e fazer com os dispositivos. Conversar sobre os conteúdos assistidos. Uma opção de recurso pedagógico é usar os temas (desenhos, games, vídeos) que as crianças gostam de ver nas

[1] Leia #menostela #maissaúde, Manual de Orientação Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital (2019-2021) da SBP – Sociedade Brasileira de Pediatria: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/\\_22246c-ManOrient\\_-\\_MenosTelas\\_\\_MaisSaude.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf)

telas e expandir para além delas. Aqui em casa, começamos a fazer desenhos, brincar e contar histórias a partir dos personagens preferidos das crianças. Sempre que possível, conversamos e refletimos sobre os conteúdos escolhidos e o que eles geram em nossos pensamentos e emoções.

#### *A tecnologia como fonte de criação, arte e inspiração*

– As telas são janelas para o mundo e podem ser usadas de forma ativa, criativa e interativa. As crianças de hoje já nasceram no universo digital e podemos usar os recursos tecnológicos para criar, brincar de fazer filmes, trocar vídeo-cartas com colegas e familiares, explorar *apps* e games educativos.

*Como está a postura e o coração?* – Não só as crianças, mas todos nós, usuários das tecnologias, devemos levar a atenção ao nosso corpo perante as telas. É fácil observar uma tendência corporal nos jovens (fechamento dos ombros e do peito e o queixo direcionado para frente) como uma consequência do uso excessivo de dispositivos como celulares e computadores. Para as crianças menores, vale sempre lembrar de prestar atenção à postura quando estão com as telas. Que tal fazer um alongamento ou assistir a um conteúdo que exercite o corpo? Vale também observar as emoções das crianças a partir do conteúdo assistido. Desenhos violentos deixam os pequenos inquietos, conteúdos positivos e criativos inspiram a ação e acalmam o coração.

*A criança aprende por repetição* – As crianças aprendem por repetição e vão se modelar nas atitudes dos pais e educadores. Como você se relaciona com as telas? De nada adianta falar com as crianças que devem restringir o uso dos dispositivos, se estamos conversando com elas e olhando no celular ao mesmo tempo. Nossas atitudes são fundamentais para moldar a relação que os pequenos terão com as telas para o resto das suas vidas.

#### *Em tempos de isolamento, use a tela para gerar conexão*

– Vivemos um período inédito na nossa história. O isolamento social desde 2020, devido à pandemia de Covid-19, afastou muitas crianças do seu processo fundamental de socialização. Que bom que temos a possibilidade das telas para conversar

e ver amigos e familiares pelo dispositivo. Que tal sugerir conversas e brincadeiras por meio das telas? Como elas seriam? Quais intenções ligadas ao uso das telas serão pensadas de acordo com o desenvolvimento do bem-estar das crianças?

*O combinado não sai caro* – Sabemos que os tempos são desafiadores, mas precisamos manter os combinados em relação ao tempo de tela, ao conteúdo assistido, e à hora de desconectar. É sempre bom lembrar quais são os acordos e combinados prévios, seja de forma verbal ou até mesmo escrito ou desenhado em um papel para que todos possam consultar.

*Consumidor x criador* – Ao pensarmos em telas e infâncias, normalmente imaginamos as crianças passivas em frente a um tablet ou TV. Nesse lugar, a criança é apenas um consumidor de conteúdos prontos. Como extrapolar o lugar de consumidor e se tornar uma criadora? A Educação Audiovisual é um excelente ponto de partida para instrumentalizar e oferecer novas possibilidades de criação e reflexão para e com as crianças, no mundo das telas.

#### *A importância do ritmo e da rotina na infância*

– Estabelecer um ritmo para a rotina das crianças é fundamental para o bem-estar e para a aquisição de hábitos saudáveis para que possamos ir além da ideia apenas de tempo de tela. A criação de um ritmo ajuda os pequenos a se sentirem mais seguros e confiantes, na medida em que percebem que tudo tem o seu tempo para acontecer. Dessa forma, as telas podem ser inseridas na rotina de forma organizada. Como, por exemplo, o uso das telas só pode ser feito no período da tarde, respeitando o limite de duas horas por dia. Devemos desligar as telas no mínimo uma hora antes de dormir, para que não atrapalhe o sono. O ritmo também pode ser inserido em uma rotina semanal, como o dia do filme em família, ou um dia de descanso de telas, ou ainda o dia de produção de conteúdo audiovisual pelas crianças.

*Cuidados com a saúde dos olhos* – Os nossos olhos são diretamente impactados pelo uso excessivo das telas. Alguns problemas de visão relacionados

ao longo tempo de exposição aos dispositivos são: visão embaçada, enxaqueca, coceira, vista cansada, miopia e fadiga ocular. Existem práticas simples que podem ajudar a manter a saúde dos olhos. Quando focamos em um objeto muito próximo, como um celular ou computador, ocorre uma ativação dos músculos ciliares (músculos internos do olho, responsáveis pela focalização de imagens de perto). Esses músculos precisam de pausas de descanso para evitar o desgaste. Uma forma simples de fazer isso é: a cada 30 minutos de uso de telas, levar o foco do olhar para um objeto distante (pelo menos 6 metros de distância). Manter o foco do olhar longe por pelo menos 30 segundos. Se puder fazer isso em movimento, como uma caminhada na natureza, observando árvores distantes, melhor ainda! Podemos e devemos ensinar essa prática para nossos jovens e crianças, evitando problemas mais sérios com os olhos no futuro. Outra prática simples a ser estimulada enquanto estamos em contato com as telas é piscar os olhos com frequência, ou mesmo fazer uma pequena pausa com os olhos fechados, para lubrificar e limpar a córnea.



*Informar para educar e transformar* – A tecnologia digital evolui e se transforma rapidamente e ainda temos muito a aprender sobre os limites e o uso saudável na infância. Enquanto pais e educadores, temos a responsabilidade de pesquisar e informar às crianças sobre os riscos do uso desregrado das telas, além de inspirá-las na consolidação de hábitos saudáveis. Muitas vezes, é o tédio ou a falta de brincar na natureza, da atenção dos adultos, da companhia de outras crianças para brincar, que levam a criança a crer que não há nada melhor do que as telas como sua melhor companhia. As

crianças não querem as telas para esquecerem seus problemas ou para passar o tempo como nós adultos fazemos. Elas buscam-nas para viverem seu presente e assim desbravarem as curiosidades do mundo, investigarem aquilo que ainda não conhecem e, na maioria das vezes, divertirem-se. Essa consciência de que a criança pode fazer tudo isso e mais um pouco “além das telas” é fundamental para que elas não desenvolvam um comportamento viciante diante do mundo das telas.

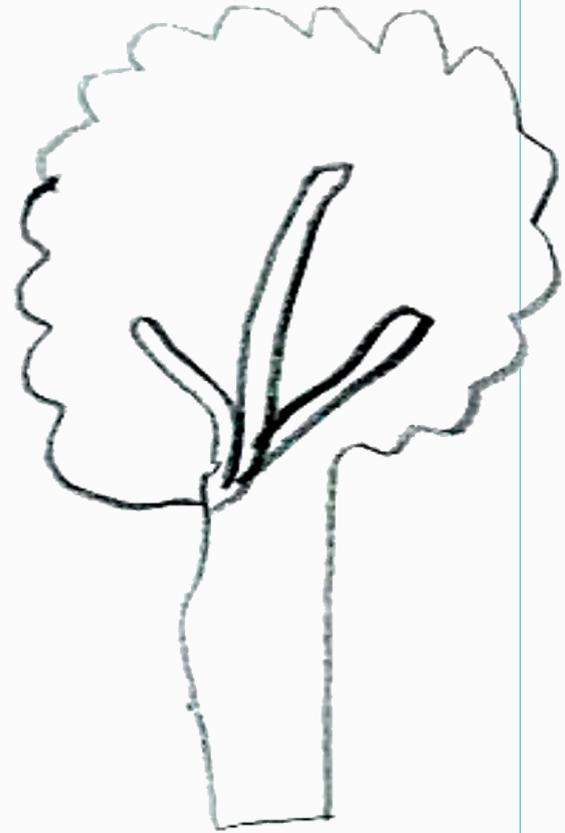
*O desenvolvimento integral na infância* – Físico, mental, cognitivo, emocional e psicossocial. É na infância que construímos a nossa fundação. Assim como em uma casa, precisamos de um bom alicerce para que o resto da construção se sustente. O cérebro em formação da criança é como uma esponja e os estímulos recebidos irão moldar seu comportamento e personalidade. Quanto maior o tempo de exposição às telas, menores as oportunidades de desenvolver outras áreas do cérebro, assim como de praticar habilidades interpessoais, cognitivas, motoras, de comunicação e inteligência emocional. Após o período on-line, podemos equilibrar os excessos das telas por meio de atividades que movimentem o corpo, estimulem a interação social, as brincadeiras criativas e o “pé no chão”. Literalmente colocar os pés em contato direto com a terra ajuda a descarregar os excessos da cabeça.



Visualizar caminhos de saúde e bem-estar com as tecnologias é um desafio cotidiano para todos nós. Espero que esses apontamentos iluminem ideias para relações mais construtivas e amigáveis com as telas. ;-)

## Chegou a hora dos descansos de tela

Luiza Vianna



Seria possível promovermos um descanso de tela a crianças e seus familiares, para assim poderem usufruir de outras coisas na vida? E por que não fazemos das telas um ambiente para incentivar outras práticas que vão além delas, criando portanto outros ritmos de convivência em sociedade? (ATAÍDES, 2021, p. 43)

Chegou a hora da pausa, dos descansos de tela. Vamos criar momentos de *desintoxicação digital*? Como purificar nossa mente por meio de práticas milenares que nos ajudam a eliminar a dispersão digital e o estado eufórico causado pelas telas? Já pensou em respirar e se conectar com sua tela mental? O ambiente digital traz uma sobrecarga de informação para o nosso sistema e nada melhor que esvaziar ou limpar nosso *HD* interno de tempos em tempos para manter o bem-estar físico, mental, social e emocional. Vamos entender o que acontece

com nosso sistema neuro-hormonal e como promover momentos de limpeza e renovação.

O uso excessivo das telas desequilibra a produção dos hormônios dopamina, cortisol e melatonina, além de ativar o sistema nervoso simpático, agindo como um acelerador de todo o organismo. A dopamina é o neurotransmissor relacionado à sensação de prazer e ao sistema de recompensas do cérebro. Esse hormônio neurotransmissor – que tem um papel importante na consolidação de vícios – tem sua produção aumentada com as telas

e super estimulada a partir do universo dos games e das redes sociais, que muitas vezes tem seus conteúdos desenvolvidos para manter o engajamento do usuário e a vontade de querer sempre mais.

O cortisol, hormônio do estresse secretado pelas glândulas suprarrenais, eleva-se tanto pelo excesso de informações enviadas ao cérebro por meio dos dispositivos, como também pela irritabilidade causada pela privação dos mesmos. O aumento de cortisol leva ao aumento da frequência cardíaca e da ansiedade, e está relacionado com a falta de concentração e dificuldade de socialização.

Além da dopamina e do cortisol, as telas têm uma relação direta com a melatonina, nosso hormônio do sono. A luz azul emitida pelas telas inibe sua produção, atrapalhando o sono das crianças. A melatonina tem sua produção aumentada quando começa a chegar a noite, diminuindo os ritmos do corpo e preparando para o sono, seu ápice acontece durante o sono profundo e ela diminui novamente com a chegada do dia e da claridade. Sendo assim, para que a luz artificial não confunda o nosso organismo, é importante promovermos os descansos de telas pelo menos uma hora antes de deitar, mantendo o relógio biológico ajustado e garantindo uma melhor qualidade e profundidade do sono. A melatonina também está associada à regeneração celular e aos processos anti-inflamatórios do corpo.

A toxicidade em nosso sistema hormonal e o ciclo vicioso disparado pelo uso descontrolado das telas apontam para a necessidade fundamental de relaxar, limpar e aumentar nosso repertório de atividades off-line. A criança também deve ter o direito à desconexão e para isso é necessário disponibilizar recursos para que elas possam estar em momentos de pausas de telas.

Um bom caminho para a saúde e rotina equilibrada de telas na vida das crianças é a criação de novos hábitos com a intenção de promovermos um *detox digital*. Atividades em família sem as telas, passeios ao ar livre, contato com a natureza, exercícios físicos, brincadeiras e práticas como o yoga e a

meditação são fundamentais para esses momentos de descanso tecnológico.

O excesso de tempo de tela está impedindo as crianças em idade latente de aprender a brincar. [...] Se elas passarem a maior parte do tempo em um aparelho, vão perder grande parte do aprendizado da vida real. As habilidades de brincadeira são como qualquer outra habilidade de desenvolvimento, uma vez que precisam ser praticadas e ensaiadas para se aprimorarem. As crianças aprendem a brincar e melhoram na brincadeira quanto mais a praticam, por isso é vital que tenham a oportunidade de desenvolver sua brincadeira criativa, imaginativa e social. (KILBEY, 2018, p. 34)

Muitas vezes usamos as telas como válvulas de escape para “distrair” ou apenas “entreter” as crianças. Você consegue lembrar algum momento que a tela se tornou um amuleto para te livrar de situações complexas como a exigência de atenção ou o tédio da criança em sua casa? Ao nos tornarmos conscientes dos possíveis distúrbios neuro-hormonais causados pelo excesso de telas, começamos a nos importar com que as crianças tenham momentos do brincar, do silenciar, para assim criarmos outros tipos de hábitos em casa, considerando que a substituição criativa com diversas atividades que entusiasma a criança é de suma importância. É muito difícil propor algo tão prazeroso em nosso próprio corpo, a exemplo das sensações neurológicas que temos com as telas, por outra coisa que não seja divertida, atrativa e envolvente.

Alguns sintomas como irritabilidade, mudanças súbitas de humor, ansiedade, sedentarismo, dificuldade para dormir e socializar apontam que as crianças estão exagerando na dose. Além de promover momentos de *desintoxicação digital*, para quebrar ciclos de dependência e limpar nossa tela mental, é importante mantermos uma *dieta midiática* equilibrada, com conteúdos saudáveis e sem excessos. O termo “dieta midiática” é apontado pela Sociedade Brasileira de Pediatria referindo-se à quantidade, à qualidade e ao tipo de mídia que é consumida pelos jovens.

[...] à semelhança da alimentação e dietas, as “dietas midiáticas” precisam ser progressivas dependendo da idade e maturidade da criança e daí os conteúdos serem “nutritivos” e pró-sociais saudáveis ou prejudiciais e desequilibrados, ou ainda, saudáveis em qualidade, mas danosos em quantidade. (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2016, p. 9)

Mas como realmente promover uma limpeza e desintoxicação no nosso sistema? Assim como uma sala de aula limpa e organizada contribui para um melhor aprendizado, também a nossa mente, quando limpa e estável, leva a um estado de relaxamento, paz e concentração. Algumas escolas estão incorporando a meditação com seus alunos, e as pesquisas apontam que as crianças que praticam têm melhor socialização e desempenho escolar.

A concentração é a chave para a ‘arca do tesouro’ do conhecimento, pois aquele que desenvolve a habilidade de prestar atenção pode aprender tudo facilmente. Com o alarmante aumento da hiperatividade, depressão e problemas emocionais entre as crianças, uma prática que as treina a controlar os devaneios inquietos da mente e a focar a atenção deveria ser encorajada desde os primeiros anos escolares. (ANDREWS, 2006, p. 10)

A meditação não precisa ser uma prática longa, nem complexa. Podemos começar com o mais simples: levar a atenção à respiração. Manter a mente no momento presente. Podemos convidar as crianças para brincarmos de inspirar contando de 1 a 5 e expirar também contando de 1 a 5. Vamos aumentando o tempo da respiração pouco a pouco. Tem um ditado yogi que diz: o corpo segue a mente e a mente segue a respiração. O primeiro passo começa com a consciência e o controle do ar que entra e sai dos pulmões.

Meditar consiste em repousar o corpo e aquietar a mente. Podemos fazer isso não só por meio da respiração consciente e do silêncio, mas também fechando os olhos e nos deixando levar pela

imaginação. Com as crianças, as meditações guiadas por meio de histórias ajudam a começar e manter o foco da atenção. Para promover práticas como a citada acima, a iniciativa *O que queremos para o mundo?*, a partir das trocas comunitárias entre educadores e educadoras audiovisuais, criou em 2018 uma atividade chamada *Visualização* [2].

A visualização é uma prática de visualização criativa com meditação guiada. É como se estivéssemos fazendo um filme de olhos fechados que vai nos ajudar a viajar com nossa imaginação a lugares fantásticos. Basta você pedir para alguém ler para você enquanto estiver de olhos fechados ou assistir ao vídeo abaixo. Essa prática vai te ajudar a ir longe no espaço sideral.

Vamos praticar? Ao convidar um narrador ou narradora, sintam-se participando de uma contação de histórias. Não se esqueça de pedir para o narrador convidado aquecer as cordas vocais e ler com calma e tranquilidade esta visualização.

## VISUALIZAÇÃO DAS ESTRELAS

Olá, Eu sou a “Luz”. Vamos brincar de fazer um filme de olhos fechados? Sente-se de pernas cruzadas, deixe a coluna ereta e entrelace as mãos confortavelmente. Iremos praticar uma “Visualização”, que é uma Visualização Criativa com Meditação Guiada. Antes de começar, vamos respirar juntos? Inspire. Expire. (Pausa) Inspire. Expire. (Pausa) Imagine que você é uma estrela. De várias formas. Várias cores. Iluminada. Que movimentada pelos mundos. Pelos planetas do sistema solar. Que voa até o infinito. Seus pensamentos estão voando para todos os lados, agitados. Encontre um lugar no espaço e não tenha pressa. Ao inspirar, sua velocidade acalma. Ao expirar, seu tamanho cresce. Acalme-se. Sintam um alívio. Foque sua atenção na respiração. Deixe que as estrelas cadentes passem ao seu lado. Ouça o som que elas emitem. Concentre-se nesse som. (Pausa) De repente, todas as estrelas começam a se

[2] Acesse a Visualização das Estrelas em: [https://www.youtube.com/watch?v=gEB6W\\_PKTYg](https://www.youtube.com/watch?v=gEB6W_PKTYg)

apagar. Você virou um único pontinho de luz no universo. Você se vê de um telescópio, lá no céu, e descobre: EU EXISTO. (Pausa) Para finalizar, irei te contar uma frase que um grande sábio sussurrou em meu ouvido: “Você nunca está só ou sem ajuda. A força que guia as estrelas, guia você também”. Mantenha os olhos fechados, coloque as mãos em seu coração e vamos ecoar juntos as vogais do nosso alfabeto: Áaaa... Êeee... Íiii... Óoo... Úuu... Abra os olhos, mexa o seu corpo, e sinta o amor em tudo. [FIM] \*Dica: coloque uma música instrumental tranquila e leia com pausas a brincadeira. (ATAÍDES, 2018, p. 46)

Existem muitas técnicas disponíveis para quem quiser se aprofundar. Segue aqui mais uma pequena sugestão de vivência, para guiar as crianças em um processo meditativo. O texto pode ser lido ou improvisado de acordo com a realidade de cada turma, sempre mantendo um tom de voz suave, fazendo pausas e incentivando a respiração profunda e o relaxamento.

*Sente-se em uma postura confortável, pode ser na cadeira ou no chão. Vamos usar nossa imaginação para fazer uma aventura. Feche os olhos. Comece a respirar bem profundo. Imagine na sua frente um caminho em meio à natureza. Este caminho pode ser como você quiser, largo, estreito, passando por rios, mares, cachoeiras, em meio a um campo aberto ou em uma floresta.*

*Este é o SEU caminho e você pode imaginá-lo como quiser. Vá andando por este caminho, até que você encontra uma grande árvore, com muitos galhos. Essa é a Árvore dos Problemas, a árvore onde você pendura todos os seus problemas. Faça uma pausa, respire profundo, e vá pendurando seus problemas na árvore, descarregue todos eles, por menores que sejam. Respire profundo e vá seguindo seu caminho... Agora você já está bem mais leve... Logo você chega a um pequeno portão, muito bonito e cheio de flores. Sinta o perfume agradável das flores, e empurre delicadamente o portão, abrindo-o. Ao passar pelo portão, você entra no jardim mais lindo que você já viu. Ele é exatamente da forma como você quer que ele seja, ele é o SEU jardim. As cores são vivas e bonitas, o Sol está brilhando e os pássaros cantam uma canção de boas-vindas. Respire profundo e perceba como este ambiente vai te enchendo de paz, segurança e tranquilidade. Ande pelo jardim por algum tempo... Respire profundo. (Pausa de silêncio). Antes de sair, agradeça ao seu jardim por estar lá e por ser tão perfeito! Saiba que seu jardim sempre estará aí para você, quando precisar dele... (ANANDAMITRA ÁC., 2004)*

Pequenos momentos de interiorização e respiração consciente já fazem uma grande diferença para equilibrar o sistema neuro-hormonal, limpar nossa tela mental e dar uma reiniciada no nosso organismo. Experimente e também faça parte deste movimento em prol dos descansos de tela.

## Referências

- ANANDAMITRA ÁC., Avadhutika. **Meditação e os Segredos da Mente**. Tradução de Mariluce Filizola C. Pessoa, Revisão de Sonia Bali e Raimundo Braga, Revisão atualizada por Bharatti. 3. ed. São Paulo: Publicações Ananda Marga, 2004. 95 p.
- ATAÍDES, Igor Amin. **Como educar as crianças no mundo das telas?** Belo Horizonte: Aletria, 2021.
- ATAÍDES, Igor Amin. **Inventário dos Pequenos Futuristas Volume I**. 1. ed. Belo Horizonte: Mundos Audiovisual, Educação e Natureza, 2018. 74 p.
- KILBEY, Elizabeth. **Como Criar Filhos Na Era Digital**. 1. ed. Fontanar. 2018.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Saúde das crianças e adolescentes na era digital. **Manual de orientação**. Departamento de adolescência. nº 1, out. 2016. Disponível em: [https://www.sbp.com.br/fileadmin/user\\_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf](https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf). Acesso em: 30 mar. 2022.

# DIMENSÃO SOCIOAMBIENTAL



## Do planeta Tela ao planeta Terra: uma jornada necessária

Lídia Lino

O ambiente digital tem provocado mudanças profundas no modo de pensar, agir e sentir de adultos e crianças, e algumas habilidades cognitivas, comportamentais e emocionais importantes para a saúde mental e o convívio em sociedade estão se enfraquecendo porque os dispositivos eletrônicos, apesar de seus constantes avanços tecnológicos, não são capazes de oferecer os recursos necessários para o desenvolvimento dessas competências essenciais para o equilíbrio e o bem-estar na vida individual e coletiva. Porém, algumas das alternativas mais eficientes para resgatar e aprimorar os fundamentos que estão sendo esquecidos são fáceis, abundantes e acessíveis.

Já faz algum tempo que o *playground* de um dos maiores condomínios do bairro São Pedro, em Belo Horizonte, tem ficado praticamente vazio aos domingos de manhã, segundo a moradora Caroline Rocha, mãe de Henrique, de 11 anos, e Luiza, de 9. “Quando os meninos eram menores, tínhamos mais costume de levá-los para brincar na área do prédio, mas com o tempo eles foram preferindo ficar em casa por causa da TV, do tablet, do videogame. Aqui temos esta regra de que no final de semana as telas são liberadas, e aí eles preferem ficar jogando ou conversando pela internet. Por um lado, eu gostaria que eles estivessem convivendo mais com as crianças da idade deles, porque é saudável para eles correr, pular e gastar energia. Mas, por outro, confesso que fico mais

tranquila em saber que eles estão quietinhos em casa, sem fazer bagunça e onde eu posso vê-los o tempo todo”, conta Caroline. “Eu já observava esse movimento desde antes da pandemia. Agora, com a quarentena, acho que esse comportamento das crianças vai acabar se tornando o novo normal, como dizem. Pelo que vejo com meus filhos em casa, acho difícil que mesmo depois que acabar o isolamento eles queiram descer para o pátio para brincar como faziam antes, quando eles eram bem mais novinhos”, completa a empresária.

De portas trancadas, em um canto do quarto de nove metros quadrados decorado com posters, pisca-piscas e animais de pelúcia, M. V. R., de 13 anos, passa a maior parte do dia gravando vídeos com pequenas coreografias para seus 27 mil seguidores no TikTok. “Eu quero chegar aos 100 mil. Meu sonho é ser *digital influencer*”, diz. Em 2020, o adolescente brasileiro P. K., de 15 anos, tornou-se a pessoa mais jovem do mundo a atingir a pontuação máxima no jogo *Dance Dance Revolution*, com a música *Hyper Eurobeat*. Desde julho de 2020, cerca de 50 milhões de pessoas em todo o planeta jogam “*Minecraft*” pela internet, sendo que 8,3 milhões o fazem todos os dias.

Em 2017, depois de trabalharem por mais de 30 anos como professoras do ensino fundamental em uma escola particular, Maria Eugênia e Lúcia se aposentaram e decidiram abrir um centro de assistência pedagógica para crianças com dificuldades de aprendizagem. A iniciativa foi um sucesso quase instantâneo e, de lá para cá, o negócio triplicou de tamanho. Apesar de acreditarem na excelência do trabalho que fazem, as educadoras afirmam que boa parte da demanda pelo serviço que oferecem é proveniente de um conjunto de deficiências cada vez mais comuns em crianças da era digital. “A ideia de trabalhar com assistência pedagógica surgiu porque notamos que os alunos de hoje têm muita dificuldade para escrever corretamente, compreender e interpretar textos, estão mais desatentos e não conseguem se concentrar nas atividades, ficam entediados e desistem com facilidade dos exercícios. Muitos também não demonstram interesse em aprender, se relacionar ou se comunicar presencialmente”, explica Lúcia.

No livro “A Criança Digital”, os autores Gary Chapman e Arlene Pellicane afirmam que a falta de regras em relação ao uso de dispositivos eletrônicos

pelos crianças e adolescentes tem provocado mudanças de comportamento que estão corroendo as relações entre pais, mães e filhos e prejudicando suas capacidades socioemocionais.

Você quer que seu filho adulto tenha todas as aptidões necessárias para relacionamentos fortes. O treinamento necessário para esses relacionamentos não está nos celulares ou *tablets*. Não existem aplicativos nem *video-games* capazes de substituir os relacionamentos pessoais com outros seres humanos. As habilidades sociais precisam ser praticadas na vida real, começando com a criança em casa. (CHAPMAN; PELLICANE, 2020).

De acordo com os pesquisadores, o uso excessivo de telas tem provocado distúrbios nos processos de socialização das crianças, que apresentam mais dificuldades para demonstrar e receber afeto e gratidão, controlar a raiva, pedir desculpas e se comunicar. Um estudo realizado pelo National Center of Biotechnology em julho de 2014, nos Estados Unidos, aponta que a capacidade dos estadunidenses de prestar atenção diminuiu 40% nos últimos 20 anos. Para mitigar os efeitos nocivos das telas sobre as habilidades cognitivas, comportamentais e socioemocionais das crianças, os autores sugerem que, no ambiente familiar, as regras sobre os eletrônicos devem ser estabelecidas de maneira clara e cumpridas à risca, respeitando os limites máximos de tempo de tela fixados pelos órgãos competentes para cada faixa etária. Muito diálogo, envolvimento com a comunidade, atividades em conjunto e ao ar livre e bons hábitos, como leitura, esportes e hobbies, também são recomendados.

Segundo os pesquisadores, o segredo para encontrar o equilíbrio no ambiente familiar entre os mundos virtual e real está na constante renovação e fortalecimento dos vínculos entre os membros da família, e isso só é possível fora das telas. Por isso, Chapman e Pellicane também convidam pais e mães a observarem como eles próprios se relacionam com os eletrônicos.

Nosso exemplo em assuntos digitais é mais importante que o que dizemos sobre o tempo diante das telas. Se nós, como pais, passamos horas a fio com aparelhos eletrônicos, seja de que tipo forem, estamos transmitindo a

mensagem: 'A vida é assim. Essa é a norma'. [...] Parece injusto esperar de uma criança algo que seus pais não são capazes de fazer. (CHAPMAN; PELLICANE, 2020, p. 223).

Já no livro "Amar e Brincar – Fundamentos Esquecidos do Humano", os pesquisadores Humberto Maturana e Gerda Verden-Zoller abordam a centralidade da emoção nas relações humanas.

Nós, humanos, existimos na linguagem, e todo ser e afazeres humanos ocorrem, portanto, no conversar – que é o resultado do entrelaçamento do emocionar com o linguajar. Do mesmo modo, afirmamos que a existência na linguagem faz com que qualquer ocupação humana aconteça como uma rede específica de conversações. Esta é definida em sua especificidade pelo emocionar, que por sua vez define as ações que nela se coordenam. [...] Pensamos que a história da humanidade seguiu a trajetória do emocionar. Em especial, ela seguiu o curso dos desejos, e não o da disponibilidade dos recursos e oportunidades naturais ou a trilha das ideias, valores e símbolos. (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 1993, p. 11).

Outro ponto importante levantado na obra é que

a criança cria seu espaço psíquico, como seu espaço relacional, ao viver na intimidade e em contato corporal com sua mãe [o termo mãe aqui é entendido como a pessoa que cuida, e não é tido como um papel relacionado ao gênero]. [...] Neste processo, a criança aprende o emocionar e a dinâmica relacional fundamentais, que constituirão o espaço relacional que ela gerará em sua vida. [...] Nessas circunstâncias, para compreender as mudanças culturais, devemos entender as alterações históricas do emocionar humano em sua relação com o crescimento das crianças. (MATURANA; VERDEN-ZOLLER, 1993, p. 12).

Levando em consideração a capacidade das telas de alterar as habilidades emocionais do ser humano (CHAPMAN & PELLICANE, 2020) e partindo da teoria de que o emocionar, ou seja, a vivência constante das emoções, é o que define as conversações

e ações que regem a trajetória da humanidade (MATURANA & VERDEN-ZOLLER, 1993), é possível que este seja o momento ideal para nos perguntarmos, como sociedade: "O que tem nos emocionado? Como temos nos emocionado? Quais são os desejos que movem nossas ações?", e essas indagações também devem ser replicadas para o universo infantil. Cada vez mais, nossas emoções e nossos desejos, assim como as emoções e desejos das crianças, têm sido mediados, controlados e programados pelas telas e para as telas.

É por meio das redes sociais que a maioria de nós consome todo tipo de conteúdo feito para nos fazer rir, chorar, inspirar, comprar e informar. É também postando e compartilhando fotos, vídeos e opiniões nessas mesmas redes que buscamos ser vistos, validados, elogiados e aceitos socialmente. Evitar frustrações e emoções negativas também é mais fácil nas redes, já que as plataformas permitem que cada usuário restrinja a interação e o acesso de outras pessoas às suas postagens, assim como ele mesmo pode optar por não acessar conteúdos de pessoas cujas opiniões, gostos pessoais, visões e valores sejam diferentes dos seus. É sabido que o famoso algoritmo, peça-chave das redes sociais, funciona dentro desta dinâmica: oferecendo ao usuário das redes mais daquilo que o emociona para provocar engajamento. Na cultura das redes sociais, viralizar, lacrar e cancelar são mais que verbos, são metas que, quando alcançadas, constroem e fortalecem a reputação do indivíduo dentro e fora das telas. E quanto mais bonitas, inteligentes, engraçadas, bem-sucedidas e felizes as pessoas parecerem, maiores as chances de terem seus *posts* disseminados e aprovados. Isso explica o grande empenho para produzir conteúdos politicamente corretos ou polêmicos, esteticamente perfeitos e com mensagens de rápida assimilação, geralmente associados a *memes* e coreografias.

Um exemplo curioso: um vídeo nas redes sociais que mostra uma flor desabrochando gera muitos comentários, curtidas e compartilhamentos. Por outro lado, já não cultivamos mais a paciência e a sensibilidade necessárias para observar, despretensiosamente, um botão se abrir em flor quer seja em um jardim, quer seja em um vaso em cima da mesa da sala. Aos poucos, nossas emoções estão se transformando em emojis. As emoções humanas

têm sido condicionadas para que nosso maior desejo seja sentir prazer a todos os momentos, e esse é o mesmo mecanismo de funcionamento do vício em drogas.

Um estudo feito por pesquisadores da Free University of Berlin constatou que as interações positivas nas mídias sociais ativam a mesma área do cérebro responsável pelas sensações de prazer provocadas por relações sexuais e jogos de azar. De acordo com uma reportagem publicada pelo The Wall Street Journal sobre a pesquisa (MESHI; TAMIR; HEEKEREN, 2017), o cérebro responde ao que psicólogos chamam de “recompensas variáveis intermitentes”: como não sabemos quando e como seremos recompensados, continuamos voltando à fonte de prazer. Esse mecanismo, utilizado em cassinos, alimenta também aplicativos e jogos populares em smartphones, tablets e videogames. No artigo, o neurocientista Dar Meshi explica que plataformas como o Facebook e o Instagram, entre outras, permitem que as pessoas obtenham recompensas sociais a qualquer momento, em uma frequência e quantidade muito maior que nunca. Dessa forma, o vício nas plataformas digitais, assim como o vício em drogas, influencia o comportamento do usuário e pode causar até mesmo abstinência, o que ajuda a explicar a dificuldade de as pessoas deixarem o celular de lado enquanto realizam outras atividades, como dirigir ou comer.

É crescente o número de pesquisas científicas sobre os impactos a nível mundial das plataformas digitais tanto para a saúde, quanto para os hábitos de consumo e de vida das pessoas. Embora, na maioria das vezes, os resultados desses estudos apontem para a urgência de encontrarmos formas mais equilibradas de lidar com as telas, na prática, o que vemos é um aumento significativo tanto no número de usuários quanto na quantidade de horas que as pessoas passam em contato com as plataformas digitais. Um estudo divulgado pelo sistema de descontos on-line Cuponation, no segundo semestre de 2020, calculou que o número de usuários de redes sociais no Brasil cresceu 40% no mesmo ano, alcançando 141,45 milhões de pessoas ativas no país. De acordo com uma pesquisa realizada antes da pandemia, em 2019, pela empresa GlobalWebIndex, com sede em Londres, o Brasil é o segundo país onde as pessoas passam mais tempo

nas redes sociais, com uma média diária de 225 minutos, perdendo apenas para as Filipinas, onde o tempo médio diário chega a 241 minutos.

Se já sabemos que reduzir o tempo de tela e nos conscientizarmos sobre os conteúdos que acessamos nas plataformas digitais é essencial para o bem-estar de adultos e crianças, por que, ao contrário, estamos cada vez mais conectados? Além dos efeitos viciantes dos eletrônicos já mencionados por aqui, parte da resposta se encontra no fato de que, na atual ‘Sociedade do Cansaço’ (HAN, 2015), as cobranças por desempenho não são coletivas ou externas, e partem do próprio indivíduo para si mesmo, ou seja, somos nossos próprios algozes: nos automotivamos, nos autocobramos e nos autopunimos, e nosso conceito de trabalho e sucesso está ligado ao quanto somos capazes de nos autoafirmar e autopromover – e as plataformas digitais são o lugar ideal para que isso aconteça. Como consequência, estamos exaustos, sem tempo e sem disposição para fazer outra coisa que não seja cuidarmos da nossa própria imagem e reputação, que nunca é considerada suficientemente boa por nós mesmos, transformando essa dinâmica em um círculo vicioso, do qual não conseguimos nos desvencilhar. O torpor provocado por esse mecanismo aliado aos aspectos viciantes do mundo das telas nos coloca em um estado de alienação paralisante e, embora estejamos conscientes da necessidade de mudarmos nossos hábitos em relação aos eletrônicos, não conseguimos transformar nossas intenções em atividades práticas e mudanças na rotina para diminuir e melhorar o tempo que passamos conectados.

Essa conjuntura se torna ainda mais preocupante quando colocamos as infâncias em perspectiva, e há três fatores a serem considerados nesse contexto: o primeiro deles é a centralidade da relação materno-infantil para a formação dos parâmetros da criança em relação à sua maneira de se emocionar e, conseqüentemente, agir no mundo. Logo, se os cuidadores passam muito tempo diante das telas e pouco tempo interagindo fisicamente com as crianças, isso acarretará mudanças culturais profundas, uma vez que afetará a forma como elas entenderão o mundo e como irão se relacionar com ele. Outro fator importante é o poder do exemplo dos pais e mães, conforme ressaltaram Chapman e

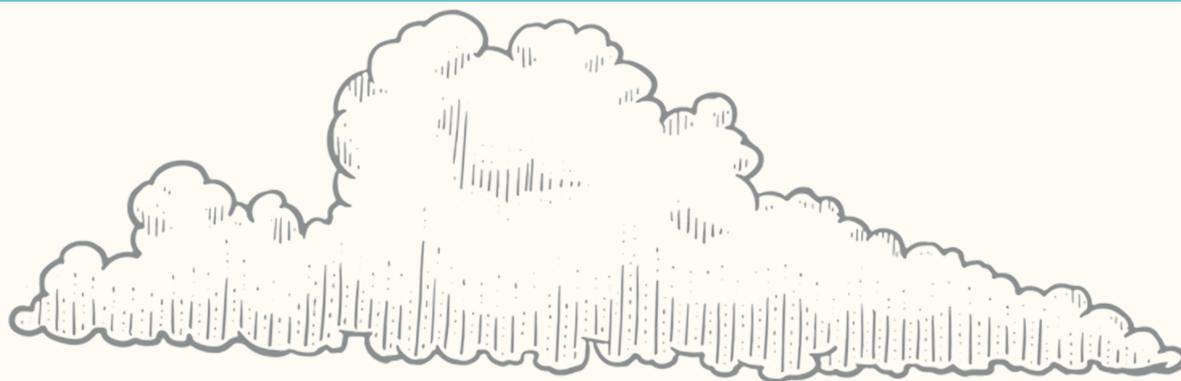
Pellicane (2020, p. 223): não é possível esperar que as crianças desenvolvam um relacionamento saudável com os eletrônicos se os próprios adultos não conseguem fazê-lo. O terceiro ponto diz respeito ao fato de que a geração mais recente de pais e mães também é a última geração que desfrutou de uma infância sem tantas telas, já que, durante os anos 1970, 1980 e 1990, quando a maioria desses pais e mães eram crianças, não existiam redes sociais e os videogames e a internet ainda eram novidade. Isso significa que, se esta geração de pais e mães não souber valorizar e estimular a vida fora das telas e passar adiante o legado de como se vive a infância no mundo real, as próximas gerações também não saberão como fazê-lo.

Diante de tantas constatações que revelam a fragilidade do nosso atual comportamento no ambiente digital e de um prognóstico pouco animador para o futuro, fica difícil imaginar que existam possibilidades acessíveis para promover uma relação saudável entre crianças, adultos e o mundo das telas. No entanto, as respostas para esses dilemas

complexos podem ser mais simples do que pensamos. Uma delas é considerar a importância de uma “Educação Audiovisual”, que, de acordo com a proposta da iniciativa “O que queremos para o mundo?”, tem como objetivo repensar nossa atuação nas plataformas digitais e cocriar estratégias e alternativas que contemplem maneiras mais conscientes de utilizar os eletrônicos no dia a dia, aproveitando suas potencialidades para transformar o olhar e as ações de crianças e adultos nos mundos virtual e real. Um exercício prático e simples que podemos sugerir, desenvolvido pela comunidade de Educadores e Educadoras Audiovisuais de “O que queremos para o mundo?”, é o de elaborar atividades artísticas sem telas com as crianças a partir do que vocês assistiram ou jogaram juntos nas telas. Já pensou em fazer, com a criança, um desenho, uma pintura, uma música, uma colagem ou até mesmo uma peça de teatro, ou com fantoches, a partir do conteúdo que vocês acessaram juntos nas telas?

## Referências

- BATISTA, Vera. Número de usuários de redes sociais cresce quase 40% em 2020 e supera projeção. **Correio Braziliense**. 1º set. 2020. Blog do servidor. Disponível em: <https://blogs.correiobraziliense.com.br/servidor/numero-de-usuarios-de-redes-sociais-cresce-quase-40-em-2020-e-supera-projecao/>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- CHAPMAN, Gary; PELLICANE, Arlene. **A Criança Digital**. São Paulo: Mundo Cristão, 2020.
- CIENTISTAS descobrem por que redes sociais são tão viciantes. **Olhar digital**. Notícias. 2 fev. 2017. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2017/02/02/noticias/cientistas-descobrem-por-que-redes-sociais-sao-tao-viciantes/>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- DUARTE, Fernando. Brasil é ‘vice’ em tempo gasto em redes em ranking dominado por ‘emergentes’. **BBC News Brasil**. 6 set. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49602237>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- HOOTON, Christopher. Our attention span is now less than that of a goldfish, Microsoft study finds. **Independent**. Science. 13 maio 2015. Disponível em: <https://www.independent.co.uk/news/science/our-attention-span-is-now-less-than-that-of-a-goldfish-microsoft-study-finds-10247553.html>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- MATURANA, Humberto & VERDEN-ZOLLER, Gerda. **Amar e Brincar – Fundamentos Esquecidos do Humano**. São Paulo: Palas Athena, 1993.



## Planeta Terra chamando

Lídia Lino

Trazer de volta o contato íntimo com a natureza para o nosso cotidiano é fundamental para mantermos o equilíbrio entre os ambientes digital e físico. O caráter instantâneo das interações no mundo virtual, em que tudo acontece ao mesmo tempo e as recompensas são imediatas e artificiais, desconecta-nos dos ritmos biológicos naturais, e atividades simples, como cultivar uma horta e escalar uma árvore, podem nos ajudar a recuperar as referências que perdemos em relação ao esforço, ao trabalho, à perseverança, à responsabilidade, ao tempo e aos ciclos de elementos tão naturais como nosso próprio corpo e os alimentos.

Richard Louv, em seu livro “A última criança na natureza”, de 2016, cunhou o termo “Transtorno de Déficit de Natureza”, que chama a atenção para o conjunto de problemas físicos e mentais decorrentes de uma vida desconectada do mundo natural. Segundo o autor,

cada vez mais a natureza se tornou algo a ser observado, consumido, vestido – ignorado. [...] Nossa sociedade está ensinando os jovens a evitar experiências diretas na natureza. [...] A noção pós-moderna é apenas uma construção – de que somos o que programamos – sugere ilimitadas possibilidades humanas, mas conforme os jovens passam cada vez menos tempo em ambientes naturais, seus sentidos se restringem, fisiológica e psicologicamente, o que reduz a riqueza da experiência humana. No entanto, no exato momento em que o vínculo entre a juventude e a natureza se rompe, um escopo cada vez maior de pesquisa conecta, de modo positivo, nossa saúde mental, física, emocional e espiritual à nossa associação com a natureza. Diversos destes estudos sugerem que a exposição cuidadosa dos jovens ao meio ambiente pode ser uma poderosa forma de terapia para Transtornos do Déficit de Atenção e outras doenças. [...] Refazer o elo rompido entre os jovens e a natureza é do nosso

próprio interesse, não só porque a estética ou a justiça exigem, mas também porque nossa saúde mental, física e espiritual dependem disso. Além disso, a saúde da Terra está em jogo. (LOUV, 2016, p. 24-26).

No livro, que traz entrevistas com especialistas de diversas áreas, pais, mães e crianças, Louv afirma que o brincar na natureza foi sendo descredibilizado e até mesmo criminalizado ao longo dos anos, e defende que a natureza é a principal mestra quando se trata de resgatar aprendizados socioemocionais que estão se perdendo no mundo das telas, destacando, por exemplo, como a natureza nutre a criatividade e oferece lições morais importantes para as relações humanas.

A descoberta da importância do contato com a natureza no processo de ensino-aprendizagem e socialização dos seres humanos desde a infância não é, necessariamente, algo novo. Esse é um dos eixos centrais da Pedagogia Waldorf, que surgiu na Alemanha em 1919, baseada na filosofia da educação do filósofo austríaco Rudolf Steiner, criador da Antroposofia. A abordagem, que procura integrar de maneira holística os aspectos físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos, tem como objetivo o desenvolvimento de indivíduos livres, integrados, socialmente competentes e moralmente responsáveis, dotados de equilíbrio emocional, clareza de raciocínio e iniciativa para a ação.

Dentro dessa perspectiva, uma das principais ações desenvolvidas nas escolas que adotam a Pedagogia Waldorf é a criação e a manutenção de hortas e jardins. Cultivar, regar e cuidar das plantas são atividades desempenhadas por alunos de todas as idades, desde o início da educação infantil até o final do ensino médio. Além de proporcionar o aprendizado transdisciplinar de matérias como ciências naturais, geografia, física, química e artes, as atividades práticas de plantio e cuidado com o mundo vegetal proporcionam às crianças oportunidades empíricas para que elas desenvolvam habilidades que são deixadas de lado no ambiente digital: entrar em contato e entender a importância

dos ciclos naturais como o dia, a noite e as estações do ano, aprendendo assim a esperar e a cuidar, assumir responsabilidades, entender relações de causa e consequência e vivenciar emoções relacionadas à gratidão, perseverança e resiliência.

No entanto, no contexto atual, em que se constata que crianças e adultos estão perdendo habilidades emocionais importantes para o convívio em sociedade por conta da relação desequilibrada com as telas, criar e manter hortas e jardins não devem ser atividades exclusivas de poucas escolas, nem sequer iniciativas que acontecem apenas no ambiente educacional, independentemente da pedagogia adotada por cada escola. Tanto o ato de brincar na natureza quanto o de cultivar alimentos, ervas e outras plantas precisam ser vistos como uma atividade essencial, a ser desenvolvida dentro e fora das escolas, em família e em comunidade, para então conquistarmos uma relação equilibrada com o mundo das telas.

Se, por um lado, o ambiente digital tende a provocar noções distorcidas da realidade, da sociedade e do próprio indivíduo, artificializando os processos e os tempos das coisas e condicionando nossos desejos, comportamentos e emoções, por outro, a natureza é capaz de oferecer o contraponto que tanto necessitamos para conservar e aprimorar as habilidades cognitivas, motoras e emocionais que não podem ser exercitadas por meio dos dispositivos eletrônicos: escalar uma árvore trabalha a coordenação e a coragem, reflorestar uma área degradada ensina sobre esforço, trabalho em grupo e resiliência, cultivar um pé de feijão, vê-lo crescer e dar frutos que se multiplicam e alimentam é uma lição sobre paciência e gratidão, plantar uma goiabeira, colher a fruta e depois saboreá-la, mesmo se não houver ninguém olhando, pode ser uma recompensa muito mais prazerosa e duradoura que viralizar uma postagem ou ganhar uma competição de videogame.

Começar uma horta em casa não tem contraindicações, nem mesmo durante a quarentena. Esse é



o primeiro passo e pode ser simples, fácil, rápido e economicamente viável, além de ser uma ótima forma de estreitar o vínculo entre pais, mães e filhos. O mundo digital já é tão real quanto a própria vida, mas estar vivo é muito mais do que estar on-line.

Lembro-me de uma passagem da minha infância na roça do meu avô, quando eu tinha por volta de sete anos. Era um dia chuvoso, eu era a única criança na fazenda naquele momento e, impossibilitada de sair para brincar ao ar livre, me rendi ao tédio. De cinco em cinco minutos, eu reclamava: “Não tem nada pra fazer aqui. Não pega TV, não tem jeito de sair de casa e só tem adultos chatos.” Nos anos 1990, nem o sinal da antena parabólica chegava à zona rural.

Foi quando minha tia-avó Beatriz me deu uma ideia: “Na época que a gente era criança e morava aqui na roça, não tinha eletricidade, muito menos televisão. Nem brinquedo tinha direito, então a gente fazia nossos próprios bonecos com coisas que a gente achava por aí, e depois inventava as histórias.” Eu me recordo com saudade da sensação de surpresa e encantamento que experimentei ao ouvi-la. Um novo universo de possibilidades acabava de se descortinar a partir da minha imaginação infantil.

Com dois sabugos e palha seca de milho, uma cenoura, uma batata e alguns palitos de fósforo e de dentes, criamos personagens que me fizeram companhia durante os três dias chuvosos daquele carnaval na roça, e que seguem me acompanhando na memória: Conde e Condessa – os primos do Visconde de Sabugosa –, o Seu Nôro e a Sá Táta.

Relembrando essa experiência, fico pensando como

seria se na época eu tivesse tido a oportunidade de fotografar ou filmar o nascimento, as aventuras daqueles personagens e todas as histórias fabulosas que meu ‘eu criança’ inventou a partir de bonecos tão singelos. Como seria bom ter e compartilhar um registro audiovisual de algo tão divertido, mas que apenas minha mente guarda. Que privilégio seria ter podido brincar de filme ou de foto, e ainda por cima eternizar uma memória afetiva. A boa notícia é que isso, que já foi uma possibilidade tão distante da minha realidade durante a infância, hoje é algo fácil e completamente possível de se fazer com as crianças.

A educação audiovisual é sobre isso. Cocriar, com as crianças, consciência e memórias afetivas a partir da união dos mundos que existem dentro e fora das telas. Atualmente, eu e meu filho Bernardo, de cinco anos, nos divertimos registrando o que acontece no “Fantástico Reino de Horta Torta”, em que o próprio processo de desenvolvimento dos alimentos que plantamos dita os rumos da trama, e nosso gato, Bigode, é o grande vilão. Nossos encontros em Horta Torta nos aproximam, nos ensinam, nos divertem e nos conectam com a Natureza, e cada registro desses momentos são sementes digitais, prontas para crescerem e se multiplicarem.

O relato de uma vivência tão simples quanto essa é, na verdade, um convite para que famílias e educadores de todos os lugares experimentem, dentro de suas possibilidades, brincar e criar com as crianças na e com a simplicidade da Natureza, com a facilidade dos recursos digitais. A aventura que começa dentro das nossas casas pode ser a que nos leva mais longe rumo ao que queremos para o mundo.

## Referências

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**. Cotia: Aquariana, 2016.



## Agroecologia: da tela para a terra, da terra para as telas

Mayan Maharishi

A agroecologia engloba sistemas agrícolas sustentáveis que se constituem em movimento, ciência e prática. Visam ao acesso a alimentos de qualidade, trabalho digno, economia justa e sistemas alimentares regenerativos. Alinham-se com a justiça social e ambiental, por meio de práticas e técnicas avançadas de base sustentável.

É no caminho de mudança e saúde pelo bem de todos e todas que seguimos com diálogos sobre agroecologia, em busca de ambientes equilibrados e respeitosos com todos os seres. Mas, para que isso ocorra, a equidade e o antirracismo devem estar na base desses anseios, pois só assim será justo e verdadeiramente saudável. A agroecologia pautou esses temas e muitos outros que enfrentam as desigualdades como de profunda importância para que a agroecologia seja de fato exercida.

Por meio da agroecologia, o que buscamos é a soberania alimentar, a soberania popular e a garantia

da biodiversidade. Estamos em estado de morte. Não é difícil de acreditar nos dias de hoje com tanta coisa que estamos vivendo e vendo acontecer. Vivemos sob um modelo capitalista extremamente prejudicial, que emplacou sistemas alimentares degenerativos, envenenados.

Na dimensão ambiental, vemos ecossistemas inteiros reduzidos a gigantescas monoculturas e ou pastagens. No contexto sociocultural, há perda de diversidade, expropriação de terras, de epistemologias, de povos e de modos de vida. Na nossa alimentação houve a redução massiva de variedades e a introdução de uma cultura alimentar tóxica, sem variedade nutricional adequada e sem vitalidade. No contexto trabalhista, temos realidades em que máquinas tomam o lugar do trabalho humano, além de inúmeros casos de trabalhos injustos e violentos. Esse modo de produção, na realidade, não produz alimento e sim mercadorias que são

resultados desse caos. E esse é só um fragmento de toda a cadeia de destruição que vem sendo provocada pelos atuais sistemas agroalimentares tóxicos.

Para se começar a dar os primeiros passos rumo à agroecologia, algumas perguntas e investigações são fundamentais. As crianças certamente adoram se aventurar no caminho das curiosidades e do entendimento da vida. Vamos começar por uma perguntinha título de um livro muito inspirador, o qual indicamos a leitura. Pois bem: de onde vem nossa comida? [1] Olhem para algum alimento que está perto de vocês ou se lembrem de algo que comeram hoje e comecem a pensar. De onde vem? De quem vem? Onde conseguiu? Para onde vai?

Desvendando esses caminhos já é possível perceber muita coisa, não é mesmo? Começando essa investigação, podemos seguir com as questões sobre nossa comida, buscar saber se ela é saudável, se foi plantada por nós mesmos ou por alguém pertinho, se veio de uma indústria, se era cheia de embalagem ou estava perfeitamente guardada na embalagem mais inteligente do mundo todinho, chamada CASCA! Sabiam que as cascas são embalagens que podem virar terra?! Isso mesmo! O universo natural do qual fazemos parte é incrível, a casca vira terra e a terra vira alimento para novas plantas.

Dizer que precisamos aprender que somos parte da natureza parece até mentira, mas é hoje uma necessidade, pois nos afastamos muito disso. Boa parte da população não se entende como natureza, mas compreende que ela é algo separado, distante da vida humana, quando na verdade somos uma vida só. [2] Muitos de nós passam boa parte do tempo nas telas, eu também passo. Perdemos um pouco



a capacidade de equilibrar nosso tempo nas telas com nosso tempo na terra. É por isso que uma questão importante para “O que queremos para o mundo?” são as telas amigáveis. É nosso propósito propor saúde nas telas.

A tela é também nosso espaço e podemos fazer dela um ambiente para transgredir limitações, aprender e trocar ricas informações. Porém, uma questão é transgredir também espaços e utilizar as telas como parte dos processos e não como finalidade. Por exemplo, se ficarmos na tela dialogando somente, pouco poderemos fazer em relação à transição agroecológica. Se só assistirmos ou criamos conteúdos midiáticos, e não colocarmos isso em prática, perdemos potência e sentido. Se ficarmos um ano acessando conteúdos sobre alimentos naturais e sem veneno, mas nunca pararmos para repensar o nosso próprio alimento e buscar alimentos saudáveis, isso resulta em tela por tela. [3]

Nossa missão é expandir o amor por meio do protagonismo pedagógico, utilizando a agroecologia como foco da experiência na vida de crianças. Agroecologia produz alimento com vitalidade e nada melhor do que se alimentar assim, se queremos uma sociedade com saúde. Inspiradas pela força de vida da natureza e pelos conhecimentos expressos na agroecologia, temos aqui uma abordagem da agroecologia nas telas. É ela fator de transformação e de encantamento! Isso mesmo, encantamento! Não tem criança, jovens, adultos, adultos ou idoso e idosas, que não se derretam com a beleza e a força da natureza. Podemos contribuir com esse movimento! As crianças estão muito expostas às telas e esse é um ponto de muita conversa por aqui. Que telas são essas? É evidente que temos que usar as telas em favor do mundo real e não um paralelismo que aprisione no mundo

[1] Livro “De onde vem nossa comida? – Caderno de educação em agroecologia” Tem também esta outra revista de mesmo nome: 2014\_ AnaMariaThomazMayaMartins\_Revista.pdf (unb.br).

[2] 1. Ailton Krenak – Ideias para adiar o fim do mundo; 2. Miguel Altieri – Agroecologia – A dinâmica produtiva na agricultura sustentável.

[3] Documentários importantes sobre o contexto da agroecologia: 1. Guardiões da Terra – Agroecologia em Evolução; 2. AGRO | EP 1 – Por que o Brasil é campeão mundial no uso de veneno?

digital ou midiático. Nesse sentido, a agroecologia é fonte de inspiração para que o nosso tempo de tela seja saudável e inspire, mais ainda, práticas reais, saudáveis. Aqui não é tela por mais tela e sim o melhor da tela, para a terra!

As crianças que desenvolvem uma relação intrínseca com as plantas/alimentos, conhecendo e acompanhando seus ciclos de desenvolvimento, possuem uma conexão muito especial com a vida que viram surgir. Observando algumas crianças nesse sentido, percebi que elas criam afeto pelo que viram nascer e que posteriormente colheram. Percebo-as entretidas, alegres e atentas a cada etapa de desenvolvimento. A colheita é sempre uma festa. O envolvimento e as práticas dos adultos e adultas em torno da criança, no dia a dia, também afetam essa relação e devem continuar dentro de casa, instigando nelas o interesse e praticando boas formas de alimentação, cultivo e benefício. Já quando não existe essa relação, sem essa participação, elas desconhecem muitas plantas, alimentos e selecionam por diferentes critérios, além de aumentar a rejeição por alguns alimentos.

O afeto é algo importante na relação entre cultivo, alimentação, colheita, sentido e envolvimento. E é claro que a oportunidade de viverem isso é muito importante. Porém, cada vez menos essa prática é incentivada, ou possibilitada, por diferentes motivos, desde a industrialização alimentar e a valorização de alimentos processados até as expropriações de terra, bem como outras problemáticas sociais e o mega estímulo ao universo digital. Não se trata somente do fato alimento, mas temos fatores como qualidade da água, relações de trabalho, pressões no ecossistema, degradação ambiental, cultura do adoecimento, estrutura social e muitos outros entraves. É justamente por isso que agroecologia é ciência, movimento e prática, pois surgiu de uma necessidade de grandes rupturas para que possamos ter acesso ao bem viver. Há uma

urgência real, pois nosso solo, água e relações estão adoecidos.

Crianças que praticam o cuidado com a terra podem partilhar seus conhecimentos com outras crianças e estimular uma rede de crianças guardiãs da terra. Compartilhar experiências que estimulem as crianças a deixarem as telas pela terra também pode resultar em expansão de amor. “O que queremos para o mundo?” produziu um curta muito interessante em que três crianças se envolveram, uma de 5 anos, uma de 6 anos e um garoto de 13 anos. Elas se dividiram em criação de roteiro, figurino, atuação e direção. Criaram um roteiro fantástico e criativo que conta a história da menina-robô, que compartilhou suas práticas de compostagem, seu amor como cuidadora de rio e que gostava de desejar coisas boas e cuidado com todas as pessoas. [4]

Práticas como compostagem, cultivo de sementes, vasinhos de jardinagem, alimentação consciente, saberes do campo, saberes ancestrais, relações respeitadas no universo da produção alimentar e cuidado com as águas, solos e vidas humanas, são riquezas a serem partilhadas e vivenciadas pelas crianças, além de que podem intercambiar seus fazeres e os conhecimentos entorno delas, umas com as outras.

Talvez uma criança que nunca pensou em cultivar possa, incentivada por outra, iniciar em pequeno espaço suas hortaliças, ao passo que uma criança que tenha como prática o cultivo e essa relação intrínseca com a terra possa nunca ter pensado em registrar o seu fazer e pode receber ajuda de outra criança que já tenha experiência com filmes



[4] 1. O Veneno Está na Mesa – YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=k-6BPWApNo>; 2. A MENINA ROBÔ – O que queremos para o mundo?: <https://oquequeremosparaomundo.com.br/filme-educativo/a-menina-roboto/>

e outros registros como fotos etc. Sem contar toda a rede que elas impactam, como familiares, educadores, vizinhos etc. Podem ainda registrar informações reveladoras sobre crianças que não têm acesso a alimentação de qualidade ou outros assuntos que julgarem necessários.

Trazer o diálogo entre agroecologia e as telas, entre as telas e a agroecologia, é algo que tem grande

potencial. É hora de a *Comida de verdade* ganhar a cena e a mesa! Cozinhar é um ato revolucionário! Que tal registrarmos nossas culinárias extraordinárias e revolucionárias para que outras também possam seguir o exemplo? É hora de pôr literalmente a mão na massa, na terra e ser a mudança que buscamos. Todos pela vida! [5]



[5] MUITO ALÉM DO PESO | Filme Completo – YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=8UGe5GiHCT4>

# Permacultura na Educação Audiovisual

Mayan Maharishi

Estamos diante de um modelo de sociedade em que o capital domina as relações e a vida das pessoas. Estamos diante de uma crise ambiental planetária, que é também econômica e social. É essencial à vida: água, terra, alimento, relações humanas saudáveis. É necessária uma soberania alimentar, pessoal e coletiva. Cada ato de consumo pode se tornar um ato político, se baseado na diversidade.

Vamos nos desafiar a refletir sobre essas questões e dialogar com vocês sobre os ciclos da vida e as interconexões que fazem parte dessa simbiose, que nos inclui. Em tempos de crise mundial, pautar as complexidades sem medo, unindo gerações, pode ser a chave transformadora para nossa resiliência

socioambiental e cultural. Nada melhor do que aproximar crianças de temas como a permacultura por meio das telas.

É preciso cooperação para transformar a realidade dura em mudanças positivas. Precisamos de um sistema econômico contra-hegemônico, de informações que gerem empoderamento. Precisamos mudar internamente e externamente, precisamos de autossuficiência tecnológica para nos desenvolvermos pessoal e coletivamente. Devemos alterar a forma de compreensão hegemônica em relação aos termos desenvolvimento e progresso, e tentar visualizar que progresso e desenvolvimento não estão ligados estritamente a lucratividade,

economia e PIB. São outros fatores que interessam ao crescimento social, econômico, cultural e ambiental da humanidade.

É preciso uma revolução integral, pela libertação, isso se faz necessário. Não se sustenta mais uma economia baseada na exploração. Nesse contexto, surgem algumas linhas de pensamento e de atuação que tentam dar embasamento teórico e prático para que possamos efetivar uma alteração econômica, social, ambiental e cultural, baseadas na autonomia dos nossos processos de manutenção da vida. [1] Vamos nos ater aqui à permacultura, como potencial transformador.

A permacultura permeia os campos social, educacional, de saúde integral, cultural, ecológico, econômico e espiritual. Já ouviu falar de permacultura? Imagina do que se trata? Esse processo incentiva a autonomia? Qual a raiz da permacultura? Ficou curiosa ou curioso? Então vou contar um pouco da história da permacultura para aqueles que ainda não a conhecem e para os que já ouviram falar ou conhecem ficam as informações para relembra a origem do conceito.

A permacultura surgiu na década de 1970 a partir da esquematização de um sistema de ocupação sustentável proposto por Bill Mollison, em parceria com David Holmgren, que teve início na Austrália, quando Bill Mollison foi a uma rádio local para um bate-papo com um amigo, apenas com algumas anotações sobre o que se idealizava. Bill Mollison não imaginava a repercussão de suas proposições. Diante da grande procura após a divulgação de seus estudos na rádio, decidiu publicar em 1978 seu manuscrito, com complementações e contribuições de seu orientando David Holmgren, que foi cofundador do conceito de permacultura. [2]

O conceito surgiu da observação dos sistemas prósperos que, para Bill Mollison e David Holmgren, estavam presentes em apenas algumas sociedades tradicionais. Diante disso, eles se basearam nesses

conhecimentos e os uniram às técnicas inovadoras, com o objetivo de criar uma “cultura permanente”, a permacultura, com objetivo de difundir uma maneira de trabalhar a favor da natureza e não contra. Com as primeiras publicações, Mollison ganhou adeptos bem entusiasmados que criaram diversos grupos de estudos, grupos de trocas, grupos de práticas, grupos se articulando politicamente, trocando sementes, enfim... começou a se difundir ações de permacultura. Com a difusão, Bill Mollison começou a realizar cursos de introdução à permacultura fora da Austrália. E publicou as bases conceituais da permacultura no livro “Introdução à Permacultura” em 1991 junto com Reny Mia Slay.

Fica evidente que a dedicação de Mollison e Holmgren confluíram em difundir um pensamento de comunidade, de unidade com a natureza. Perceberam a permacultura como potencial, observando as tribos, comunidades e *pueblos* que já praticavam sistemas integrados, mas sistematizaram-na a partir desse patrimônio sociocultural e propuseram uma filosofia de vida a ser propagada aos demais. Assim, essas filosofias e práticas poderiam fazer parte da vida de mais comunidades e populações, que, por vezes, são destrutivas e não possuem uma visão de mundo que proporcione a longo prazo a vida na terra, ou para aqueles que precisam de mais suporte para transformar-se enquanto comunidades permanentes.

A permacultura é inspirada na observação de sistemas naturais e conhecimentos ancestrais que são aliados a conhecimentos modernos científicos e tecnológicos. É uma visão de mundo que preza pela resiliência e pela superação do atual modelo capitalista vigente que enxerga tudo como mercadoria e pauta sua acumulação de capital na exploração. Para Mollison, a harmonia só é possível se abandonamos a superioridade sobre a “natureza”, pois, se atacamos ou destruimos a natureza, estamos destruindo nós mesmos. Bill Mollison e David Holmgren não

[1] Permacultura: Um novo estilo de vida (Documentário) – YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=N7Eqs6YWnxM>; 2. Permacultura | Permaculture (ufsc.br): <https://permacultura.ufsc.br/o-que-e-permacultura/>.

[2] Princípios de Permacultura em Português (permacultureprinciples.com): <https://permacultureprinciples.com/pt/>.

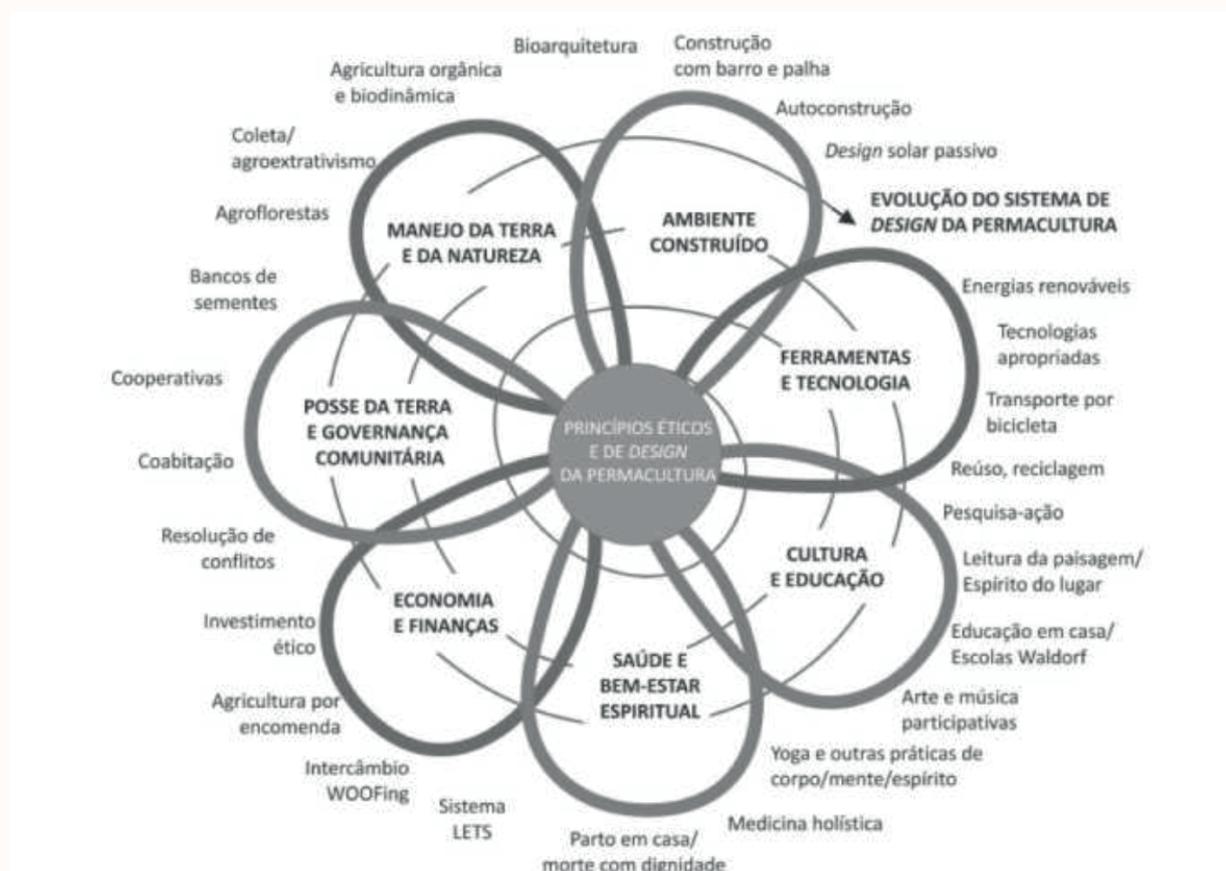
somente criaram o conceito como também desenvolveram seus princípios e prezaram pelo trabalho prático dos permacultores e permacultoras.

De acordo com Rosemary Morrow, os principais aspectos da permacultura são problemas que enfrentamos local e globalmente. Esses aspectos estão associados a práticas transformadoras que dependem de um aproveitamento inteligente e integral dos espaços; além de considerar as pessoas e suas relações sociais, econômicas e culturais como elementos fundamentais para uma relação de respeito com a vida, que gere ambientes e relações de prosperidade em vez de espaços degradados e relações de escassez.

A seguir, veremos o esquema em flor, que foi criado para facilitar a visualização do que foi proposto enquanto filosofia de vida e ou estratégia de sobrevivência na permacultura. Para Holmgren (2013), a flor representa etapas que estão conectadas por um caminho evolutivo em forma de espiral, que parte de um nível pessoal e local, para depois evoluir para o coletivo e o global.

A partir desse esquema proposto, é possível enxergar a dimensão complexa que engloba essa proposta. Cada pétala tem um sistema próprio de funcionamento que conta com uma dimensão holística dentro de cada um desses sistemas.

**Figura 1 – FLOR DA PERMACULTURA**



Holmgren (2013, p. 34).

David Holmgren propôs ainda alguns princípios éticos básicos e doze passos norteadores da prática da permacultura, apresentados a seguir:

### *Princípios Éticos*

*Cuidar da terra:* a terra é uma entidade viva que respira. Sem cuidados e carinho, haverá consequências muito grandes para serem ignoradas.

*Cuidar das Pessoas:* se as necessidades das pessoas são satisfeitas de maneira compassiva e simples, o ambiente em torno delas irá prosperar.

*Partilha Justa:* tempos de abundância nos proporcionam incentivo para compartilhar com os outros. (HOLMGREN, 2013, p. 51)

A Permacultura é uma possibilidade, um caminho criativo, um respiro no mundo em que vivemos. Para que ela seja resiliente, é preciso reconexão com a vida, ser acessível, economicamente viável, adaptável a cada localidade e cultivar relações saudáveis.

*Princípios de design (desenho):* 1. Observe e interaja; 2. Capte e armazene energia; 3. Obtenha rendimento; 4. Pratique a autorregulação e aceite feedback; 5. Use e valorize os serviços e recursos renováveis; 6. Não produza desperdícios; 7. Design partindo de padrões para chegar aos detalhes; 8. Integrar ao invés de segregar; 9. Use soluções pequenas e lentas; 10. Use e valorize a diversidade; 11. Use as bordas e valorize os elementos marginais; 12. Use criativamente e responda às mudanças. (HOLMGREN, 2013, p. 16)

Esses princípios da permacultura pressupõem uma prática integrada que permite uma maior autonomia e conhecimento dos processos necessários para a manutenção da vida. Nos dias atuais, deparamo-nos cotidianamente com desafios decorrentes do modelo capitalista de sociedade. É cotidiano o

enfrentamento de problemáticas profundas como a falta de saneamento básico, a alimentação precária, a insegurança alimentar e nutricional, uma educação defasada, os sistemas falidos de atendimento à saúde, a concentração de renda nas mãos de uma pequena parte da população, as relações frágeis, a manipulação dos meios de comunicação, os problemas em torno da distribuição de terras e de sua concentração nas mãos dos latifundiários, além da incompatibilidade ambiental insustentável da agricultura convencional e as construções cada vez mais dependentes de recursos externos e industrializados e onerosos. [3]

O desafio engloba a omissão do estado frente à população e o protecionismo aos latifundiários, a falta de planejamento das cidades, a precarização do rural, a corrupção política, entre outras questões nos âmbitos micro e macro das relações de poder que reforçam a permeabilidade do capitalismo em nossa sociedade. Nesse sentido de superação desse modelo ou pelo menos inicialmente uma contraposição, há propostas, como a da permacultura, de difundir e instrumentalizar a humanidade de processos possíveis de serem realizados pelas pessoas, de modo a serem independentes desse modelo vigente. A exemplo, a autonomia no desenvolvimento de um sistema de saneamento básico pode proporcionar a superação de grandes barreiras sociais, econômicas e ambientais.

A permacultura dedicou-se a levantar sistemas alternativos tanto em alimentação, construções, saúde, economia e educação, quanto em saneamento. É possível, por exemplo, por meio do que é proposto por Bill Mollison e David Holmgren, repensar nossa relação com nossa produção de lixo, com nosso consumo, com nossos sistemas de tratamento de detritos e resíduos.

Lançamos algumas perguntas para pensar sobre permacultura e infâncias. Como a observação da natureza impacta crianças e como crianças que observam a natureza impactam a sociedade? Certamente vocês já repararam na diferença de

[3] La voz del viento Semillas de transición – YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=3ZOOmjoMQZM>.

crianças que observam e interagem com a natureza. Já é de conhecimento que o desenvolvimento das crianças em ambiente natural ocorre de maneira mais fluida, garantindo à criança certa autonomia e possibilidades de movimentar-se e relacionar-se com diferentes elementos, o que não se pode reproduzir em outros ambientes.

Quais os desafios contemporâneos em que a educação audiovisual pode contribuir com essas práticas? São inúmeros desafios, muitos deles já apontados aqui ao longo dessas reflexões. Por meio da educação audiovisual, é possível incentivar que o tempo de tela impacte diretamente em tempo de terra, incentivando práticas reais de interação com os ambientes naturais.



É possível aprender na permacultura o uso de sistemas alternativos como, por exemplo, a fossa ecológica de evapotranspiração, conhecida como BET (Bacia de Evapotranspiração) ou TEVAP (Tanque de Evapotranspiração), que consiste em construir uma maneira local de tratamento de dejetos humanos, direcionando o resíduo para uma fossa ecológica com o princípio da evapotranspiração, com o uso de pneus, cascalhos e bananeiras, em que se faz o tratamento e a decomposição do material, sem assim poluir rios, águas, além de produzir bananas, ou seja, abundância ao invés de escassez e degradação. Já pensaram nisso na telinha inspirando a criança? E

se puderem colocar em prática?

Outra proposta é a de banheiro seco, que consiste em direcionar os dejetos a um sistema em que os resíduos serão compostados e se transformarão em húmus, a partir de um sistema em que, sobre os dejetos, são lançadas camadas de matéria orgânica seca como palhada, folhas secas ou serragem, dispensando o uso dos recursos hídricos. Além de ser uma proposta não poluente e que não necessita de grandes investimentos em tratamento, esse sistema ainda irá gerar adubo e economizará uma quantidade significativa de água limpa. Observem quantas soluções inteligentes são possíveis e promovem autonomia e sistemas saudáveis.

Certa vez, junto com outros colegas educadores, foi possível realizar na Escola Estadual de São Gonçalo do Rio das Pedras, Serro (MG), o círculo de bananeira, que consiste em tratar a água cinza, neste caso específico apenas água de pia de cozinha, que não recebia produtos químicos. Essa água é então direcionada para um espaço dimensionado na terra em que matéria orgânica, como galhos, troncos e palhada, são adicionados, bem como mudas de plantas filtrantes, como banana, taioba, entre outras. Assim, a água, antes jogada a céu aberto e com potencial poluidor, passa a nutrir aquele ambiente e solucionar uma grande questão ambiental. Algumas crianças da escola participaram do processo e muitas outras são diariamente impactadas por essa simples ação. Já pensaram quão impactante seria uma criança contar para outra escola sobre isso tudo? Pensem, teria potencial na escola de vocês? Tenho certeza que sim!

Você deve estar se perguntando, mas o que a permacultura tem a ver com educação audiovisual? O potencial pedagógico é o principal elemento positivo nesse sentido, porque a permacultura reflete um modo de vida e práticas transformadoras de tecnologias sociais sustentáveis e transformadoras para a vida das pessoas. Muitas pessoas desconhecem, há ainda grandes tabus e o acesso às informações sobre permacultura muitas vezes são restritas. Quando pensamos em educação audiovisual e

permacultura, enxergamos um grande potencial, desde que seja parte de um processo maior educativo e prático. Pois de nada adiantaria apenas consumir um conteúdo ou fazer cursos, se a prática não se torna real. Não tem também receita de bolo e as experiências próprias são de suma importância para que aconteçam momentos de aprendizagem e adaptação de tecnologias, práticas, hábitos etc.

O que pode ser importante para um grupo, pessoa ou família, pode fazer nenhum sentido para outros grupos, pessoas ou famílias. Isso também faz parte da diversidade, o que não podemos perder de vista é a sustentabilidade e a ética. Lembrando que as relações fazem parte disso tudo. Ou seja, de nada adianta também ter conhecimentos profundos de técnicas, cultivos e conhecimento científico e manter, por exemplo, uma postura de preconceito e desigualdade social.

Sistematizar e partilhar, por meio da educação audiovisual, conhecimentos das diferentes pétalas da permacultura pode incentivar nossas crianças a registrarem suas revoluções do dia a dia e inspirar outras crianças a respeito do bem viver. Essa transição se dá em busca de uma vida plena de sentido, uma vida digna. Há diferentes maneiras de buscar alguma transformação: há ecobairros urbanos, há comunidades tradicionais que atuam dentro desses princípios etc. Há inclusive outros modelos que convergem com a permacultura e são contra-hegemônicos, como exemplo a agroecologia. É preciso um movimento de luta, uma articulação muito maior para que haja transformação desse cenário. É necessária uma vida digna em que tenhamos acesso pleno por meio de três elementos básicos: terra, teto e trabalho.

A permacultura é um modelo que propõe uma transição planetária pela vida, propõe um movimento de ruptura do sistema de pobreza e da lógica da escassez. É preciso que queiramos viver plenamente novamente. Até quando vamos manter a sobrevida? Além de sermos explorados por um sistema capitalista, vamos alimentá-lo? O que vai nos mover? A destruição? Precisaremos chegar a situações de dor, de doença, de caos, para religar nossa essência com a essência natural, não vamos nos enxergar em unidade com o todo?

Não tem solução pronta, seria uma falácia dizer que bastam dois passos e estaremos no paraíso, não passa por essa simplificação, mas também não nos cabem a estagnação e a repetição alienada. É preciso agir, é preciso articulação, superar barreiras impostas pelos processos burocráticos e pelo preconceito, é necessário sair do que chamamos de zona de conforto. Descobrir outras possibilidades é nosso dever, pois o capitalismo se move a todo o momento, ele sim cria novas possibilidades, então não podemos parar, é preciso unir forças, abrir um panorama para compreender a complexidade desse processo e exercer seu papel transformador nessa sociedade que clama por mudanças. [4]

É impossível dar prosseguimento a um modelo de sociedade capitalista massacrante que elimina comunidades, envenena nosso alimento, expropria terras, desumaniza as relações, explora trabalho, desterritorializa pessoas e comunidades, deslegitima os processos autônomos e acumula capital. A menos que queiramos um desenvolvimento pela morte, não há outra saída que não a revolução pela vida.

### Referências

HOLMGREN, David. **Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade**. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013.

[4] 1. Ailton Krenak e o sonho da Pedra. Parte 1 – [YouTube](#) 2. [Texto para leitura: “O Nó da Terra”](#)

[www.oquequeremosparaomundo.com.br](http://www.oquequeremosparaomundo.com.br)

